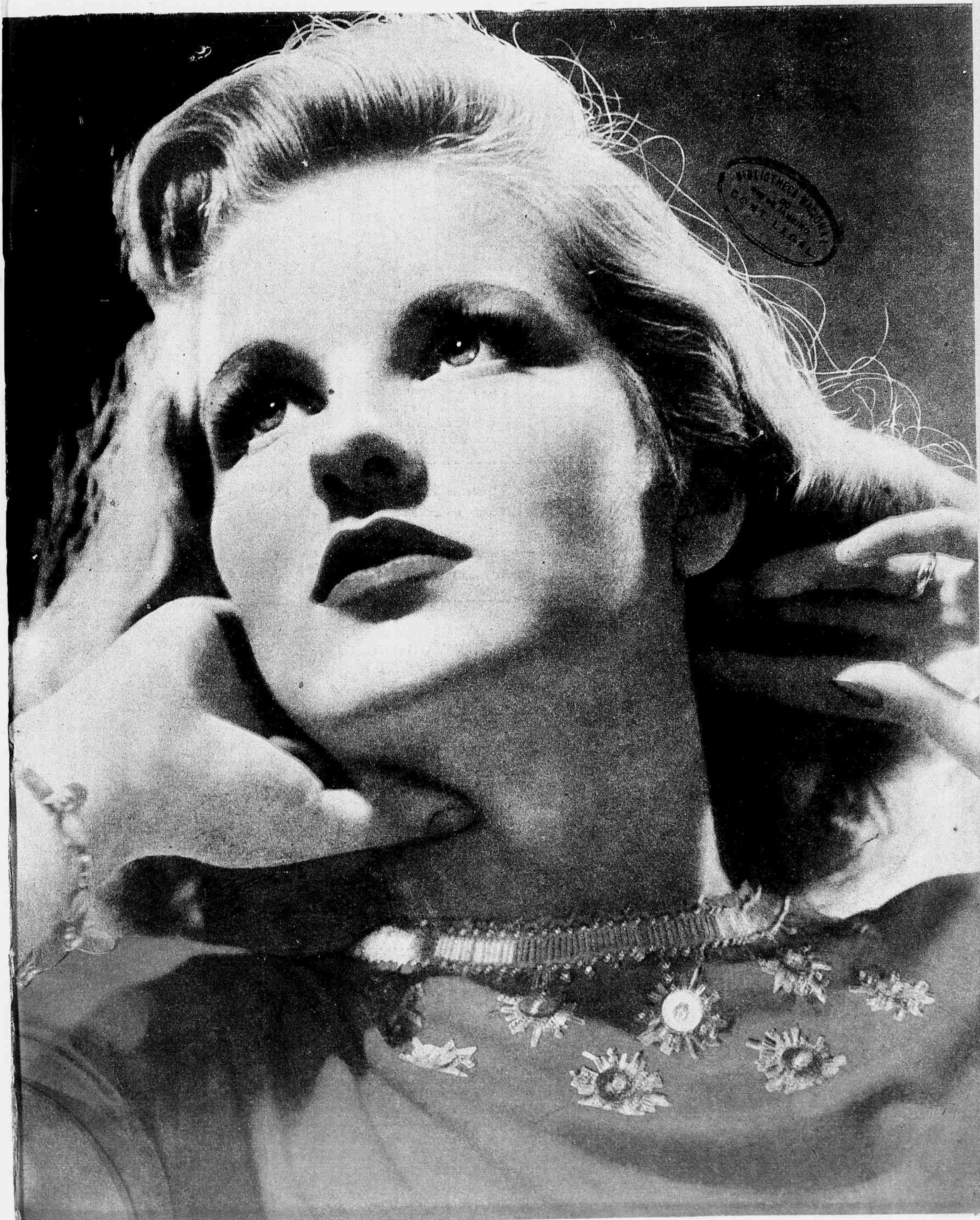


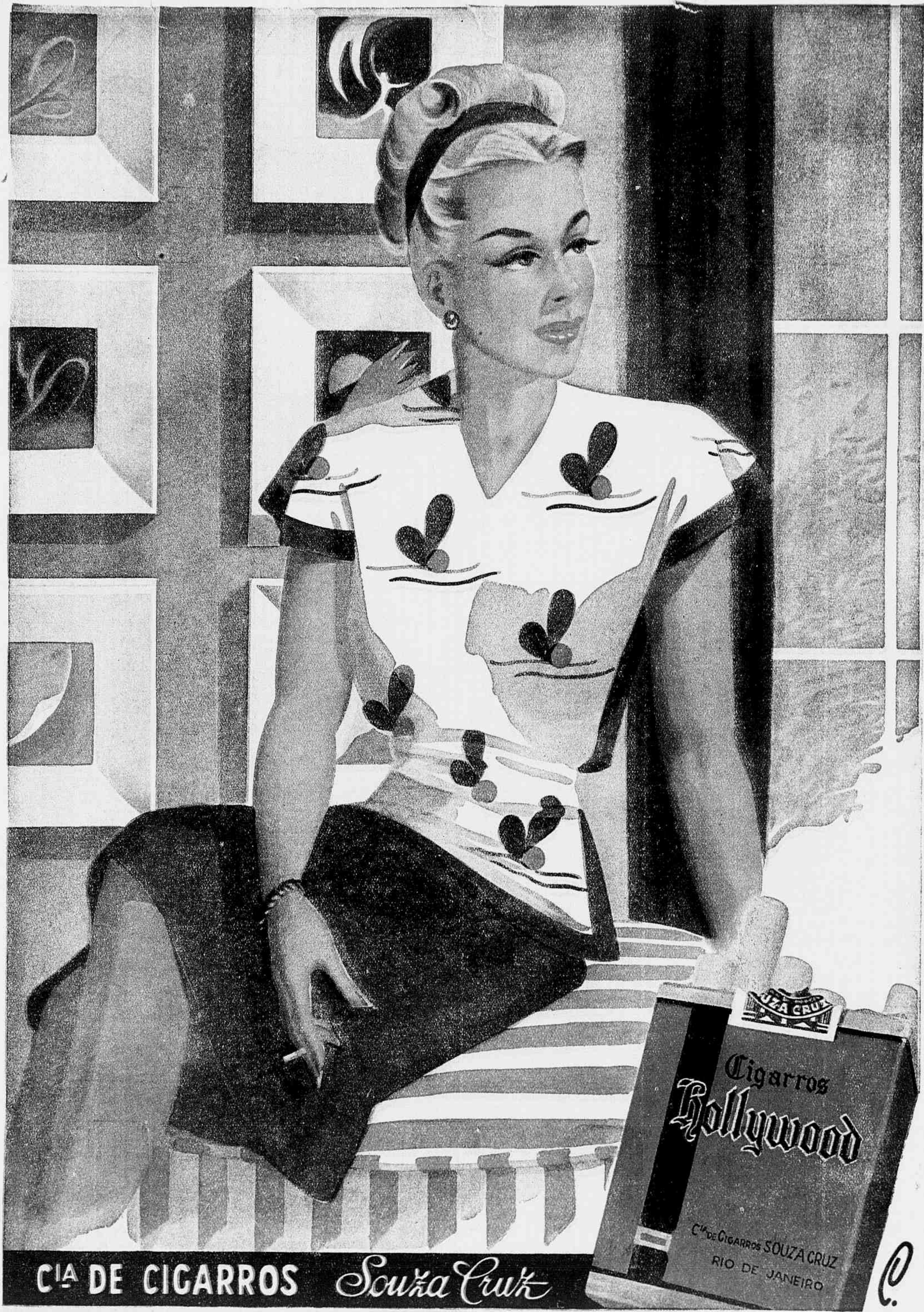
REVISTA DA SEMANA

N.º 43

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

25-10-47





CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

Cigarros
Hollywood

CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO

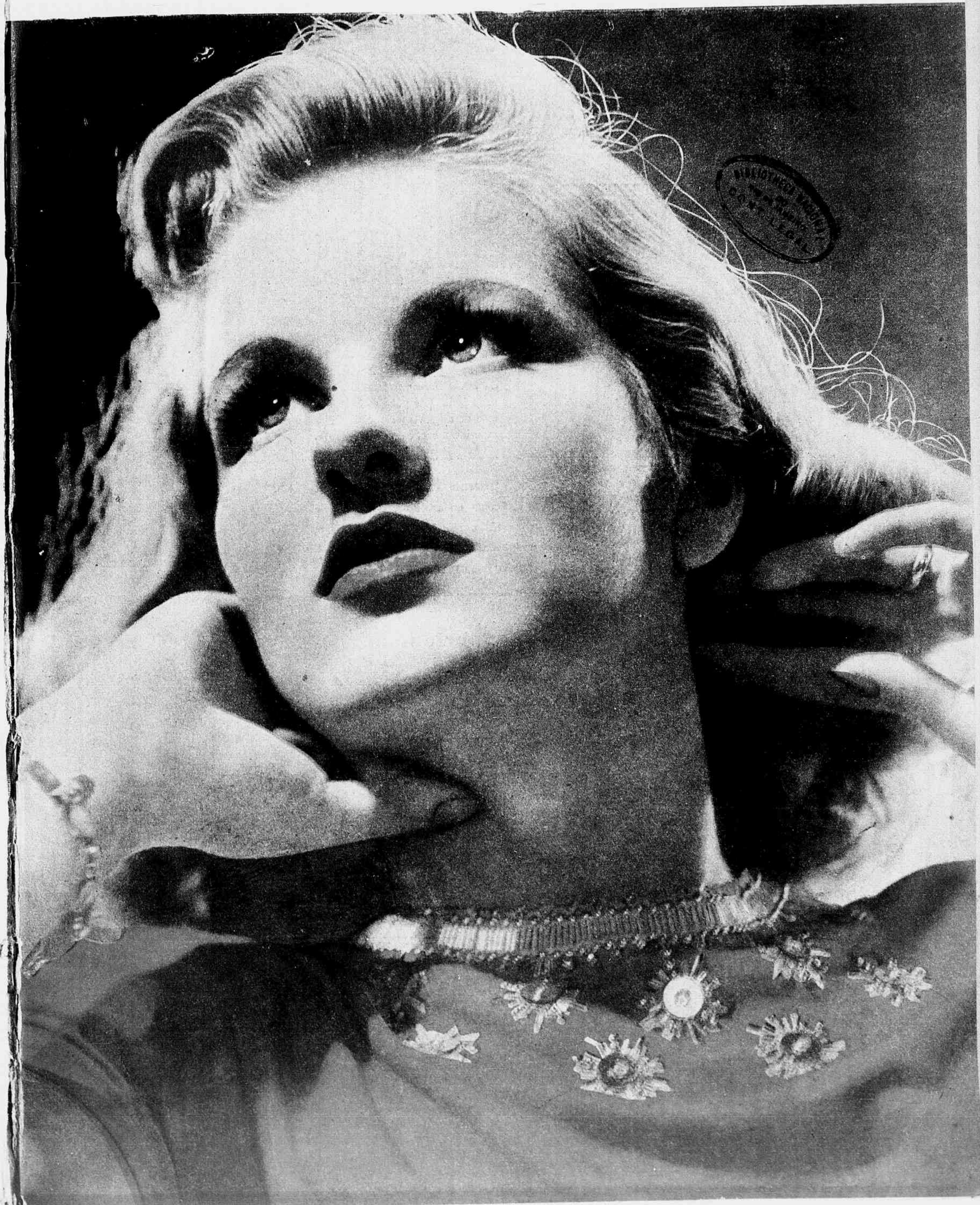
®

REVISTA DA SEMANA

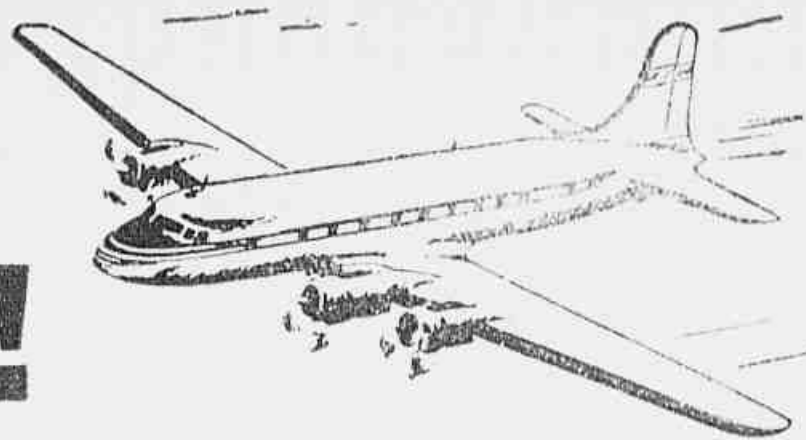
N.º 43

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

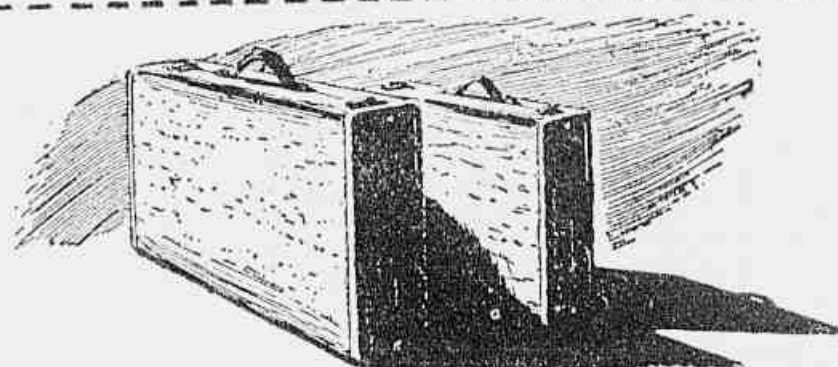
25-10-47



Vôe por Clipper ...é mais fácil!



Descanse... Quando você embarca num *Clipper* gigante, sinte-se descansado e seguro, porque as tripulações de um *Clipper* são as melhores do mundo... o treinamento, experiência e capacidade de que dispõem tornam cada viagem por *Clipper* inteiramente segura, cheia de prazer e conforto.



Esqueça... todos os detalhes incômodos relativos à sua bagagem, numa viagem por *Clipper*. A PAA assegura-lhe que ela será transportada cuidadosamente durante toda a viagem. E traga quanta bagagem quizer — os primeiros 25 quilos serão transportados sem despesa... e nas bagagens acima de 25 quilos, cobra-se uma pequena taxa.



Conte... a sua família os momentos maravilhosos de sua viagem aérea — a melhor possível, a bordo de um *Clipper* da PAA. Para sua família, viajar por *Clipper* é muito mais fácil... até para os bebês, para os quais dispomos de alimentos especiais, cuidados especiais, atenções especiais a bordo de cada *Clipper*.

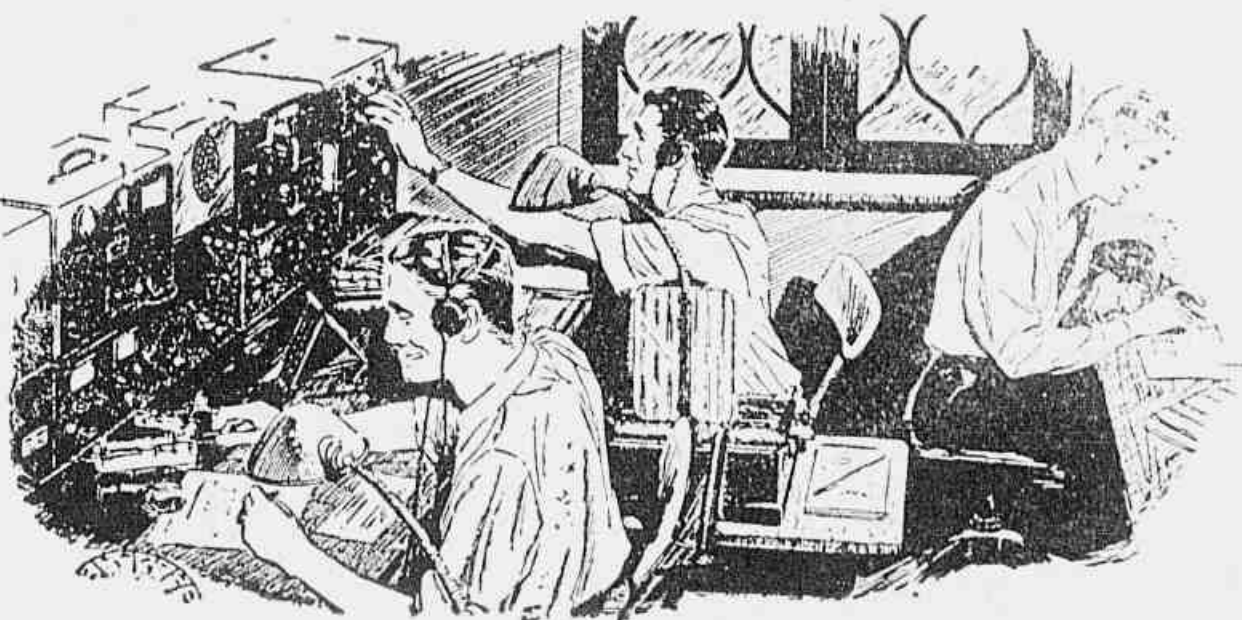


Desfrute... os luxuosos serviços da PAA, tanto na terra como no ar. Para que você viaje com prazer e conforto, por todo o percurso, a PAA mantém agora confortáveis hotéis, em pontos convenientes, ao longo de sua extensa rede internacional.

Vôe pela PAA... experiência sem PAR!

Confie... na Pan American World Airways, cujos técnicos capazes estão ao par dos mais recentes aperfeiçoamentos da ciência aeronáutica e dispõem dos mais modernos instrumentos... outra razão por que a PAA oferece os padrões mais elevados em Transporte Aéreo. Quando um *Clipper* gigante levanta vôo, esses instrumentos precisos e técnicos capazes, estacionados em diversos pontos de sua rota, estão em constante alerta para salvaguardar sua jornada pelos céus do mundo.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS



A Rede dos Clippers Voadores

Alasca — Antígua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica —
Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao —
Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana
Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway —
Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia
— Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana
— República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam —
Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucon (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.



E NQUANTO no Rio o sr. Raul Fernandes, ministro das Relações Exteriores, reunia os líderes dos partidos políticos, para fazer uma sondagem a propósito de como poderia repercutir o propósito, em que estava o governo, de cortar relações diplomáticas com a Rússia, em São Paulo reuniam-se também as diversas correntes, mas em separado, para discutir as candidaturas a vice-governador, que estão apaixonando violentamente a opinião bandeirante. No PTB, — vejam que união e que disciplina! — houve até socos e bofetões, porque alguém falou em adesão à candidatura do sr. Novelli Junior, deputado federal e aparentado do presidente da República. Depois de todo o bafafá, retirando-se vários próceres do recinto, ficou deliberado que D. Getúlio I, o "paizinho" dos petebistas, é quem dará a ordem real a respeito, indicando qual o candidato. Diziam, entretanto, que D. Getúlio apoiaria o sr. Cirilo Junior, que, segundo se diz, terá também os votos dos comunistas, ou "ex-comunistas", uma vez que estão sem partido agora. No Rio, a candidatura do sr. Cirilo Junior foi aprovada por unanimidade pelos maiores do PSD, com o sr. Filinto Müller entre eles. Assim, parece que o senador Luis Carlos Prestes e o senador Filinto Müller, o ex-presos político e o ex-carcereiro da rua da Relação, encontraram no sr. Cirilo Junior um denominador comum. A União Democrática Nacional vai correr o páreo sozinho, tendo o deputado Plínio Barreto, ilustre jurista e homem de imprensa, como seu candidato. O sr. Novelli Junior já foi registrado pelo PSP, do sr. Ademar de Barros, e pelo PTN, do sr. Hugo Borghi. O sr. Cirilo tem a seu favor o PSD, o PRP e outros. Enquanto isso não se decide, para que se saiba com quem esta a força política em São Paulo, no Estado da Paraíba a UDN fez uma verdadeira "razzia" durante as últimas eleições municipais, elegendo os prefeitos de nada menos de 18 municípios contra 4 do PSD. Isso demonstra que o povo paraibano está satisfeito com o governador Oswaldo Trigueiro, que foi candidato da UDN, resolvendo prestigiar em toda a linha a sua ação e a do partido que o indicou. No Estado do Ceará, num ato de puro arbítrio, o secretário de Polícia e Segurança, major Ferreira, impediu a circulação de um novo jornal, o "Diário do Povo", que fora anunciado, tendo como diretor o jornalista Jader de Carvalho.

O jornalista apelou para a justiça, obtendo mandado de segurança, com parecer favorável do desembargador Arnaud Baltar, aprovado sem discrepância. A Associação Cearense de Imprensa formulou veemente protesto contra o ato violento daquela autoridade cearense, infringente da liberdade de imprensa. Como? "Gangsters" em Belo Horizonte? Não diga! Sim, é verdade. Aconteceu a 18 do corrente, no Cine Brasil, do jeito que se segue: "As 21 horas o sr. José da Mata, gerente do Cine Brasil, foi aos escritórios da administração esperar pelos colegas dos demais cinemas da empresa, a fim de recolher a fêria do dia. Qual não foi a sua surpresa ao encontrar um indivíduo vestindo macacão azul, com o rosto envolto em máscara e empunhando um revólver, que lhe impôs silêncio. Minutos depois surgiu o bilheteiro, a quem o larápio obrigou a ficar de mãos para cima.

Logo após apareceu outro bilheteiro, a quem foi imposta a mesma posição. Tendo sido levado em brincadeira, o ladrão desferiu uma coronhada na cabeça de um dos bilheteiros, pondo-o atordoado. Um vagalume apareceu no local e o gatuno desferiu-lhe um golpe, deixando-o em estado de choque. Dado o alarme, o gatuno fugiu para a sala de projeção, levando o pânico entre as pessoas que assistiam à sessão do cinema e apesar dos esforços da polícia para detê-lo, conseguiu o audacioso ladrão evadir-se. Ora, aí está. Então? Há ou não há "gangsters" em Belo Horizonte? No Rio, a polícia felizmente parece ter acordado do seu longo sono, — e assim é que estão sendo dadas batidas noturnas, com a prisão de duzentos e mais malfetores, ladrões e desocupados, durante uma só noite. Lembrem-se do crime da mala e do seu autor? Era Antonio Soares Bento, que, em Santa Tereza, matou uma de suas mulheres, por sinal a legítima, por insinuação de uma outra, fazendo dela postas que conduziu para Niterói, onde a enterrou no quintal da amasia. Pois bem: agora, o promotor público acaba de pedir para esse monstro a pena máxima, trinta anos de prisão. E aí está um crime em que mesmo o máximo da pena ainda nos parece pouco. Juri em dezembro. Se pegar trinta anos, o criminoso sairá da cadeia lá para 1977... Por menor prazo — questão de dias, ou talvez horas, — foram encanados pelo delegado Dulcídio Gonçalves vários pai-deiros e leiteiros que roubavam a população, bem como o pessoal da firma Soares Bastos & Cia., beneméritos do comércio negro do arroz... Nos Estados Unidos e na Inglaterra, está fazendo grande sucesso um livro do ex-secretário de Estado James Byrnes, dos Estados Unidos, "Falando francamente", no qual conta muitos segredos dos bastidores da política internacional. Já estão começando a ser negados alguns fatos, que Byrnes, entretanto, sustenta firmemente. Por exemplo: nesse livro, Byrnes aludiu a entendimentos sobre zonas de influência na Europa, segundo as quais a Inglaterra teria mão livre na Grécia. Essas declarações foram desmentidas, por funcionários do "Foreign Office", de Londres. Byrnes, entretanto, afirma que Churchill e seu ministro de Relações Exteriores, Eden, haviam alcançado um entendimento oficial em Moscou, sobre que a Rússia não interferiria se a Inglaterra tomasse uma atitude militar para "por fim às desordens internas da Grécia". Acrescentou que em troca "a Inglaterra reconheceria o direito dos soviéticos de assumir a direção da manutenção da ordem na Rumania." Disse ainda Byrnes que tal afirmação baseia-se em mensagem de Churchill e Roosevelt, do dia 8 de março de 1946. Na França, o RPF, — agrupamento do povo francês, orientado pelo general Charles De Gaulle, englobando várias correntes partidárias conservadoras, conseguiu grande êxito nas recentes eleições municipais, conquistando cerca de quarenta por cento do total da votação. Uma bela "reentrêe", a do general De Gaulle na política francesa. Para encerrar, um pouco de teatro. Além do sucesso memorável de Dulcina, em "A filha de Iório, no Municipal, acaba de se inaugurar o Teatrinho Intimo, de 150 lugares, em Copacabana, e o Teatro de Câmara iniciou seus espetáculos, no Glória, com "A Corda de Prata", de Lúcio Cardoso. Amaral Gurgel volta ao cartaz do Regina com "Rua Nova" e "Os Artistas do Povo", com Mario Brásini, Vanda Lacerda, Milton Carneiro e Alberto Perez à frente, vão aparecer, no Fenix, com "O Amor Que Não Morreu". Bibi Ferreira também vai voltar, com Procópio, em "Divórcio". Excelentes notícias, para os "fans" do bom teatro. E, agora, até o nosso próximo "show" na semana vindoura!



ROGER & GALLET
PARIS • RIO

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores-residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — O contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM AVIAMENTO RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 28

Foalheria

LUIZ R. RICART

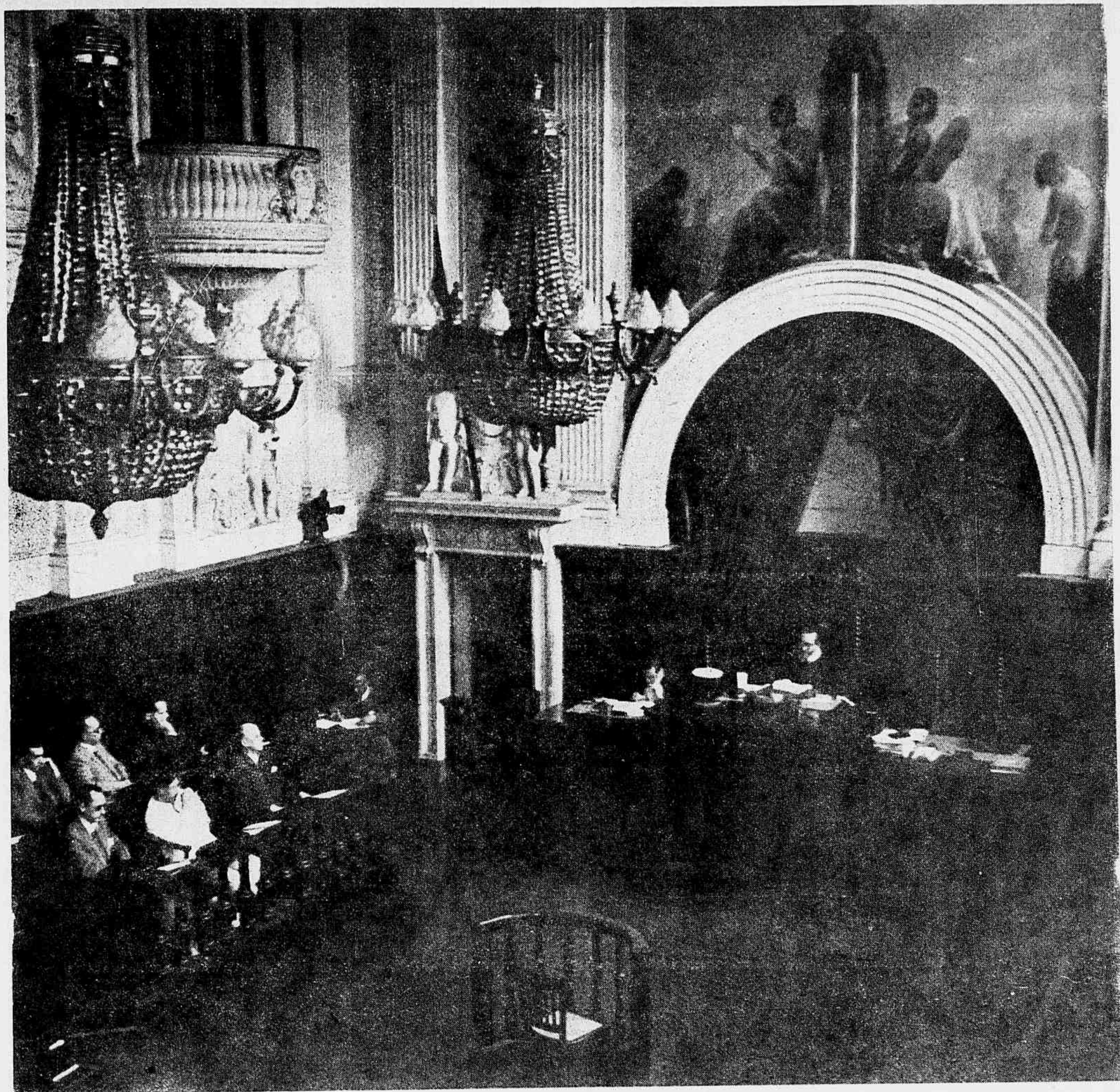
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES.



Em cima: O juiz Faustino Nascimento, momentos antes de dar início a uma sessão do juri. Ao seu lado está o rapaz encarregado de tirar de uma urna o nome dos sete jurados que formarão o Conselho de Sentença daquele dia. Realizam-se, atualmente, no Rio, doze juris por mês; há dois anos atrás, realizavam-se, seis apenas, índice certo do aumento da criminalidade de após-guerra. Em baixo: Da esquerda para a direita, a filha e a esposa do desembargador Sousa Carneiro, assistindo o juri de exceção, realizado em Julho p. passado no Supremo Tribunal Federal. O desembargador Sousa Carneiro fôra acusado da morte do advogado baiano Otávio Barreto. Foi este o segundo juri de exceção havido no Brasil, sendo o primeiro o do dr. Pontes Visguelro, ocorrido há muitos anos.





Um aspecto parcial do plenário do Tribunal do Juri do Rio de Janeiro. A esquerda estão os sete jurados formando o Conselho de Sentença. Ao centro, debaixo de um dossel, floa o juiz do Tribunal, tendo à sua direita o promotor público e à sua esquerda, o escrivão. Atras do dossel, dentro de uma espécie de nicho, encontra-se uma grande imagem de Jesus Cristo crucificado. Os jurados, escolhidos anualmente pelo Tribunal do Juri, podem ter qualquer crença ou mesmo nenhuma. Dizem que os adeptos da doutrina de Alan Kardec não condenam, seguindo um preceito da religião espírita que impede que um homem possa condenar a qualquer pena um seu semelhante.

RESTAURADA A SOBERANIA DO JURI POPULAR

UMA DAS CONQUISTAS DEMOCRÁTICAS DA NOVA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA — O FASCISMO ESTADONOVISTA QUIS MATAR O JURI E TIROU-LHE A FÔRÇA DOS JULGAMENTOS — COMO SE FAZ A ESCOLHA DOS JURADOS — A RESPONSABILIDADE DO CONSELHO DE SENTENÇA — O JUIZ, O PROMOTOR E A DEFESA — O ADVOGADO DE DEFESA CONDENOU A QUEM ESTAVA DEFENDENDO — A FAMOSA SALA SECRETA DEVASSADA PELA PRIMEIRA VEZ — OS "SCORES" DE 7 x 0 E DE 4 x 3 — "COMO PODERIA QUERER MATAR O HOMEM QUE EU ADORO, DOUTOR?" — "SOU 99% PELA CONDENAÇÃO", DECLARA-NOS UM JURADO — UM MAGISTRADO PERANTE UM JURI DE MINISTROS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.

Reportagem de NEY MACHADO

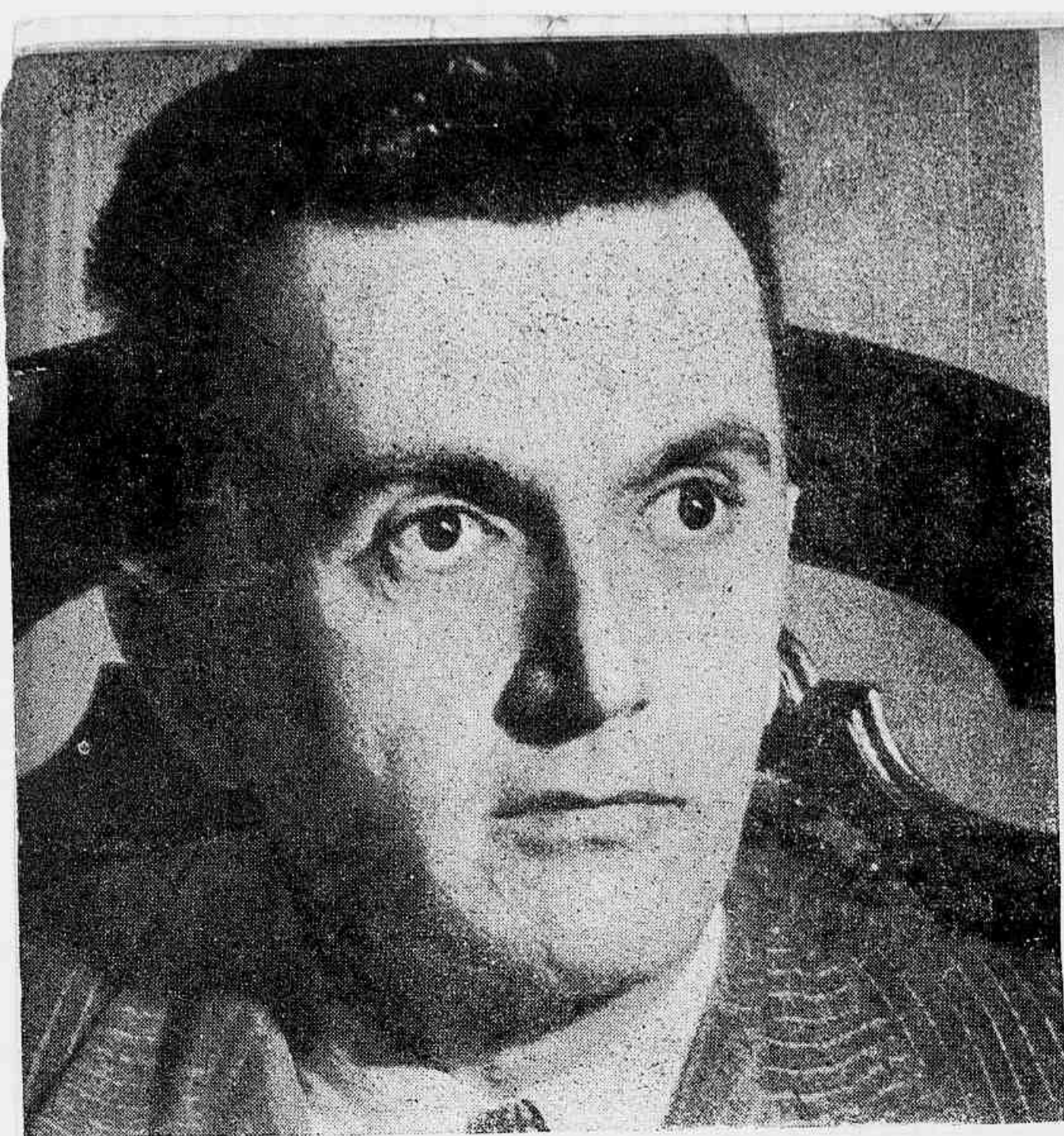
Fotos de ARNALDO VIEIRA

O Tribunal do Juri, segundo a opinião dos juizes, promotores, advogados e pessoas habituadas a frequentá-lo, é o mais democrático processo de julgamento. Tão democrático, que o ex-ditador Getúlio Vargas não o incluiu na sua "portaria" de 1937. E essa omissão acontecia pela primeira vez no Brasil. Deixou proposadamente,

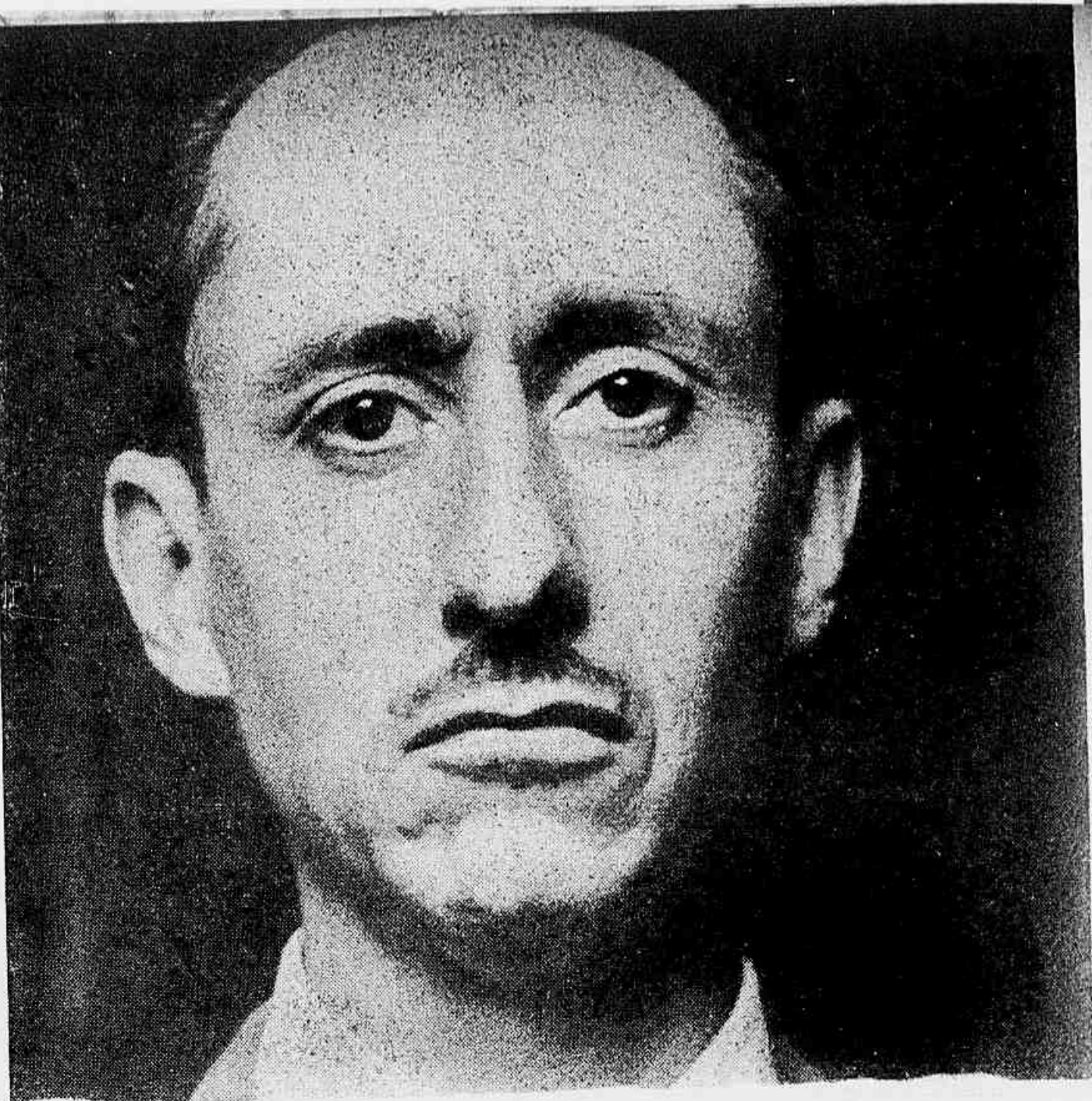
talvez, de incluí-lo para que fosse possível fazê-lo desaparecer, mais tarde. E isso por certo aconteceria se não fôra a mentalidade anti-fascista dos que militam no Fóro. Mas a Constituição de 37 fez outra coisa: extinguiu a soberania do juri. Quer dizer, tornou apeláveis suas sentenças, desde então passíveis de reforma por um tribunal su-

perior, tirando assim toda a força do julgamento eminentemente popular. Agora, a Constituição de 1946, votada pelos legítimos representantes do povo, incluiu o juri entre as instituições básicas, dedicando-lhe um dispositivo constitucional, e tornando-o novamente soberano, em suas decisões. Dele não se pode apelar para qualquer corte. Os

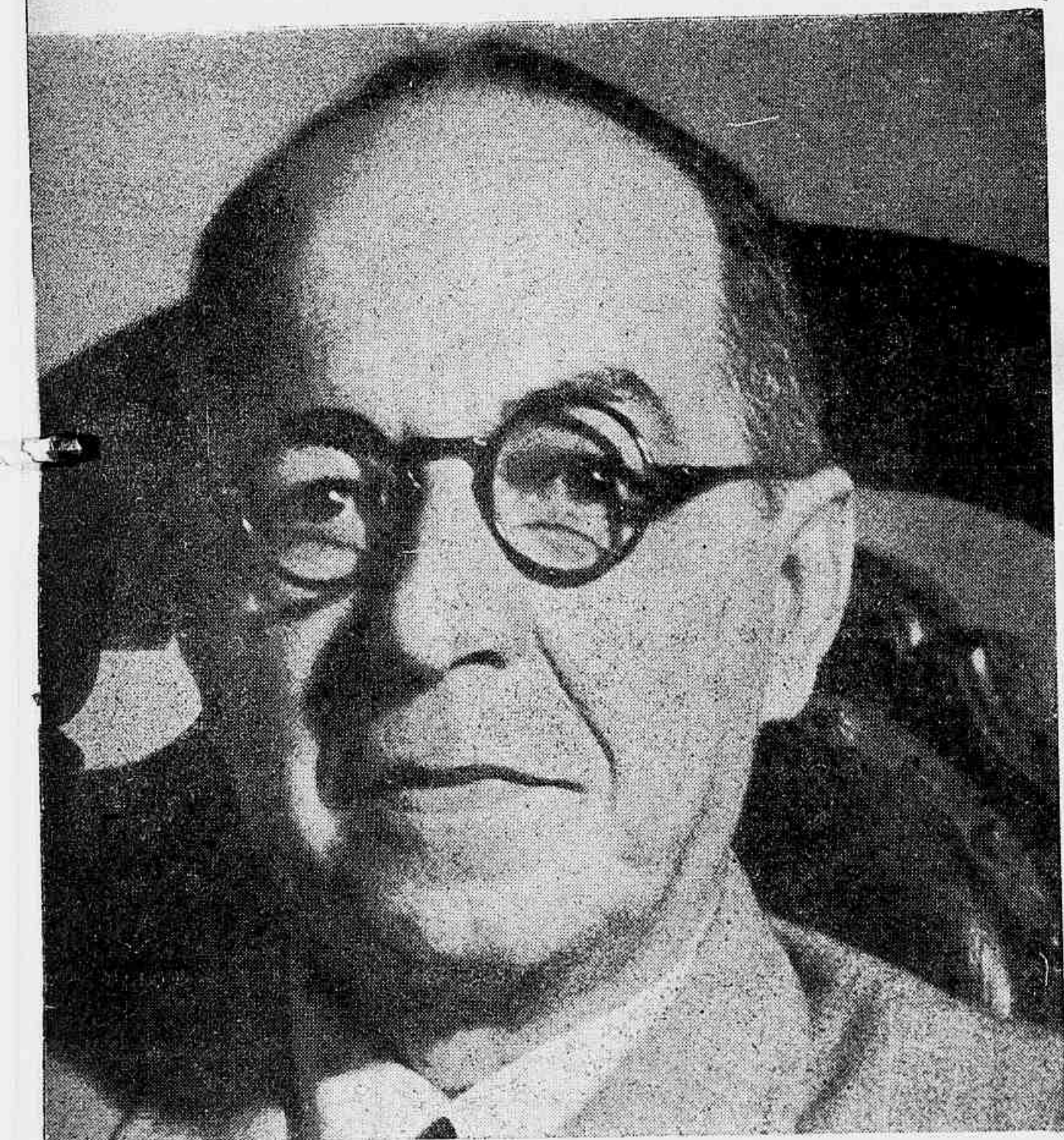
advogados e os promotores, podem, apenas, recorrer da extensão da pena (que é dada pelo juiz do Tribunal do Juri), pedindo diminuição ou aumento do tempo. Para que o povo conheça esta conquista democrática, para cujo exercício poderá ser chamado amanhã, fizemos esta reportagem, em que vamos contar o que é o juri no Rio de Janeiro.



Cincinato Galvão Ferreira Chaves, um dos jurados deste mês. Já foi recusado duas vezes pela defesa.



José Sérgio Majó de Oliveira, advogado, também jurado deste mês. Durante vinte anos foi promotor público.



Joaquim Assis de Barros. Por casualidade foi sorteado para todos os juris do mês de Outubro. "Record" difícil de ser conseguido.

A ESCOLHA ANUAL DOS JURADOS

Todos os anos, o Tribunal do Juri organiza uma lista com os nomes de quatrocentos ou quinhentos cidadãos. Essa escolha dos jurados para o ano jurídico que se inicia em 1.º de Outubro é feita pelo juiz ou por pessoas da confiança deste. Para ser jurado, é preciso, segundo a lei, ter mais de vinte e um anos de idade e notória idoneidade moral.

Em uma urna colocam-se os nomes das quinhentas pessoas e uma criança dela retira todos os meses vinte e um nomes. Essas vinte e uma cédulas são colocadas em uma urna menor e serão esses os vinte e um jurados que funcionarão durante aquele mês. Durante todas as sessões daquele mês todos os ju-

rados sorteados têm a obrigação de comparecer ao tribunal, onde, antes de cada sessão, é feita a chamada, pelo juiz, dos vinte e um nomes. Novamente uma criança retira da urna sete cédulas correspondentes aos jurados presentes e que constituirão o conselho de sentença. A acusação ou a defesa, se acharem conveniente, poderão cada uma recusar até três nomes. A recusa é feita sem que seja necessário apresentar qualquer motivo. Dessa possibilidade de recusar-se alguns dos jurados sorteados muito se valem os advogados nos juris do interior, onde conhecem perfeitamente a predisposição de cada um dos membros do conselho de sentença para absolver ou condenar. No Rio, a grande maioria dos jurados é absolutamente desconhecida da acusação e da defesa e por isto a recusa se observa muito raramente.



Alberto Woolf Teixeira. — "Sou noventa e nove por cento pela condenação nos crimes de morte". Que dirão disso os advogados de defesa?

VAI COMEÇAR A SESSÃO

Vamos descrever uma sessão recente, em que foi julgada a doméstica Elisa Cardoso Pena, acusada de tentativa de homicídio contra o seu ex-amante Oscar Guilherme Heimeister, corretor de imóveis. O delito ocorreu um ano antes, no dia 9 de Outubro de 1946, na rua Sacadura Cabral, bem defronte a um posto de gasolina, próximo à praça Mauá. A acusada, de acordo com seus depoimentos na polícia e em juízo, conheceu a vítima quatro anos antes, tornando-se sua amásia. Era separada do marido e ele, a vítima, era desquitado. Oito meses antes da tentativa de morte, Guilherme Heimeister abandonou-a. Elisa não se conformou. Continuava procurando-o e ele sempre negando a reatar as relações amorosas. No dia do

crime, Elisa tentou nova aproximação, telefonando para o escritório de Oscar. Nada conseguiu. Traçou então o plano criminoso. Atravessou a baía (morava no Hotel Imperial, em Niterói), trazendo na bolsa um revólver com cinco balas e foi esperar o ex-amante em frente ao posto de gasolina, na hora em que sabia que ele por ali devia passar.

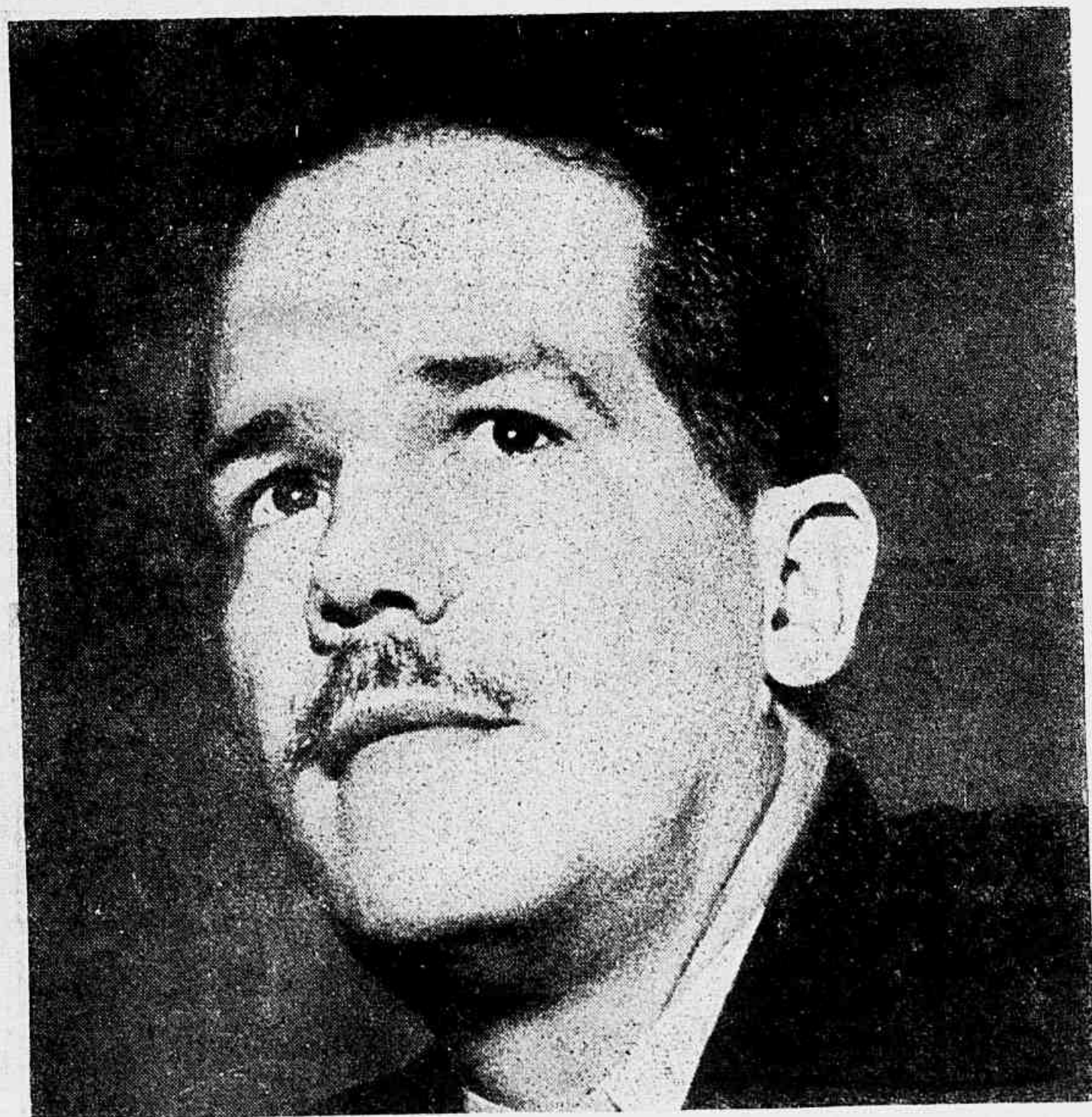
Vamos dar, agora, a palavra à vítima, seguindo as declarações prestadas em seus depoimentos. Quando atravessava a rua ouviu um estampido e sentiu um choque no braço. Pensou a princípio tratar-se de um acidente no posto de gasolina. Voltou-se e, então, viu Elisa, de revólver em punho, apontado para o seu peito. Jogou sobre ela duas pastas que conduzia e saiu correndo em ziguezague. Elisa atirou novamente, mas sem resultado. Nisso acorreram populares



Glaycon de Palva, outro jurado de Outubro. "Não me emocionou com sentimentalismos. Vejo, apenas, a parte objetiva do processo".



João Bruno Lobo, também atuando este mês no Conselho de Sentença. Jurado antigo, experimentado. Já decidiu e sempre com justiça — muitos dos vereditos do Tribunal do Juri.



Cid Braun Filho, atuando como jurado pela primeira vez, emocionado. "Acho que devemos olhar o criminoso com benevolência. Quantas vezes é a própria sociedade que o conduz ao crime..."

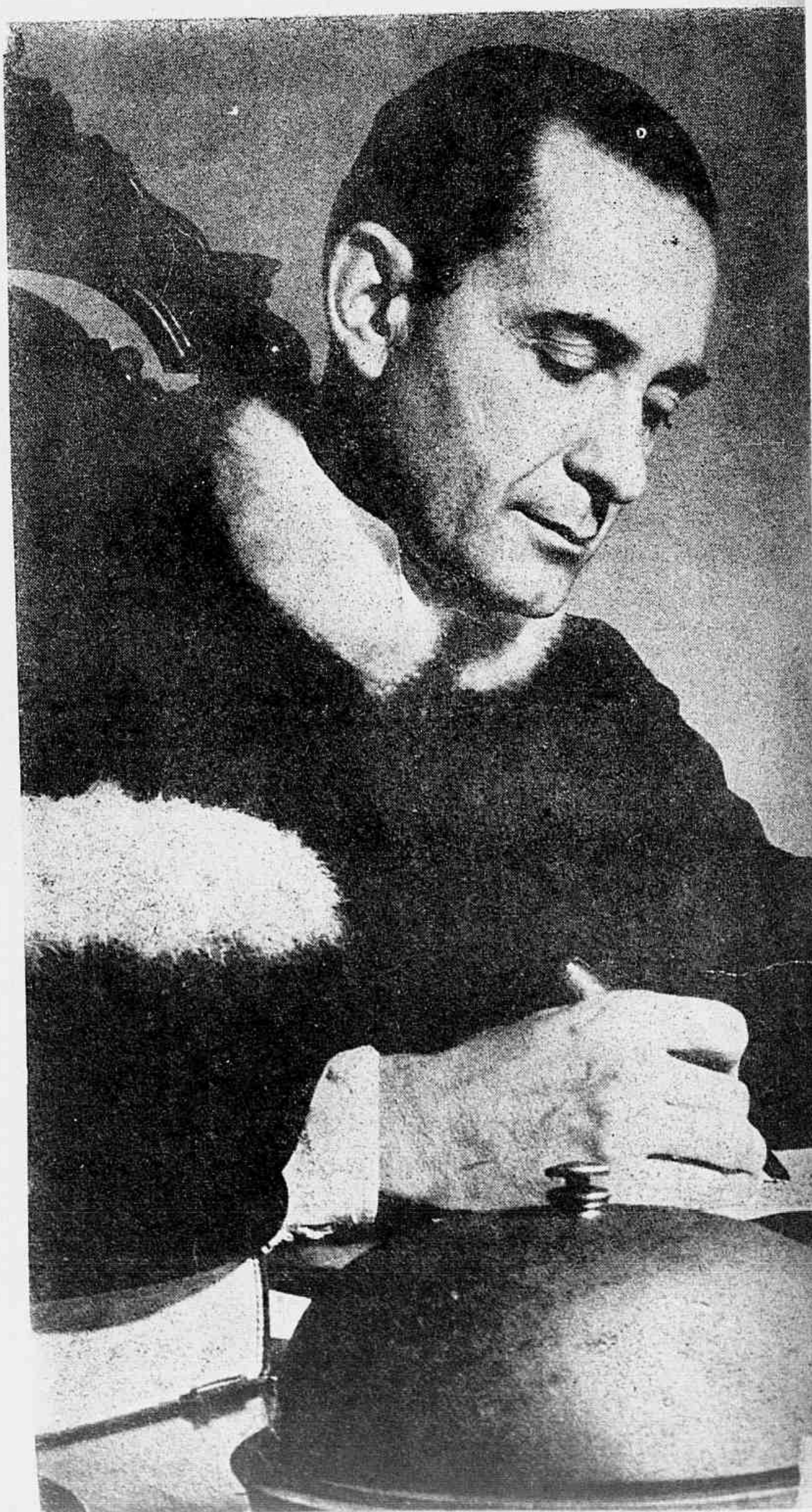
que a prenderam e a desarmaram. Estava cometida a tentativa de homicídio, e a ré enfrentou um ano depois os julgadores do juri. Sua sentença dependia daqueles sete homens silenciosos que tinha à sua frente. Seria condenada ou absolvida? Ninguém poderia sabê-lo até o fim da reunião na sala secreta.

NO BANCO DOS RÉUS

Quando se iniciou a sessão, ao melodrama em ponto, o juiz Faustino Nascimento chamou os vinte e um jurados. De-

pois do "presente", o porteiro do Tribunal, o conhecido "João do Juri", abriu a porta do plenário que se comunica com a sala de presos e chamou a ré. O juiz citou o julgamento em pauta e depois de colocar as cédulas na urna, fez o sortelo dos sete jurados. Nenhum deles foi recusado pela acusação ou pela defesa. Formado conselho de sentença, o juiz avisou-os, como de praxe, da obrigatoriedade da incomunicabilidade. Os jurados não sorteados nesse dia foram dispensados da sessão. Em seguida hou-

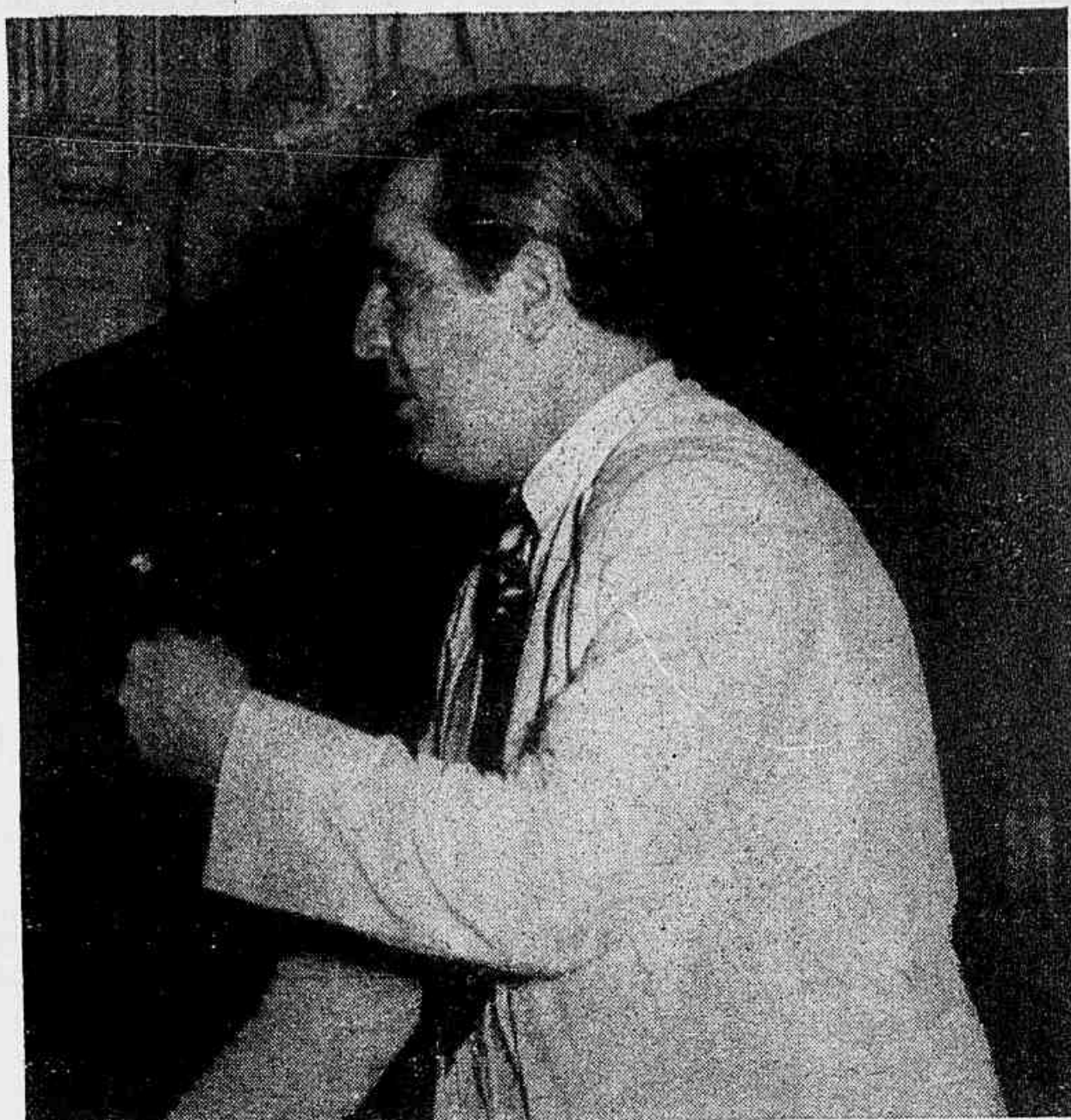
Uma fotografia rara: O juiz assina ainda na sala secreta a sentença do réu. O juiz Faustino Nascimento depois de selecionar as respostas dos jurados, dá o veredito, absolvendo ou condenando o acusado. Durante a reunião na sala secreta a expectativa aumenta no plenário. É difícil prever-se o resultado. Réu, advogados, promotor e assistência aguardam, na expectativa. Um voto, apenas, pode decidir da vida de um homem.





O JURI É UM ESPETÁCULO DRAMÁTICO — O juri é um espetáculo dramático, desenrolando-se de acordo com a técnica teatral. Estabelecem-se, primeiro, os antecedentes. Vem, depois, o debate, o conflito. Em seguida, a sentença, — ou o desfecho. Há um público para as sessões do juri, assim como para as novelas de rádio, para as peças dramáticas do gênero "Luz de Gás", para os filmes de mistério e emoção. Quem é o culpado? Será punido? Escapará à justiça? Eis o que prende a atenção do público dos juris. Há pouco houve um juri especial, no Supremo Tribunal Federal. Foi julgado um magistrado bairano, acusado de homicídio. Para os "fans" dessas peças de emoção, um caso desses vale mais que uma super-produção em têcnicolor. Há "fans" de advogados tão fervorosos quanto os de Clark Gable ou Errol Flynn. Nomes como os de Stenio Galvão Bueno, Bulhões Pedreira, Carlos de Araujo Lima, Evandro Lins e Silva, Alfredo Tranjan, Demétrio Haman, etc., significam casa cheia, abarrotada, sem lugar vazio, tal qual nos melhores tempos de Evaristo de Moraes, no passado. Em baixo, vemos a platéia de um juri comum, durante uma das sessões mais recentes e, em cima, a sala do Supremo Tribunal Federal, quando os mais altos magistrados do país se converteram em juri para julgar o desembargador Sousa Carneiro, do Tribunal de Apelação da Bahia, pela morte do advogado Otavio Barreto.





A esquerda: o promotor público doutor Marcelo Heitor de Sousa, durante uma sessão. Sua missão é espinhosa, pois a assistência sente, instintivamente, uma antipatia por aquele homem de negro que quase sempre está acusando e pedindo cadeia para o réu. Entretanto, muitas vezes o próprio promotor pede a absolvição do acusado. A direita: O advogado Alfredo Tranjan, quando da tribuna, defendia um seu constituinte. Há uma equipe de advogados que têm verdadeira paixão pela tribuna do júri e ali militam mais por entusiasmo do que por recompensas materiais. De todas as formas de advocacia, o trabalho no Tribunal do Júri é o que menos rende.

ve o juramento do Conselho de Sentença que a pergunta do juiz — "Prometem de acordo com sua consciência e com os ditames da lei constitucional fazer o julgamento deste processo?" — respondem — "Prometo". Na ocasião do juramento todos, inclusive a assistência, se põem de pé. Depois de assinada a presença dos jurados em folha especial, o juiz chamou a ré até à sua mesa e fez a identificação habitual — "Seu nome, profissão, idade, residência, etc., etc." Em seguida focaliza novamente o crime cometido — "Conhece a vítima? A arma usada foi esta? Foi presa em flagrante?" e outras perguntas mais. Depois desta espécie de ratificação do delito, o juiz Faustino Nascimento leu a acusação da promotoria.

JUIZ — A ré é acusada de tentativa de homicídio contra Guilherme Oscar Helmeister, etc... E' verdade?

RÉ — Atirei, sim senhor, mas sem intenção de matá-lo. Como poderia ter intenção de matar o homem que adoro? (palavras textuais).

Como se vê, a situação do conselho de sentença é sempre espinhosa, isto porque a vítima quase sempre nega a tentativa ou procura justificá-la. Acrescem as contradições dos depoimentos prestados. Geralmente os depoimentos feitos pelos acusados na polícia, diferem muito do que fazem em juízo. E, às vezes, na própria sessão, a acusada conta coisas novas. O jurado tem que ficar atento a todas as particularidades, pois

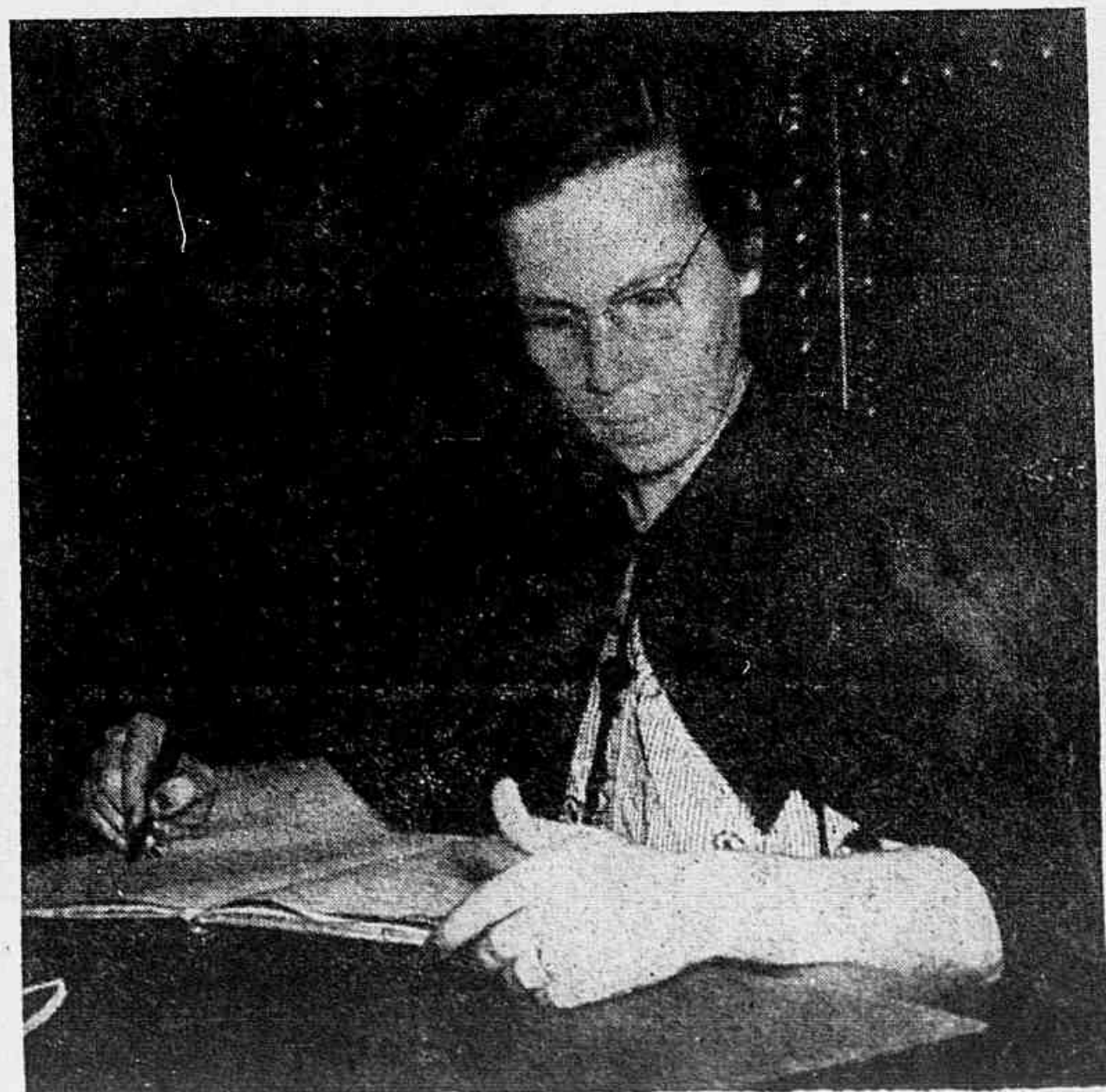
um erro de sua apreciação pode influir na sorte do réu que está sendo julgado.

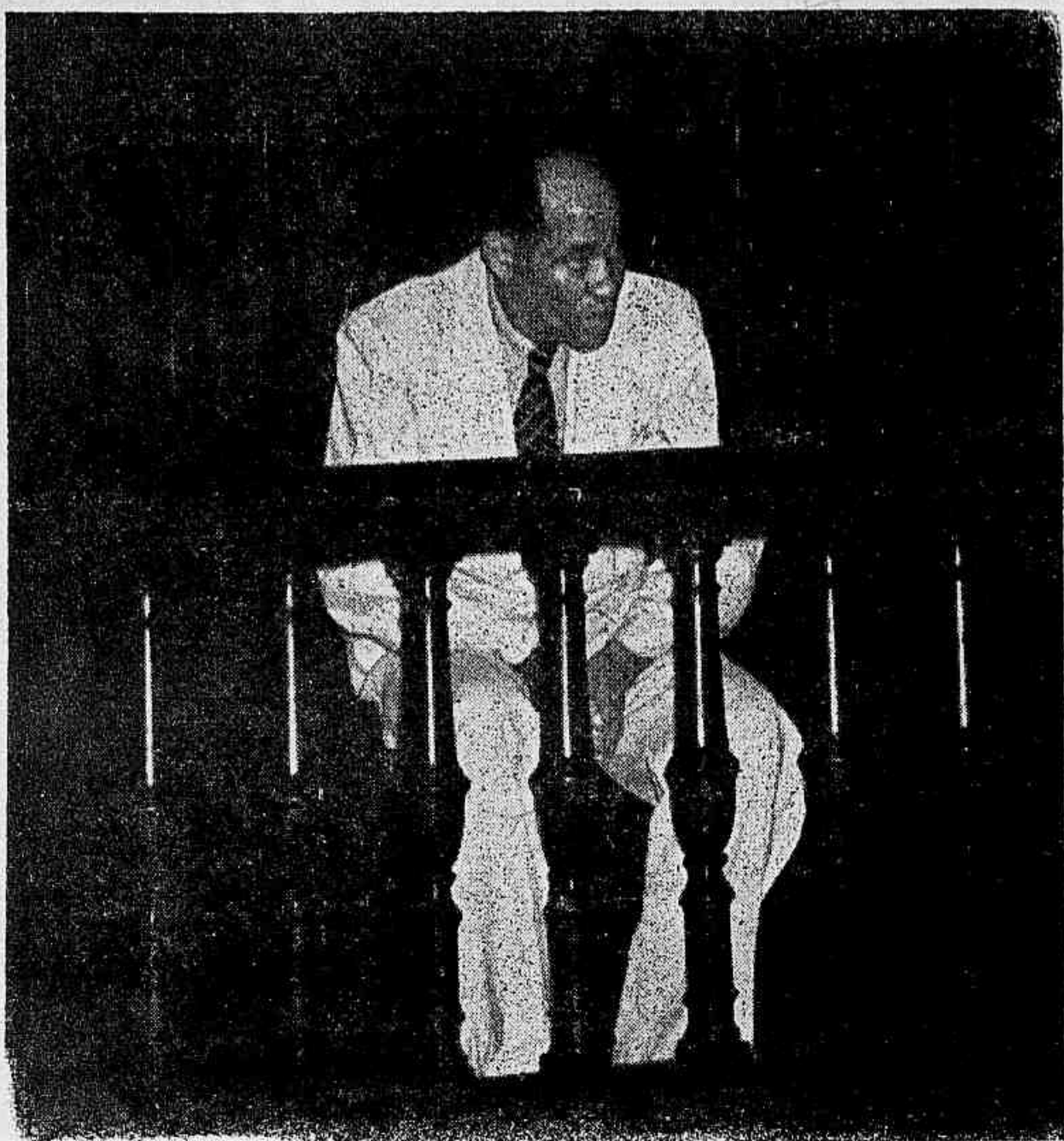
COM A PALAVRA O JUIZ

Vem depois a parte mais importante para a maioria dos jurados, a leitura do relatório. Este é o sumário de culpa, onde todos os fatos, pró ou contra o réu, são descritos sem paixão. E' uma leitura longa e um tanto cansativa para a assistência. No processo estão arrolados os vários depoimentos: do réu, das testemunhas, da vítima (se não se consumou o homicídio), dos peritos, dos médicos chamados a exame da sanidade mental do acusado, enfim, todas as provas possíveis para a qualificação do delito. Há relatórios cuja leitura se estende por duas horas consecutivas. Esta análise fria e serena que os jurados podem fa-

zer dos fatos é uma das grandes diferenças entre os nosso júri e o norte-americano. Nos Estados Unidos a formação do processo é feita na própria sessão (em plenário, como se diz juridicamente). A acusação e a defesa, em presença dos jurados, produzem as provas, ouvem as testemunhas, interrogam os técnicos e peritos, fazem demonstrações sensacionais. Por isso tem o júri naquele país aspecto mais espetacular, com lances ainda mais teatrais, onde surgem surpresas a cada interrogatório. O imprevisto na apresentação de provas técnicas ou testemunhais constitui, nos Estados Unidos, o elemento principal para assombrar e embarçar não só a defesa como os próprios jurados. No Brasil, ao contrário, nenhuma das partes pode ler ou trazer documento algum à sessão de júri

A esquerda: Regina Maura Correia, quintanista de Direito, já atua como auxiliar de advogados no Tribunal do Júri. A defesa que fez com referência à tentativa de homicídio de Elisa Cardoso Pena foi o seu quinto caso. Embora em nenhum deles tivesse conseguido a absolvição do réu, está satisfeita consigo mesma, pois "a diminuição da pena é, por vezes, uma grande vitória para nós". A direita: A escrivã do 1.º Cartório do Tribunal do Júri. Há dois cartórios no Tribunal que se revezam mensalmente na distribuição dos processos para o julgamento em plenário.





A esquerda: a foto fixou a expectativa que se reflete no semblante do réu, quando este vê voltar o juiz da sala secreta para a leitura do veredito. Inocente ou culpado? No caso de condenação, quantos anos de presidio? São esses os momentos ansiosos que se cristalizam na mente do acusado. A direita: a ré Elisa Cardoso Pena acusada de tentativa de homicídio contra o seu ex-amante Oscar Helmeister. Foi condenada a três anos e um mês de prisão.

sem que disso tenha dado ciência à parte contrária com uma antecedência mínima de setenta e duas horas. O que diminui em sensação e espetáculo, aumenta em garantia do direito de defesa e em segurança. Contudo, nossos jurados têm, apesar da minuciosidade do processo, a faculdade de pedir a presença em plenário, de testemunhas e de peritos, enfim do que julgarem necessário à elucidação do fato. Diga-se de passagem que isto é incomum. Geralmente os jurados se contentam com os fatos apresentados no processo e com as razões lembradas pelos promotores e pelos advogados de defesa.

FALA A ACUSAÇÃO

Depois de lido todo o relatório pelo juiz do Tribunal do Juri, este dá a palavra ao promotor público. O Ministério Público é, geralmente, representado no Tribunal do Juri do Rio por dois promotores. É uma missão nem sempre simpática e quase sempre mal compreendida pelo público. Sua função não é, como muitos pensam, a de acusadores sistemáticos. Têm a missão de defender com bastante zelo os interesses da coletividade contra a periculosidade dos criminosos ou de possíveis criminosos. O doutor Marcelo Heltor de Sousa, um dos

promotores do Tribunal do Juri do Rio, em conversa com o repórter, esclareceu:

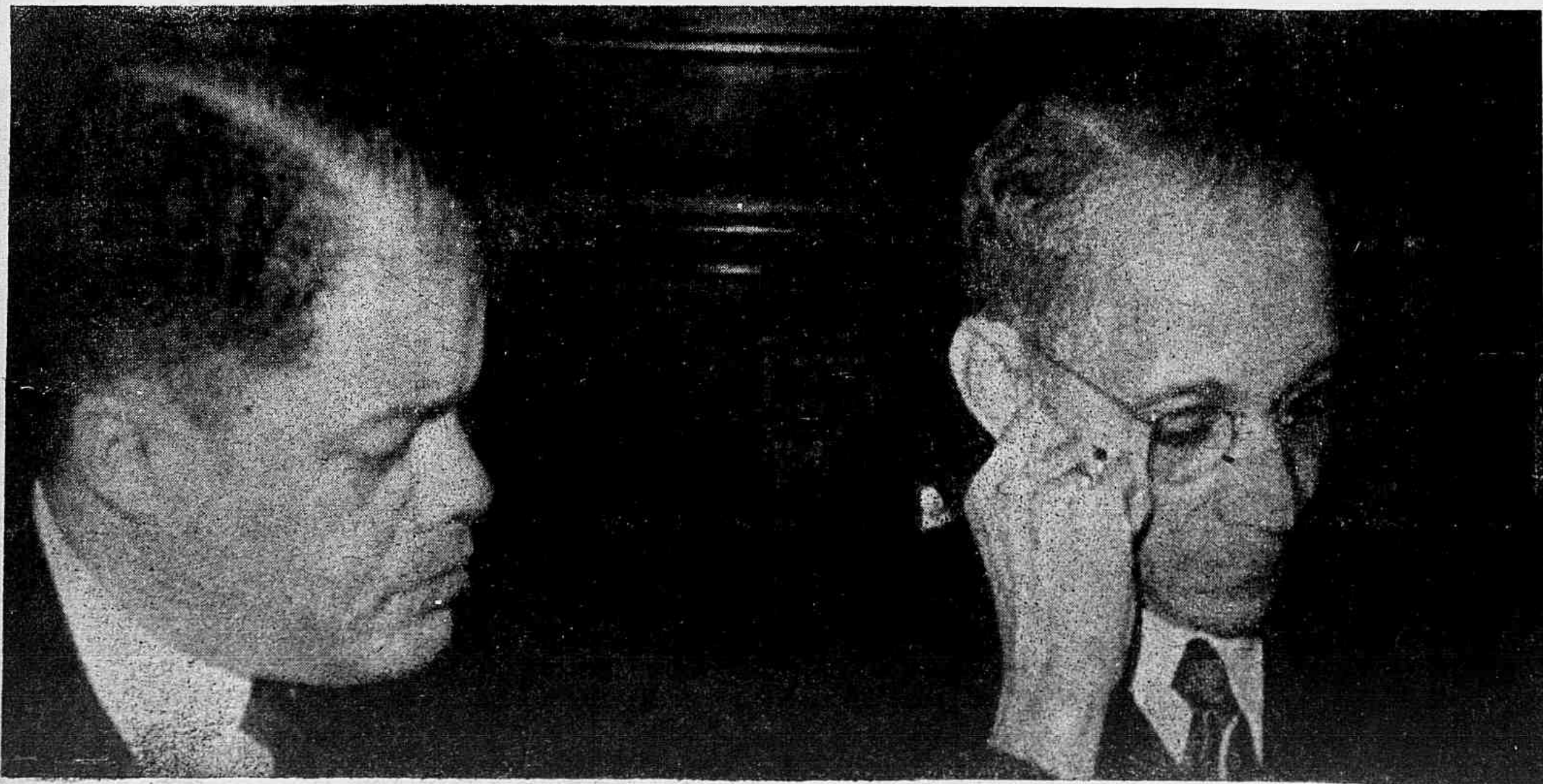
— É em nome desse interesse pela sociedade que o promotor é forçado, muitas vezes, a combater o sentimentalismo mal empregado que insiste em abrir as portas das prisões a cruéis e perigosos assassinos. O sentimentalismo, notadamente entre nós, brasileiros, reconhecidamente generoso e bom, é uma das grandes chaves que abrem as portas dos cárceres, às vezes injustificadamente. É preciso que estejamos em guarda, pois é mais fácil apiedar-se de alguém que se tem bem perto — o réu — do que de alguém que está longe, enterrado. O

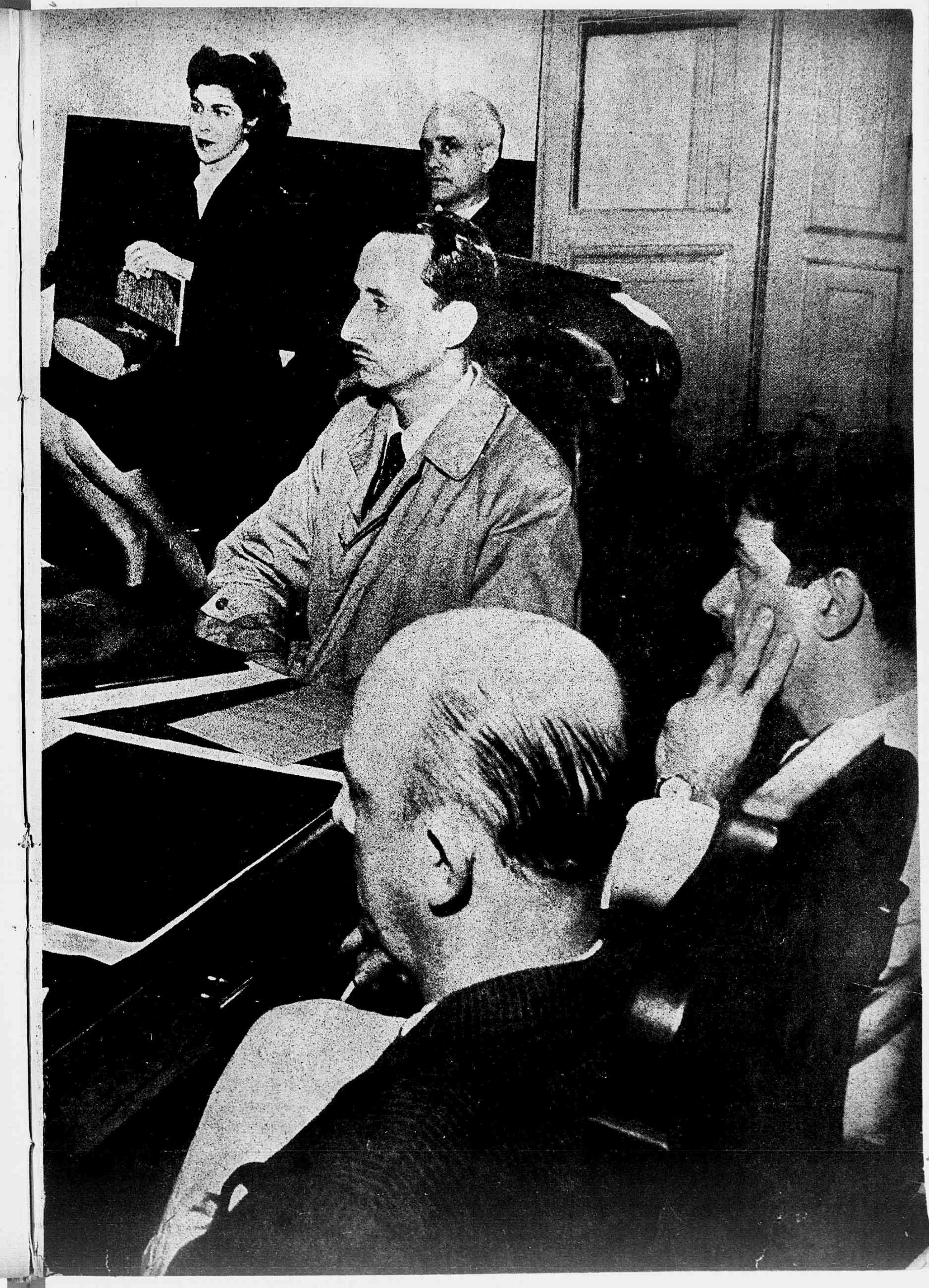
promotor, porém, não acusa, apenas. É comum ver-se no nosso Tribunal o promotor pedir a absolvição de um réu, como tantas vezes tem feito o meu colega de promotoria, o "feroz" e brilhante doutor Cordelro Guerra.

Nós mesmos tivemos ocasião de verificar isso. Em uma sessão que assistimos, o doutor Marcelo de Sousa pediu ao conselho de sentença que absolvesse o réu, para que este fosse internado em um manicômio, em lugar de uma prisão, visto tratar-se de doente mental. Também no caso da ré, cujo julgamento to-

(Cont. na pág. 55)

Em baixo: um flagrante que dificilmente se repetirá: o réu de um juri de exceção. A esquerda está o desembargador Edgar Joaquim de Sousa Carneiro, presidente do Tribunal de Justiça da Bahia que matou, no seu próprio cartório, o advogado balano Otavio Barreto. No juri de exceção, realizado no Supremo Tribunal Federal, onze ministros formaram o Conselho de Sentença. Ao lado do acusado está um dos seus advogados, o doutor Nelson Carneiro. Depois de uma sessão de sete horas consecutivas o desembargador foi absolvido por unanimidade. Na página à direita: uma das mais sensacionais fotografias sobre uma reportagem de juri: a famosa e inviolável sala secreta, fotografada durante o julgamento do réu pelo Conselho de Sentença. Nesta sala entram apenas os sete jurados, o juiz, o promotor, o escrivão e os advogados de defesa. Nenhuma palavra pode ser trocada entre os jurados. A nossa objetiva mostra três dos jurados e, ao fundo, os advogados de defesa.







Ponta de agulha

DESDE o dia em que espetara, por descuido, uma agulha no braço, o pobre do Borba, alfaiate da moda naquela cidadezinha do interior, nunca mais tivera sossego. Vivia atormentado. Pensava dia e noite no perigo que corria, si realmente a ponta da maldita agulha tivesse ficado encravada nas suas carnes. Sabia, sabia perfeitamente que ela lhe percorreria o braço, passaria pelo ombro e, por fim, quando menos esperasse, atingiria o coração. Aí então, o desventurado mestre da tesoura se esvairia em sangue, e iria para a "cidade dos pés juntos". Tinha plena consciência disso. Ouvira falar que muitas pessoas haviam morrido da mesma forma. Oh! Era horrível aquilo!

E o Borba, a testa sempre franzida numa ruga de apreensão, jamais deixava de pensar no caso. Aquela ponta de agulha era a suprema agonia de sua vida.

As vezes, sua mulher o censurava:

Ora, nego! Tu não tens é nada nesse braço. Tudo isso é cisma

tua, agora

Ah! Ele ficava furo de raiva. Quase que espancava a companheira. E mesmo, não se deixava levar pelas advertências de quem-quer-que-fosse. Estava certo, certíssimo, de que a ponta da agulha se achava alojada nas suas carnes e ninguém o convenceria do contrário. Cisma? Uma banana! Pois si até já sentia dores no braço ferido! Dores atrozes, que o perseguiram de manhã à noite. Aquilo — explicava o homenzinho — era a ponta de agulha que estava caminhando pelo braço. Não tardaria muito para que chegasse ao coração e "pum!", ele estouraria como um balão. "Mas, não! Isso é que não!" — exclamava o nosso ilustre alfaiate. E eis que um dia abraçou firme a resolução de consultar um médico. Foi meticulosamente examinado. O médico mandou-o ao hospitalzinho da cidade, para que tirasse uma chapa do braço em questão. Apurados os resultados do minucioso exame, verificou-se que o examinado não tinha nenhuma pon-

ORLANDO
MATTOS

ta de agulha no braço. Ainda assim, o Borba não se conformou.

— Mas, doutor! — choramingava ele — Eu tenho...

— Já lhe disse! — reprochava, zangado, o médico — O senhor não tem nada no braço. Pode ficar sossegado!

— Mas doutor! E essa dor que eu sinto no braço, donde vem?

— Ora, seu Borba! Isso é pura impressão sua!

— Impressão! Pois sim!

E, saiu do consultório do médico, bufando de raiva, as faces congestionadas, os olhos deitando faíscas. "Naturalmente — dizia de si para si — esse camarada não come nada de medicina. Deve ser um facão, no mínimo. Impressão! Imagina só!"

Incansável na obstinada idéia de curar-se, o mestre da tesoura não desanimou. Procurou outros médicos. Fez novas radiografias. Mas todos os diagnósticos não eram mais do que uma reprodução exata do diagnóstico do primeiro exame. Contudo, o desditoso alfaiate continuava às voltas com a sua dor no braço e

aquela arraigada idéia de que a ponta de agulha estava encravada nas suas carnes. Não tinha um minuto de sossego. Vivia se lamentando para a esposa e para os clientes. Passava noites inteiras em claro, pensando no perigo a que estava exposto. Via a morte a cada passo. Perdia, pouco a pouco, o apetite. Agora, já não tinha ânimo para nada. Ah! Aquilo dava para deixar o homenzinho maluco!

Certo dia, a mulher do Borba, conversando com o Dr. Sombra, que, como todos os médicos distintos da localidade, fazia parte da clientela do alfaiate da moda, contou-lhe o caso, com todos os seus pormenores. E também lhe pediu para "dar um jeito no coitado". O doutor, apesar de ser psiquiatra e, por conseguinte, quase nada entendido na matéria, prontificou-se a examinar com o máximo escrúpulo o desenganado paciente.

Nova radiografia. O radiologista do hospital fê-la com a cara mais azêda deste mundo. Já estava farto de tirar chapas do bra-

ço daquele idiota. Ele que fôsse pentear macacos!

O diagnóstico do novo exame, como os apurados nos exames anteriores, foi negativo. Mas dessa vez, até o médico se mostrou obstinado. Tomou da chapa e bancou o radiologista. Virou-a de baixo para cima, de trás para a frente, e vice-versa. Olhou-a à luz do sol e à sombra. Pois tanto mexeu, tanto olhou, que acabou por descobrir, não se sabe como, uma mancha escura que revelava a presença da ponta de agulha no braço do paciente. Sem demora, lançou mão de seus instrumentos cirúrgicos e se pôs a esgaravatar o braço do Borba, como uma galinha no terreiro. A operação era coisa ligeira. O caso não apresentava gravidade alguma. O doutor exigiu, entretanto, que ele virasse o rosto para o lado, a fim de não ver o corte produzido pelo bisturi.

— O senhor pode desmaiar — explicou ele — e um desmaio assim de repente vai atrapalhar a operação.

(Cont. na pág. 56)

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"







Na página ao lado: Dulcina de Moraes, a grande atriz brasileira, tal como se apresenta no primeiro ato da tragédia de D'Annunzio, no papel de Mirla de Condra, a filha de Iorio. Em cima: uma cena do terceiro ato, quando o povo-julgador passa a sentença de morte contra Mirla, que terá de morrer na fogueira. Em baixo, um detalhe do coro de mulheres carpindo a morte de Lázaro de Rolos e o destino de Aliglo, o parricida.

Inaugurado o Teatro de Arte do Rio de Janeiro

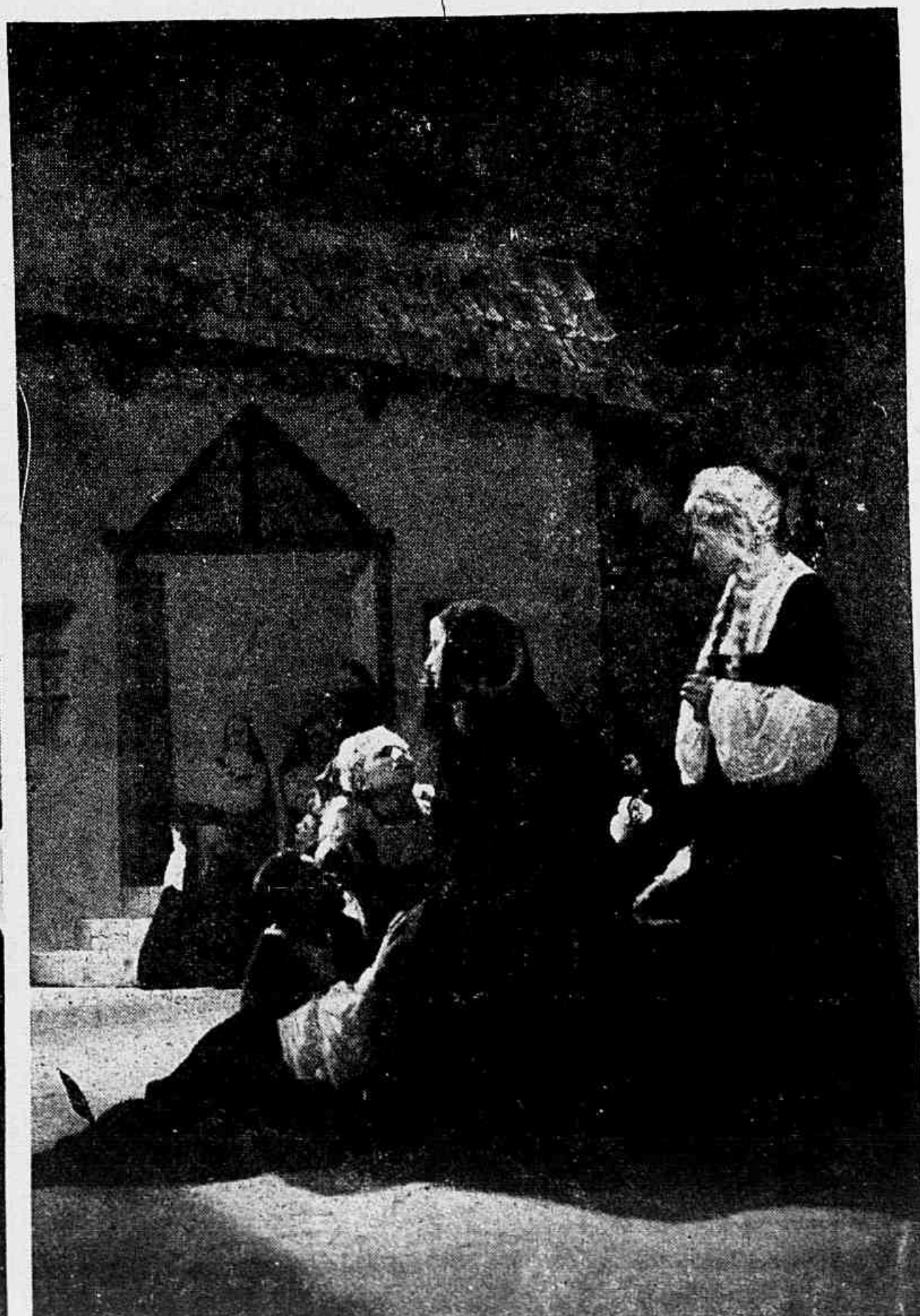
SAUDADO COM ENTUSIASMO PELA CRÍTICA E PELO PÚBLICO O REAPARECIMENTO DE DULCINA NO MUNICIPAL

A crítica e o público saudaram com verdadeiro entusiasmo a reaparição de Dulcina, no Municipal, a frente do Teatro de Arte do Rio de Janeiro, fundada pela ilustre atriz, com a colaboração da escritora Maria Jacintha, do cenógrafo Oswaldo Mota e do primeiro ator Odilon de Azevedo. Encenando magistralmente a tragédia "A Filha de Iorio", de Gabrielle D'Annunzio, em brilhante tradução brasileira, com um elenco de que fazem parte Aurora Aboim, Wanda Marchetti, Nicete Bruno, Mara Rubia, Zygmunt Turkov, Ribeiro Fortes, Luís Del-fino, Jardel Jercolis Filho, Paulo Lima, Liuba Vatnick, Ivete Rosolen, Benée Bell, Conchita de Moraes, — e mais uma dezena de figuras, realizou Dulcina, incontestavelmente, um dos mais belos espetáculos que o nosso público tem presenciado e que é, na verdade, digno de qualquer platéia culta do mundo. O gesto do prefeito da cidade, general Angelo Mendes de Moraes, que gentilmente cedendo o Municipal se associou a esse belo movimento de arte, — marco inicial da fundação da Academia Dramática projetada por Dulcina, — foi correspondido amplamente pela ilustre atriz, com a apresentação de um espetáculo que honra as tradições daquele teatro e dignifica a cena nacional!





Em cima: os atores Odilon Azevedo, Jardel Jercollis Filho e a atriz Dulcina de Moraes, dominando a cena capital do terceiro ato da tragédia de D'Annunzio, traduzida por Maria Jacinta. Em baixo: duas cenas do início do terceiro ato de "A Filha de Iorio". Na página, à direita: o ator Odilon de Azevedo, tal como se apresentou no primeiro ato da tragédia italiana, no papel do pastor Alígio, o trágico enamorado da filha de Iorio.





A VIDA DE FRANZ SCHUBERT

(1797-1828)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).



FRANZ SCHUBERT

EM 1805 o exército francês sob Napoleão atacava as portas de Viena. O meio milhão de vienenses, acostumado ao riso e à alegria da paz, foi tomado de pânico. Bombardeio terrificante. Granadas explodiam em toda a parte. Reunindo-se em redor da sua bandeira, marchavam os rapazes mais velhos da Universidade para lutar contra as legiões do Corso. Os meninos das escolas paroquiais apinhavam-se aterrorizados, nos dormitórios e enchiam os ouvidos de algodão para amortecer o ruído. Uma bomba atingiu a Escola dos Jesuitas. Caindo no meio dos corredores de pedra, espatifou as altas janelas. Um dos alunos, um sujeitinho de oito anos de idade, rosto redondo, óculos com aros de aço, estava em seu quarto tocando piano. Atarantado, saltou, os olhinhos muito abertos de horror, calu ao solo e ocultou o rosto.

"Schubert! Franz Schubert!" bradou o mestre-escola, que contava as cabeças dos discipulinhos para verificar se alguém ficara machucado. "Você está bem?" O rosto redondo e amistoso tornou a aparecer. "Não podemos perder a melhor voz do coro da escola", acrescentou, aliviado, o professor. "Quem é que poderia cantar nos domingos?"

Franz Schubert era um rapazinho tímido e obscuro que passava no quarto todas as horas de ócio, escondido e silencioso. Uma das poucas coisas que o **extremavam dos condiscipulos** era a bela voz de soprano. Essa distinção, todavia, cedo lhe faltou. Uma nota quase ilegível, escrita na primeira página do seu livro de escola, informa-nos que "Franz Schubert cantou, pela última vez, no domingo, dia 26 de julho de 18..." A partir desse momento, ele falava em tons graves, masculinos. A escola tinha de buscar noutra parte os seus sopranos. Franz Schubert tornara-se homem.

II

Tocava violino na orquestra da escola, e tocava muito bem. Encarregou-se de tomar conta dos instrumentos e verificar se estavam devidamente afinados; distribuía as partes e colocava-as nas estantes. Incumbia-se das iluminações feitas com velas de sebo. Se bem que desajeitado nos movimentos e falto de graça no falar, possuía um encanto sereno que tocava diretamente todos os co-

rações. Vivia saturado de música; não falava em outra coisa senão em música; e a maior comoção da sua infância teve-a quando um aristocrata vienense convidou a orquestra da escola para tocar em sua casa, numa ocasião em que o grande Beethoven fôra também convidado. Claro está que, quando alguém sugeriu que os meninos tocassem uma das sinfonias de Beethoven, este lhes pediu que desistissem, confessando ser meio esquisito quando se tratava de ouvir as próprias composições. Essa severa reprovação atemorizou algum tanto Franz que, durante o resto da vida, jámais vingou dominar o medo que o velho músico lhe inspirava.

O pai de Schubert achava que o filho perdia demasiado tempo com a música. Queria saber por que fracassara o rapaz em matemática. Severa questão proposta por um homem severo, fleugmático, mestre-escola cujo horizonte era limitado pela sala de aulas e cuja ambição consistia em converter os filhos em pedagogos como ele. Os mestre-escolas tinham, pelo menos, a certeza de receber um estipêndio regular — o pai de Schubert ganhava quarenta libras por ano. Comparados aos músicos, eram os professores os aristocratas da fraternidade dos esfomeados. Se o ensino equivalia a uma vida pesada, a música equivalia a uma morte em vida. Era bem, portanto, que Franz se afeitasse à matemática e olvidasse as tolas composições.

Como resposta ao pai, Schubert compôs um poema sobre a sabedoria de Deus e a necessidade do homem — e continuou com a música. Tinha agora quinze anos e era, mais do que nunca, um recluso atrás da barreira dos óculos com aros de aço. Como fosse incrivelmente míope, diziam os colegas, por brincadeira, que ele dormia de óculos. Os professores, por seu turno, julgavam-no sério demais, embora lhe reconhecessem o extraordinário talento e a profunda imaginação — bem que somente o Senhor lhes soubessem da origem que não era, certamente, o Papai Schubert.

A mesada do jovem Schubert era tão reduzida quanto os seus conhecimentos de matemática. De vez em quando, escrevia ao irmão mais velho, Ferdinand, pedindo dinheiro. Chegou até nós uma dessas cartas, tanto ou quanto ingênuas. "Permita que lhe comunique

imediatamente o que me preocupa o espírito", escreve Franz, "a fim de que chegue logo ao ponto e não fique fazendo tímidos rodeios em torno dele... Os poucos groschen que meu pai me dá foram todos gastos — sabe o diabo como — nos primeiros dias. Que hei-de fazer, portanto, durante o resto do tempo? "Aqueles que se confiam de Ti não serão confundidos". Também sou dessa opinião... Que tal se você me mandasse alguns cruzados todos os meses? Nem sequer notaria a diferença, ao passo que eu me consideraria extremamente feliz, e ficaria absolutamente satisfeito em meu retiro enclausurado. Como já disse, fio-me nas palavras do apóstolo Mateus quando afirma: "Quem tiver dois casacos, entregue um aos pobres..."

Durante todo esse tempo, compunha sossegadamente em seu quarto. Escreveu uma fantasia, um dueto para piano em doze movimentos, uma abertura, dois quartetos de cordas e uma sonata. Raramente se utilizava do piano para compor, pois dizia que o instrumento lhe interrompia a corrente de idéias. Batia, de quando em quando, os dedos sobre a mesa, como se experimentasse uma passagem musical. Escrevia com facilidade e rapidez e fazia poucas correções. Um punhado de colegas, os mais íntimos, lia-lhe as composições. Era a música o seu melhor meio de comunicação com eles, pois não raro se atrapalhava com as palavras. Quando os alunos saíam para o passeio diário, apartava-se Schubert dos outros e caminhava com a cabeça inclinada para a frente, as mãos nas costas e os dedos a se mexerem constantemente, como se percussissem um teclado. Muito móvel, a sua fisionomia expressava uma série de estados de espírito. A conversação com ele era desnecessária. Ao falar, fazia-o com laconismo e ia diretamente ao caso. Pôsto que raro se risse, possuía, em grande dose, um tranqüilo bom humor.

O ano seguinte, o seu décimo sexto, não lhe modificou a situação. Era o primeiro violinista da orquestra dos Jesuitas e compunha incessantemente em todos os momentos de recreio. Seu único treino regular como compositor foi-lhe proporcionado pelo diretor musical da escola, Salieri, que lhe deu lições de baixo contínuo e contraponto. Ele ainda fracassava regularmente em matemática. Essa sua inabilidade em fazer contas de somar era fonte de profundo pesar não só para o pai, senão também para a mãe. Mamãe Schubert, humilde cozinheira antes de casar, era uma criatura simples e prática que considerava o seu pobre Franz como um inútil, estúpido e ocioso.

E foi com essa opinião que morreu, quando Schubert tinha dezessete anos.

II

O pai de Schubert conseguiu, afinal, o que desejava. Pouco após a morte de Mamãe Schubert, Franz ingressou na Escola Normal de Sant'Ana, para iniciar o seu aprendizado como mestre-escola. Ao apresentar-se para o serviço militar compulsório, foi recusado. Era anêmico, de estatura inferior à normal e "cego como um morcego". Foi por três vezes chamado para um exame físico e outras tantas reprovado. Material deficiente para a morte. Permitiram-lhe continuar na Escola Normal e preparar-se para a vida.

Schubert, contudo, sentia-se infeliz. Desadorava tanto o ensino como a vida militar. A sala de aulas era uma prisão, em que se sentia completamente fora do seu elemento. Para fugir à monotonia da vida acadêmica, principiava a cortejar uma jovem cuja paixão, como a dele, era a música. Essa moça tinha uma voz encantadora de soprano. Franz apaixonou-se por ela e, debaixo do seu influxo,

(Cont. na pág. 50)

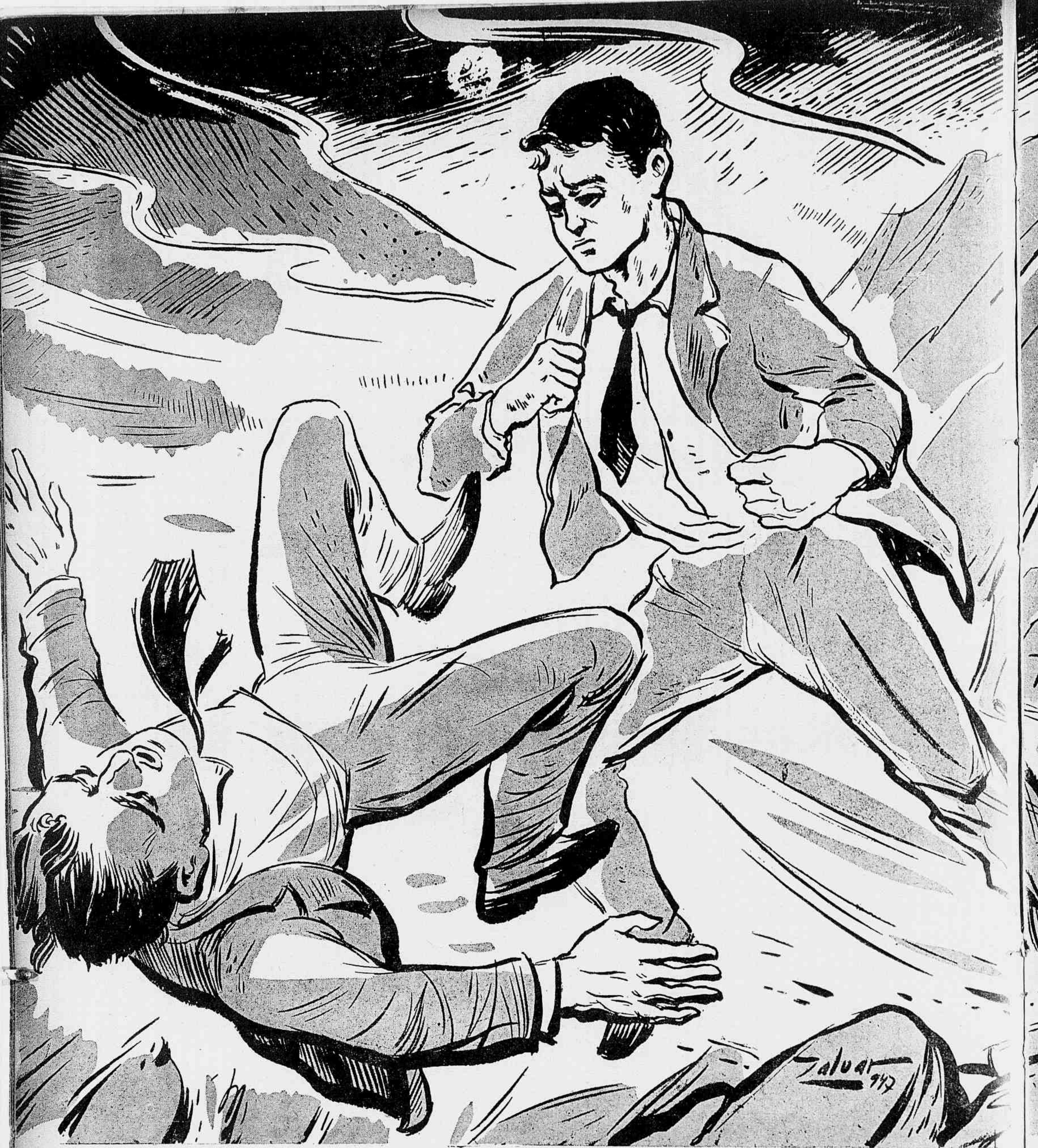
Franz Schubert, na interpretação do ator austríaco Hans Jaray, que aparece ao lado de Martha Eggerth, sua companheira no filme "Sinfonia Inacabada".





MINISTRO MORVAN DIAS DE FIGUEIREDO

O dia 28 deste mês assinala o primeiro aniversário da gestão de S. Excia. o Snr. Morvan Dias de Figueiredo, no Ministério do Trabalho. Os complexos e importantes problemas ligados à pasta que S. Excia. superiormente dirige, têm encontrado na sua ação esclarecida e patriótica, soluções que se harmonizam perfeitamente com os altos interesses da Nação e dos trabalhadores brasileiros. O Snr. Ministro Morvan Dias de Figueiredo cuja obra se baseia no seu devotado amor ao Brasil, e no espírito religioso que lhe inspira decisões justas e humanas, será alvo, por certo, de significativas manifestações de apreço.



VENHO de examinar, no Hospital Nacional de Alienados, velho amigo de infância. Daria, eu juro, o braço direito, para que ele pudesse emergir, ao menos por cinco minutos, das trevas absolutas em que mergulhou. Em casos tais, porém, nada mais pode fazer a ciência, a não ser esperar... E, enquanto ela espera, vou contar-lhe uma história.

— Conheci em 1912, numa cidade do sul, um doido que se dizia o profeta Daniel. Esse Daniel, quando, na lua nova, lhe

apertava a loucura, fazia discursos impertinentes, e predizia o futuro, a troco de alguns níqueis. Um dia, em que lhe dei duas pratas novas, disse-me: **Casarás com Matilde, feliz mancebo; ela terá três filhos; mas cuidadinho contigo ou acabarás num hospício.** Casei-me com Matilde. Filhos, não os tive. Bem feitas as contas, já escrevi e publiquei três livros, e não pretendo escrever mais nenhum.

Num hospício estou eu, há mais de quinze anos, como psiquiatra, e nele provavelmente

hei de acabar. Até aí, nada de maior, pois Daniel não ignorava que eu fôsse quase noivo, e, além disso, sabido era, **profetizava** com uma surpreendente margem de acertos.

Trinta e dois anos se passaram desde então, e quantas recordações!

Eu era um simples caixeiro-viajante ou “cometa”, como ainda se dizia. Numa granja, perto de Curitiba, vim a conhecer Matilde, filha de colonos alemães. E apaixonei-me por ela com a impetuosidade e a verdu-

ra de meus 22 anos. Três meses depois estávamos casados. Obtive umas férias e levei-a para minha cidade natal, no norte, apresentando-a como quem exhibe um troféu. Ela contava apenas 18 anos e era uma flor de mulher tipo longilíneo, busto firme, rosto oval, tez clara e rosada, loura como as espigas de milho, e uns olhos, santo Deus!, azuis, translucidamente azuis como uma fuga de Bach. Minha família recebeu-a com tais reservas que foram quase uma ofensa: alguns jovens, meus velhos

MATILDE, A BEM-LEMBRADA

sos que deitavam, de soslaio, os rapazes lá da terra à minha encantadora Matilde, e ainda com as alfinetadas inócuas que lhe davam as formosas patricias. Minha mulher não falava o português — tive de ensinar-lhe. Aprendia com extrema facilidade e pagava-me em beijos. Mas nem os beijos, nem as flores, nem os presentes com que eu lhe retribuía a boa vontade, nem todos os meus esforços conjugados fizeram jamais que pronunciasse devidamente o g palatal, o r sonoro, o s forte, o ditongo ão e outros fonemas estranhos à língua alemã.

As minhas férias de dois meses se passaram com uma rapidez absurda, e tive de voltar ao Rio e reiniciar as viagens. Deixei a minha Tilde com uma dama de companhia e uma máquina de costura. Convencera-a de que devia fazer algo de útil e já que não havia horta nem campo para cultivar, como no Paraná, cuidasse de coser roupinhas de criança, que eu me encarregaria de vendê-las. A Célia, minha irmã mais velha, recém-casada, recomendou-a de modo especial — que se deixasse de infundadas e tolas prevenções, que velasse por ela, e que ao menos o fizesse por mim, se é que me queria, como eu lhes queria a ambas. Célia e o marido me prometeram que a assistiriam e assim pude partir mais sossegado. Volta e meia, estava eu de novo em casa, para em seguida partir outra vez mais. E como eram difíceis essas despedidas! Uma fugacíssima semana em casa, dois ou três meses com o mostruário às costas, já no interior, já no litoral. Minha produção decrescia sensivelmente; eu não era mais o mesmo vendedor atilado e convincente; e os patrões sabiam disso... Um dia recebi uma carta anônima: Joel andaria conquistando Matilde e ela não lhe seria indiferente. Esse Joel era um guapo rapaz, despenado, atrevido e mulherengo. Fôramos colegas na escola primária e juntos estudáramos português, latim e francês, com o vigário. Competira comigo nas aulas, perdendo todas as vezes; mas sempre levava a melhor, com as pequenas, esse sujeito. Éramos ainda garotos de dez anos e estávamos no segundo ano, quando ele me roubou minha primeira namorada — a Josefina, uma guria morena, de nove anos, com os cabelos encaracolados, filha do juiz. Como lhe pedisse satisfação, aplicou-me tremenda surra, da qual saí com uma marca de chuteira na canela da perna esquerda e o olho direito negro e inchado. Pois

esse Joel estaria requestando Matilde!

Corri a Natalópolis. Mas fui recebido com tantos carinhos, por minha mulher, que me faltou coragem para lhe falar na carta. Disse-lhe jeitosamente que eu ia ser aumentado (mentira), e que, após três anos de ausência, poderia regressar ao Paraná, onde nós iríamos ter a nossa pequenina casa, muito nossa, num ambiente familiar, inteiramente cercada de pinheiros e casuarinas, com horta e jardim. Seria uma casinha daquelas de beiral afilado, que passa a vida toda na expectativa de uma nevada, que nunca vem. A falta de neve, no inverno, teríamos geada. E a minha Tilde não se queixaria mais do calor...

Esperava o efeito que produzissem nela essas palavras, ditas, assim, quase de um só fôlego. Respondeu-me, logo que eu lhe permiti falar, com efusão alma e muitos beijos, que ia escrever imediatamente aos pais, comunicando-lhes a feliz nova. Deixei que o fizesse, e volvi ao trabalho com algumas roupinhas de criança e o coração desopresso fazendo cálculos, imaginando o céu. Nunca lhe dizia adeus; apenas um até logo, querida!

Poucos dias depois, na Cidade do Salvador, recebia outra carta anônimo, que me confundiu inteiramente. Dizia que o namoro já era público e notório, que Joel não se contentaria em fazê-la amante, mas, para possuí-la, estava disposto a remover qualquer obstáculo; que eu me precavesse, pois não faltavam empreiteiros da morte, que iriam cata de mim, aonde menos suspeitas pudessem suscitar...

Passei a andar sempre armado, conduzi-me comigo muito dinheiro, ou não. Todavia, o receio de ser traçoira e aleivosamente assassinado pouco significava para mim; o que me doía insuportavelmente era o receio muito maior de admitir que minha mulher pudesse levantar os olhos para outro homem, que não para mim somente. Uma tarde, saí do meu hotel, na rua Chile, quando notei que me seguia um indivíduo de feia catadura. Procurei convencer-me de que só o medo me podia fazer acreditar em tal coisa. Amiudei o passo e perdi o meu fantasma de vista, essa tarde. Mas no dia seguinte, pela manhã, ele reapareceu e não me largou mais. Então, era mesmo verdade? Qualquer um, no meu caso, se teria comunicado imediatamente com a polícia; eu, porém, me sentiria envergonhado se tivesse de fazer referência às cartas anônimas, e, além do mais, agora o perigo me

excitava. Preferi aguardar os acontecimentos. Uma noite tinha de ir à Barra, negócio urgente. Fui. Após mim, aos meus calcâneos, o fantasma. Assim que deixei o bonde, tentei fugir pela praia. Encalçou-me. Ao transpor uma curva mais alta do caminho, aberto na rocha viva, fui atacado. Deu-me vários tiros, pelas costas, o sicário, e errou-os. Ainda tentei freneticamente sacar do meu revólver, sem resultado. Travamos, então, um corpo a corpo, que teria durado apenas alguns minutos, mas me deu a impressão de ter durado horas. Peneirava garoa fina e persistente, o cascalho rangia sob a sola molhada dos sapatos e as lâjeas limosas faziam escorregar. Na luta, caí várias vezes, mas estava decidido a vender caro a vida; caído, usava os pés para atirar o meu agressor à distância; de pé, brandia os punhos como lanças ou ia sobre ele de cabeça, como um ariete. Ao recuar para tomar impulso e vir sobre mim, resvalou à borda do paredão e foi estatelar-se nas pedras, dez metros abaixo, quase ao nível do mar. Sem perda de tempo, contornei a muralha, ainda meio aturdido; desci cauteloso; troquei de roupa com o morto, e com ele deixei, além de outros papéis, a minha identidade.

Não voltei mais ao hotel. No Recife, li os jornais da Bahia e intei-me da minha morte. O gerente do hotel reconhecer meu cadáver, pela roupa; e, por incrível que pareça, a polícia pericial concluiu por acidente. Encerrara-se o caso. E já o Leo Reis de Arouseca estava morto e bem morto, tratei de obter nova identidade, o que me foi relativamente fácil. Passei a chamar-me André Ramiro. Apoderou-se, então, de mim, um desejo insopitável de conhecer como fora recebida, em Natalópolis, a notícia da minha tragédia.

Contive-me, porém. Não me convinha expor à imprudência de fazer perguntas. Era apelar para o tempo!

Vim a saber mais tarde, por acaso, que minha gente pôs luto por mim. Minha viúva também. Meses depois descobria que Matilde e Joel iam casar-se. Aí não me contive mais: procurei por todos os meios e modos saber a data do casamento. Na véspera das bodas, telegrafei ao noivo:

"Joel Porto,
Natalópolis
Meu espírito lhe deseja
um paraíso na Terra.
Cordialmente,
Léo."

(Cont. na pág. 55)

amigos, pareciam roídos de inveja; e as raparigas de minhas relações não se limitaram a ficar furiosas comigo, descobriram esse "defeito", evidente em Matilde — tinha ela algumas sardas espalhadas pelo rosto, que a afeavam muito. Eu, porém, me sentia demasiadamente feliz para compartilhar os receios de meus pais, irmãos e tios, ou atentar nos conceitos desairosos, oriundos do despeito e da inveja, que estranhos pudessem fazer. A verdade é que até me orgulhavam com os olhares gulo-

NUPCIAS NA SOCIEDADE CARIOCA ENLACE JACQUELINE HIME ROBERTO PRADO UCHÔA

NA Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, à praça Serzedelo Correia, realizou-se, no dia 11 do mês corrente, o enlace matrimonial da senhorinha Jacqueline Hime, filha do senhor Norman Hime e da senhora Rose Hime, com o senhor Roberto Prado Uchôa, filho do senhor Flavio Prado Uchôa e da senhora Yolanda Prado Pereira Bueno, elegante acontecimento social que uniu duas tradicionais famílias da sociedade brasileira.

Na cerimônia religiosa serviram de padrinhos, por parte da noiva, o senhor e a senhora Edwin E. Hime, e por parte do noivo, o senhor e senhora Alfredo Machado Guimarães. O ato civil foi testemunhado, por parte da noiva, pelo senhor e senhora Luiz Biolchini, e por parte do noivo, pelo senhor e senhora Percio Pereira Bueno.

Após a solenidade religiosa, o casal Norman Hime ofereceu recepção no palacete da rua Domingos Ferreira, cujos salões regorgitaram de figuras representativas dos nossos meios sociais, quando os noivos e seus ilustres progenitores foram alvo das maiores demonstrações de afeto e carinho por parte dos numerosos convidados.

"REVISTA DA SEMANA" colheu, durante a benção nupcial, os flagrantes que ilustram este registro, e que mostram os noivos, seus progenitores, padrinhos e convidados, em diversas fases do ato litúrgico.

★

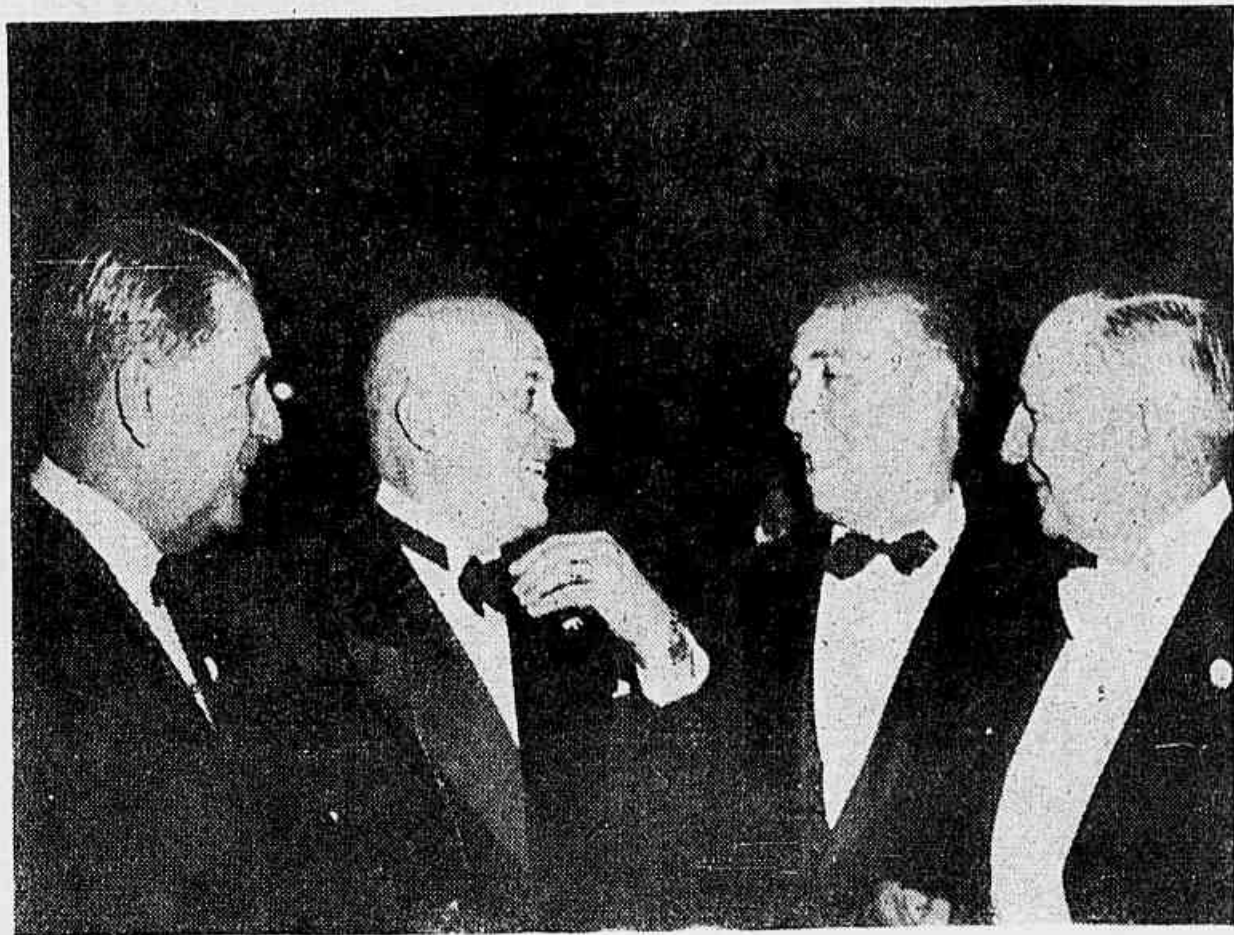
A esquerda — A senhorinha Jacqueline Hime é conduzida ao altar pelo braço de seu pai, senhor Norman Hime. Em baixo — Noivos e padrinhos perante o altar, num momento da cerimônia religiosa.





Ao alto e à direita — Dois aspectos da solenidade litúrgica. Em baixo — Parte da assistência ao ato, vendo-se no primeiro plano as senhoras Rose Hime, Yolanda Prado Pereira Bueno e Antonieta da Silva Prado.





Ao alto — Os srs. João Borges Filho, presidente do Jockey Club, Angelo Mendes de Morais, prefeito da Capital; João Alberto, presidente da Câmara Municipal, e Me. Crimmom, diretor da Light, conversam durante a realização das corridas noturnas. A esquerda: Duas lindas "vendedoras" da encantadora festa.

SOCIAIS TURFISTAS

Os fatos ligados à vida do Jockey Club do Rio de Janeiro constituem sempre acontecimentos sociais de grande expressão e brilho. Foi o que mais uma vez ocorreu quando da realização das corridas noturnas, organizadas sob o patrocínio da senhora Angelo Mendes de Morais em benefício da obra de amparo aos tuberculosos, reunião essa que marcou um extraordinário êxito social, artístico e financeiro, desenvolvida num ambiente de raro encantamento e elegância sem par. Mas não somente as reuniões da nossa maior sociedade turfista agita os círculos mundanos. Agora mesmo o embarque para a Argentina, do seu presidente, proporcionou ensejo para que esse fino cavalheiro que é o sr. João Borges Filho recebesse novas e carinhosas demonstrações de quanto é estimado no seio da nossa sociedade, fazendo convergir para o Aeroporto Santos Dumont grande número de amigos e admiradores do ilustre viajante.

Em baixo: Aspecto do embarque do sr. João Borges Filho e sua esposa, para a Argentina, os quais se acham cercados de amigos, no Aeroporto Santos Dumont, momentos antes da partida, ocorrida no dia 11 do mês corrente.





ROSITA Gonzalez surgiu em "Papel Carbono", quando Renato Murce andou à procura de uma intérprete da música mexicana. Inscrita no concurso, chegou até o final com excelente colocação, competindo com Gerusa de Oliveira e Juanita Castillo. Acabou contratada pela Rádio Nacional, em virtude de possuir boa voz e interpretar a contento boleros, rumbas, corridos e guarachas. Sua participação nos diversos programas de estúdio da PRE-8, atesta o seu talento artístico, levando-se em conta sua extraordinária vocação para as composições típicas do México. Cantando com muito sentimento, não exageramos ao afirmar que Rosita Gonzalez em nada fica a dever a certas cantoras estrangeiras que aqui se tem exibido. Cuidadosa no repertório, a que não faltam melodias de Agustín Lara, Marengo e outros nomes conhecidos, seus recitais de canto ao microfone da Rádio Nacional prendem a atenção de milhares, tal a graça e a delicadeza de sua voz. Jovem e bonita, com uma cultura cuidada, a interessante artista já participou de programas como "Um milhão de melodias", "Nas asas de um clipper", "Cesar de Alencar", "Luiz Vassalo" e tantos outros cartazes musicais da PRE-8. Rosita Gonzalez é brasileira, fan das novelas seriadas e apreciadora dos bons cantores. Possui uma variada discoteca, com melodias de todo o continente americano; não acredita e nem tem superstições e se considera muito feliz, uma vez que já desfruta vantajosa situação no "broadcasting" nacional. Adora a leitura, sem fazer seleção de gêneros. Frequenta o cinema e o teatro, sem preferência por este ou aquele artista. Sua cor predileta é o branco e seu maior desejo é subir... subir...

ALBERTO Montalvão é uma figura vitoriosa no rádio. Trabalhador infatigável, sua presença no quadro redatorial de uma estação significa produção. Compositor de mérito, deu-nos "Os rios do Brasil", uma coletânea de interessantes canções, em que exalta a beleza dos principais cursos d'água de nossa terra. De sua lavra, é, ainda "A História do Brasil em canções", trabalho recém-publicado por uma de nossas editoras. Como "radio-writer", escreveu "A balada do esquecimento", novela irradiada pela Cruzeiro do Sul; "Marquei um encontro com o destino", ainda transmitida pela PRD-2; "Um minuto na Eternidade", história seriada que a Rádio Club do Brasil apresentou. Alberto Montalvão como redator de programas da PRA-2, além de "Brasiliannas", idealizou diversos "broadcasts" culturais, conseguindo impôr-se à admiração dos ouvintes cariocas. Hoje, como redator da Rádio Club do Brasil, cabe-lhe a redação de diversos cartazes, inclusive "Caravana de ritmos". Também escreve novelas para o elenco de rádio-teatro da PRA-3. Fora do microfone, colabora em jornais e revistas do Brasil, assinando crônicas, biografias, poesias e histórias humorísticas. Recentemente publicou em livro "Marquei um encontro com o destino", novela em vinte capítulos. Alberto Montalvão no momento, trabalha em mais um original, independente da atividade que desenvolve como "producer" da PRA-3, "Habitue" dos bons espetáculos teatrais, e ainda apreciador de um bom filme. Suas horas de folga dedica-as às pesquisas folclóricas, pois é apaixonado pelos assuntos musicais. Seu arquivo é dos mais preciosos e está no seguro.

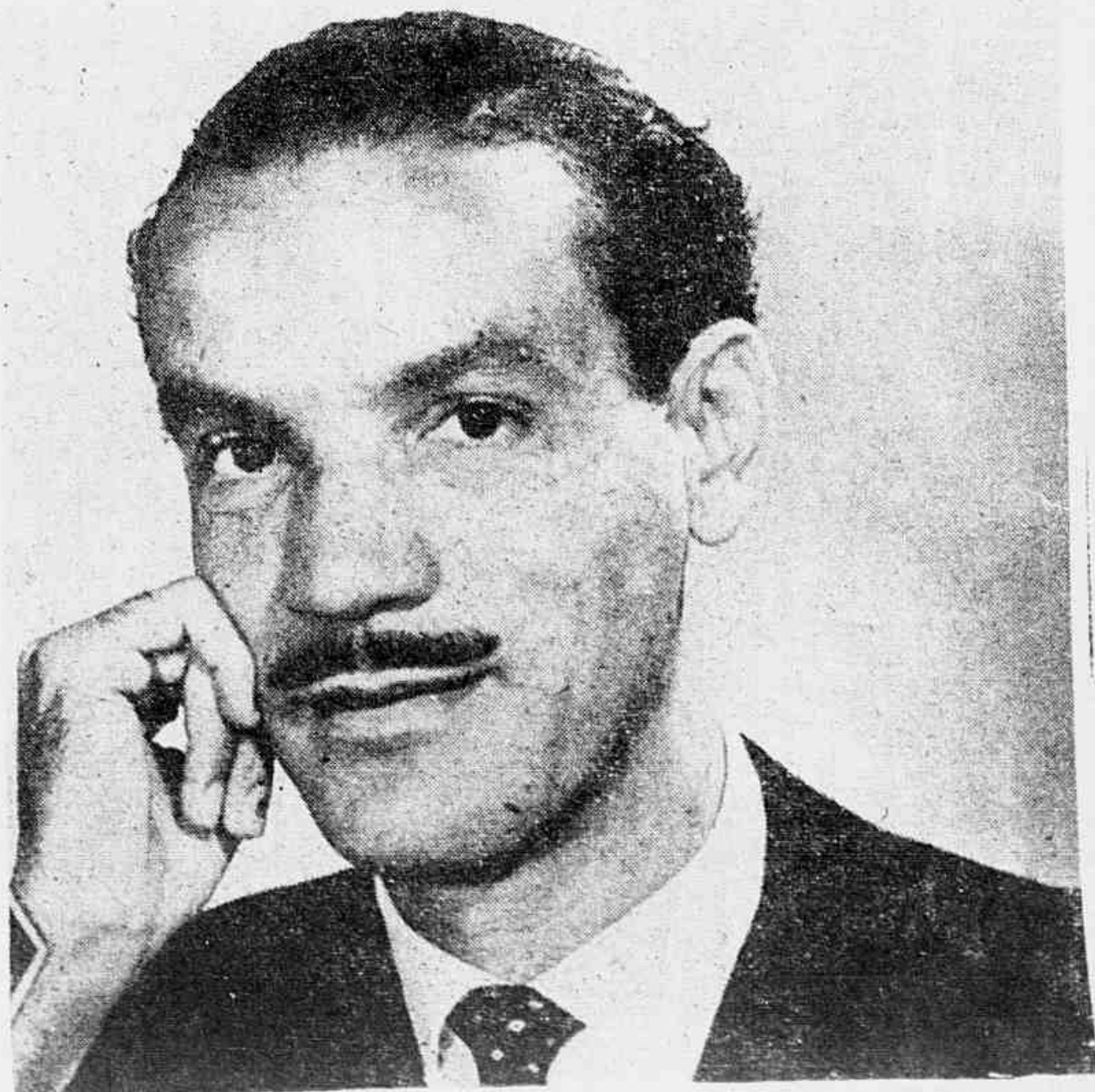
GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

MARIA Carmen Pimentel é intérprete de música de câmara. Possuindo o curso do Conservatório Brasileiro de Música, não lhe foi difícil ingressar no "cast" da Rádio Nacional, após vencer movimentado concurso em que tomaram parte setecentos candidatos. Na PRE-8, esteve por espaço de seis meses, quando veio a entrar para a PRA-2. Nesse prefixo manteve-se até surgir uma oportunidade na Rádio Mauá, onde se encontra presentemente. Nascida no Distrito Federal, desde cedo enamorou-se do microfone, tudo fazendo para iniciar a carreira radiofônica, apesar dos estudos a afastarem do meio. Mas, a inclinação para o rádio era mais forte, daí participar do "Grande concurso de calouros", de Almirante, vindo a ser uma das colocadas. Motivos contrários, porém, levaram-na a deixar a PRE-8, a fim de tentar noutra emissora, já que a Nacional prescindia de seu concurso. Maria Carmen Pimentel este ano, inscreveu-se no "Prêmio Lorenzo Fernandez", instituído pelo programa de "Artistas Novos do Brasil" da PRE-3, sob o pseudônimo de Maria Helena Siqueira. Para surpresa sua, segundo nos confessou, obteve a primeira colocação, depois de vários "tests" difíceis. A interessante cantora é mesmo dos concursos, sendo este o segundo em que logra vencer com brilhantismo. No momento, a maior ambição da jovem artista é pertencer ao "cast" de uma das grandes estações do Distrito Federal, pois não lhe falta valor artístico. Estuda música, aprecia o bailado e gosta do cinema, não perdendo os filmes musicados. Adora a vida ao ar livre, admira os esportes e faz ginástica pelo rádio para desenvolver os músculos.

RAMOS de Carvalho é mineiro. Irmão de Luiz de Carvalho, sua cidade natal é Diamantina, onde nasceu no ano de 1917. Seu "debut" radiofônico foi feito ao microfone da Rádio Guarany. Mais tarde, ingressou na Sociedade Rádio Mineira, aí redigindo e apresentando programas. No decorrer de 1940, influenciado pelo irmão, Ramos de Carvalho resolveu tentar o rádio no Rio, ingressando no quadro de locutores da Tupi. Na PRG-3, sua atuação foi das mais brilhantes, galgando todos os postos e chegando a desfrutar de enorme prestígio no meio dos ouvintes. Além de locutor, atuou como radio-ator, participando dos espetáculos do "Grande teatro Tupi" e tomando parte em algumas novelas. Dirigiu ainda vários programas e comandou algumas transmissões externas. Em fins de junho de 1943, convidado a participar dos programas da B. B. C. para o Brasil seguiu para Londres, ali chegando em pleno "climax" da guerra. Desde essa época que vem atuando ao microfone B. B. C., tomando parte nas irradiações feitas em português. Em Londres, Ramos de Carvalho contraiu matrimônio, sendo pai de uma garota londrina. No momento, ele se acha no Rio, onde veio gozar as férias. Concedeu algumas entrevistas; falou ao microfone da Rádio Globo e realizou uma conferência na ABI, falando sobre as personalidades britânicas. Antes de regressar, visitará sua terra natal. Ramos de Carvalho é uma figura que impressiona à primeira vista, pela sua afabilidade para com todos. Além disso, é um locutor sóbrio, de boa dicção e muito modesto. Foge à publicidade.



Dona Lucélia Vai ao

NÃO resta dúvida que a campanha é uma beleza. O sol quente dourando o verde dos milharais, que se balançam, a cantoria alegre das corruiras, a poesia que há naqueles ranchos se desfazendo e, no entanto, abrigando tanta gente, tanta criança — essas mesmas crianças que correm para a estrada e que nos abanam festivamente com as mãozinhas sujas. Aquele campo... aquele sol... aquela gente... Sim! Não há outra coisa igual à campanha! Isso pelo menos, foi o que sempre pensei depois de ler tanto livro sobre campanha e além dos livros sempre havia o meu esposo, ao meu lado, dizendo:

— Não há como o ar da campanha para engordar essas crianças! Não há como a quietude do campo para descansar os nervos! Não há...

E lá vinha um rosário de benefícios que o campo podia proporcionar, benefícios que nem a melhor cidade do mundo podia oferecer à gente, por mais dinheiro que se tivesse.

Não sei bem como foi, mas lá um belo dia eu me vi dentro de um auto, depois de uma espera irritante, ansiando pela campanha, "que não há nada como o campo!"

Bem, dizer que eu estava ansiosa pela campanha não é bem o termo, eu estava desesperada, pois o plano da viagem e seus preparativos já haviam enchido mais de uma semana, por sinal que agitadíssima, e eu estava com a cabeça tão e tão zonha que já tinha recelo de passar mais um dia na cidade, esperando...

— Não esqueceste a pasta de dentes? Não esqueceste as minhas bombachas? Não esqueceste a espingarda que eu comprei ontem? E os meus chinelos, estão dentro da mala?

Sim. Tudo o que era de meu esposo e de minhas filhas, que naquela época eram três, estava guardado. Meu, eu não sabia se havia algo, pois a preocupação de arrumar tudo e não esquecer nada do que era do João, de Mariana, de Joana e da menorzinha que tinha três anos e que se chamava Norma, havia me enchido tanto a cabeça, que, se me perguntassem, naquele momento que roupa eu levava para vestir, não saberia responder. Havia guardado muita coisa para ficar na cidade e muita coisa para ir conosco; agora... se ia ficar alguma coisa que se precisasse e ir algo demais, isso eu não sabia e nem queria saber!

Meu esposo não quis sair antes de deixar tudo em ordem, dar recomendações para o Fulano, conselhos para o Beltrano e mais umas orientações não sei prá quem.

— Mas quero que estejas pronta à uma da tarde! Quero ver se chegamos cedinho! Essas estradas estão horripáveis e eu não gosto nem da idéia de viajar de noite!

As onze da manhã fechei as últimas malas e comecei a arrumar as filhas. Arrumei primeiro a mais velha e mandei-a ficar esperando pelas outras. Quando terminei de vestir a caçula e procurei por Mariana para dar o almoço pra as três, Mariana havia desaparecido de casa. Toca a chamar Mariana!

— Roberta! Vai procurar essa menina! Vê se ela não está em casa da Nininha ou ali na de dona Ross! Diz prá ela que venha já já prá casa!

Quando Mariana chegou, o seu vestido azul de algodão estava escuro de tanta terra, a fita desaparecera do cabelo e o cabelo... bem, aquilo nem parecia cabelo. Não encheriquei os olhos azuis de minha filha por trás daquela mecha de coisas emaranhadas pelo rosto, que "aquilo" não era cabelo, não senhor! Podia ser tudo, menos o cabelo sedoso que havia pouco eu penteára. Mas por trás de tudo aquilo eu adivinhei uns olhos assustados.

— Minha filha! Mas em que estado tu me apareces! Que foi isso?

— Mãe... mãe, eu tava brincando!

Abaixo da gritaria da caçula que estava com fome, comecei a vestir e a pentear Mariana, e, quando Mariana entou para tomar a sopa, a Joana já havia tomado a sua dose de sumiço. Onde é que anda a Joana? Toca a procurar a Joana! Robertaaaa!

E Roberta recomeçou a sua romaria pela casa dos vizinhos atrás de minha segunda filha, que, por sinal, veio muito mais suja e desganhada que a primeira.

Não sei quantas vezes vesti e despi, penteei e lavei minhas filhas para estarmos todas prontas na hora em que João nos chamasse para iniciarmos a nossa almejada peregrinação ao campo. "Qual! Não há nada como a campanha!" Sim, e eu esperava mesmo que não houvesse, que a cidade já estava me parecendo tão horrível de aturar como o último cubículo do inferno.

No fim, quem teve de mudar a roupa e pentear os cabelos fui eu mesma, que de tanto arrumar minhas filhas, estava com cara de megêra.

— Dona Lucélia! A Joana atirou um pedaço de bife na cara da Marianinha!

Quando cheguei na sala de jantar minhas três filhas, de mãos e faces bem lambuzadas de gordura, me fitavam com cara de santas e a toalha parecia um chiqueiro.

★

Bem... Felizmente, tudo pronto!

— E vocês fiquem aí na sala! A primeira que me sáia para a rua eu deixo encerrada em casa e vou embora. Já disse! Encerro aqui e pronto! Pode chorar à vontade que os vizinhos não ouvem.

Com essa notícia, minhas filhas, que estavam mais ansiosas pela campanha que eu mesma, ficaram mudas e imóveis. Nunca vi um remédio agir com tanta presteza!

Chegou também a minha vez de sentar com elas na sala e ficar, muda, à espera de meu esposo que ainda tinha "algumas coisinhas" para fazer. Eram duas horas da tarde. Quando entramos no auto que nos levaria à campanha, as quatro horas há muito já haviam batido no relógio da Prefeitura.

Sentada no banco da frente, ao lado de João, ouvindo o motor dar o primeiro sinal de vida, eu achei que não havia música tão agradável como aquele ronco. Graças a Deus, estávamos a caminho de campanha!

Desnecessário é dizer que João não conhecia o caminho. Fomos andando, pegamos a estrada, depois o corredor e, perguntando daqui perguntando dali, fomos entrando pampa a dentro, correndo por entre coxilhas muito verdes que pouco a pouco foram escurecendo, até que a noite as tragou.

Não sei o que senti quando vi o campo sumir sob a escuridão de uma noite sem lua e sem estrelas. Parecia que alguém estava pegando a minha alma bem de vagarinho e apertando-a com duas mãos fortes e calosas como tem essa gente do campo. E, durante todo o tempo em que estivemos viajando dentro da noite, aquelas mãos não me largaram a alma. Se isso estivesse acontecendo para minha mãe, provavelmente ela diria que era um "aviso", um pressentimento e um pressentimento muito ruim, por sinal. E talvez ela tivesse razão, que depois de muito viajar sem encontrar viva alma dentro daquele negrume que enchia as estradas, os campos, o céu, misturando tudo numa imensa e única mancha de carvão, nos surgiu de súbito, pela frente, iluminado pela luz dos holofotes, um índio, um chirú de cabelos arrepiados e uns grandes olhos verdes, montado num matunguinho qualquer, em pélo, com uma vasta adaga atravessada na barriga. Parecia um assombro! Confesso, mesmo, que durante todo o tempo em que ele esteve conversando conosco eu não pensei outra coisa. E' um assombro! Tem de ser! Nunca vi ninguém do outro mundo, mas me parece que havia de ser assim, com aqueles olhos falsos como olho de gato quando está em baixo do fogão à espera que a cozinheira comece a cortar a carne.

— Bá noite... tão perdido?

A voz vinha do fundo daquele peito largo, voz de morto, se é que morto fala, voz de gente que não é deste mundo.

— Não. Nós vamos para a estância do Manoel Ribeiro. Está muito longe?

— Muito longe não tá, não senhor! Só que andaram duas léguas mais, sim senhor! As casas ficam lá praquela banda.

E o rapazote de olhos de gato estendeu um braço comprido e indicou um lado qualquer. Eu estava tão perdida dentro daquela noite que todos os lados, para mim, eram iguais: todos iam dar no fim do mundo.

Senti um baque dentro do peito. Duas léguas andadas a mais! Tempo pôsto fora! Eu já podia estar em casa, deitada numa cama, podia... e uma porção de coisas lindas começou a encher minha cabeça e a mais lida de todas era que, se não houvessemos andado de mais aquela viagem infernal teria terminado.

Uma das gurias começou a choramingar. Desnecessário é dizer que as outras acompanharam, porém, em altos brados.

Meus nervos exaustos deram um pulo. Ao mesmo tempo, eu e meu esposo gritamos:

— Calem a boca!

O eco respondeu de muito longe: — Calem a boca...

E até hoje desconfio que, se minhas filhas, tomadas de pavor dentro da escuridão, pararam de chorar, foi de medo do eco e não de nós.

— Podia nos acompanhar? — perguntou João para o rapaz que ali estava, silencioso, de braços caídos, esperando não sei o que.

— Tá bem, mas eu tenho de ir logo ali adiante, manqueá umas zovêia e já tô de volta. E' coisa ligeira, no mais!

— É logo ali... Disso eu já estava farta! Todas as

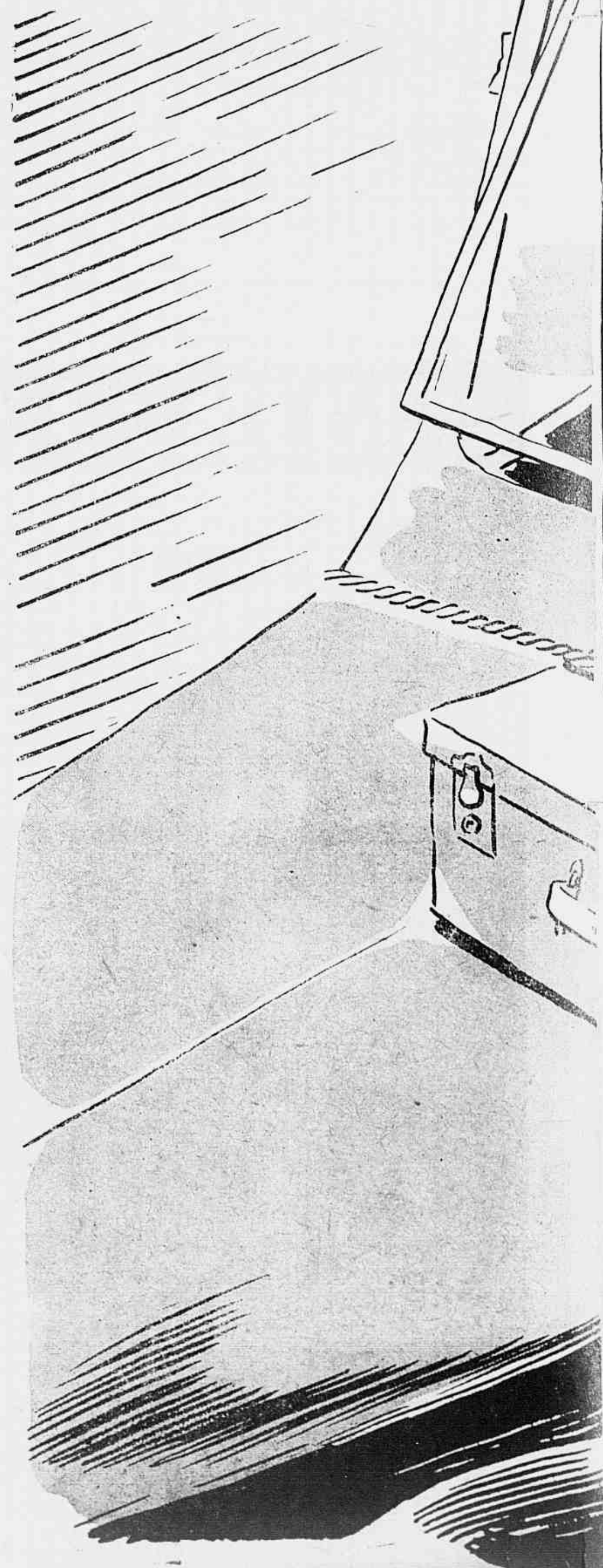
indicações que nos davam pelas estradas se resumiam em:

— E' logo ali, dona! Sobe essa lomba que tão vendo aqui (a lomba em questão era uma leve saliência ao longe) pega um corredor que hay, anda por riba duma cuxilha e logo ali no mais tão as casa. Não hay como se enganar! E' logo ali!

E o "logo ali" não chegava nunca.

O rapaz desapareceu por entre a escuridão da noite e a luz dos vagalumes, por entre o barulho dos cascos do cavalo e o grito angustiado de um corujão. Ficou conosco um enorme silêncio, esse silêncio que quem conhece campanha sabe que é um silêncio "como não há outro igual", esse silêncio que é feito de tudo menos de silêncio, um silêncio onde gritam os quero-queros, as corujas resmungam, gemem, blasfemam, rogam pragas, dizem agoures para o viajante, onde o grito longínquo e triste de uma rez vem se reunir ao coaxar monótono dos

(Cont. na pág. 68)



campo...

Conto de THEREZA DE ALMEIDA

Ilustração de ARMANDO PACHECO





Soldados gregos, com seus salotes pitorescos, dançando em uma festa pública, em Atenas, e confraternizando com as tropas inglesas, que ainda ali se acham.

CONSTITUIU grande surpresa em Salônica o envio à Grécia, de uma comissão de inquérito da O. N. U., composta de delegados de onze nações membros do Conselho de Segurança. Embora a surpresa, tanto nessa cidade, como nas demais regiões da Grécia, reinou certo cepticismo em torno dos resultados práticos da referida comissão. O estado das vias de comunicação, o rigor do inverno, a impossibilidade de entrar em contacto com os chefes dos "partisans" e de apreciar, com imparcialidade, as profundas tendências do movimento popular e o fanatismo do povo grego pelas idéias políticas que abraça, a diversidade da população da Macedônia e do

O DRAMA DA GRÉCIA

VÍTIMA DA INVASÃO ALEMÃ, A NAÇÃO GREGA CONTINUA EM ARMAS, COM SUA GENTE DIVIDIDA POLITICAMENTE EM DUAS FACÇÕES IRRECONCILIÁVEIS — O POVO CONTINUA A SOFRER, MAIS SACRIFICADO DO QUE NUNCA PELAS LUTAS.

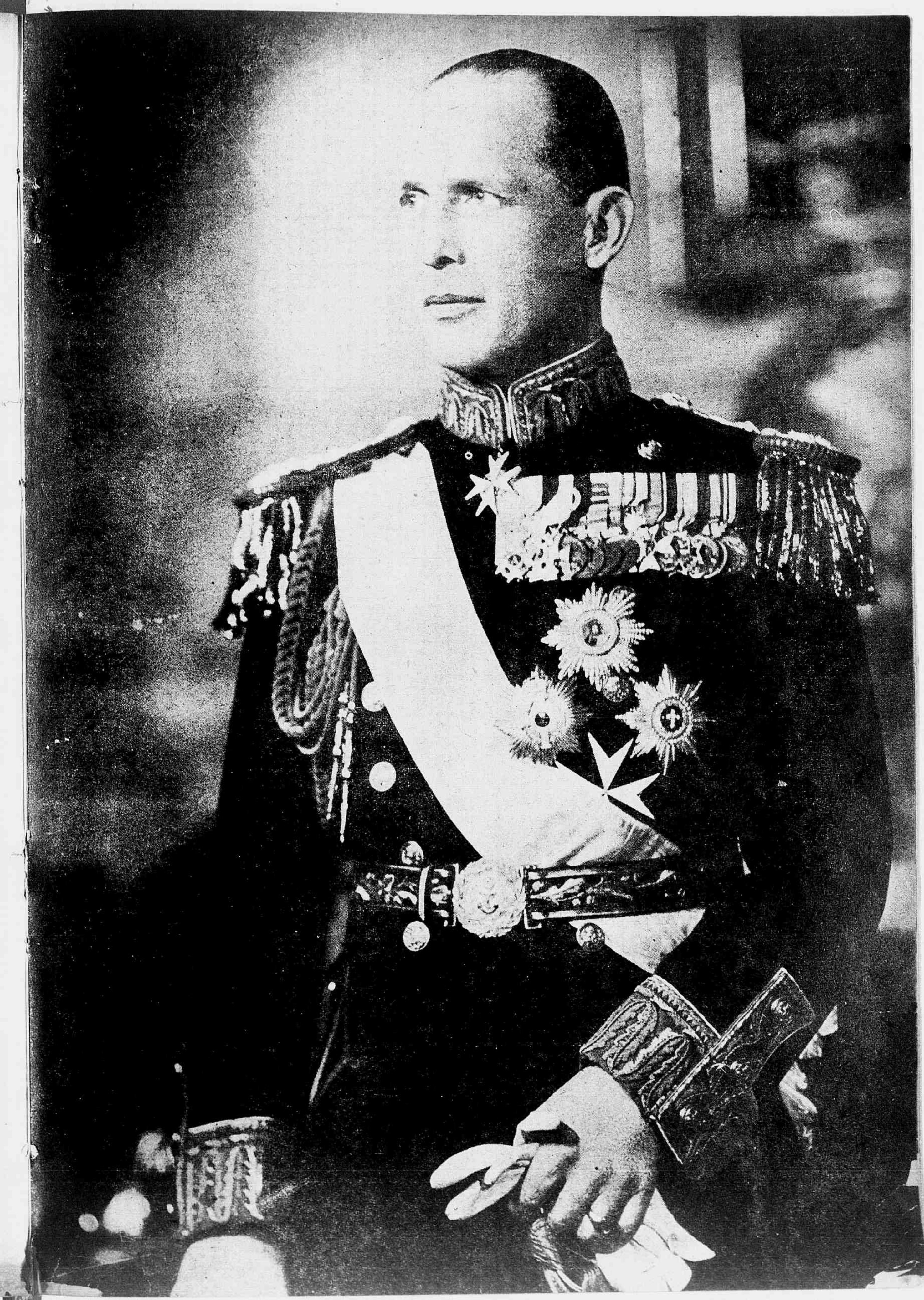
Por EDOUARD DILLON

(Da "France Presse", especialmente para "REVISTA DA SEMANA")

Trácia, eis os fatores que tornavam duvidosas as possibilidades de sucesso de qualquer investigação. Com a presença da Comissão de Inquérito das Nações Unidas observou-se uma trégua entre as forças em luta. Entretanto, este fato equivale ao observado na ocasião em que o general Ventinis concedeu a anistia a 31 de Dezembro do ano findo. Nesta época, os "partisans" que se renderam foram julgados e libertados dois dias depois. A paz oferecida foi, no entanto, aceita apenas por algumas centenas de combatentes. Pouco depois, antes de se tornarem precárias as vias de comunicações e antes de descerem os "maquis" às planícies, verificaram-se opera-

Em baixo: o patriarca ortodoxo de Atenas, saindo da igreja para colocar-se à frente de uma procissão — e dois soldados gregos em traje de gala. Na página à direita: O rei Paulo, da Grécia, que há pouco subiu ao trono, na qualidade de sucessor de seu irmão, o rei George, que morreu sem deixar herdeiro direto.







ções de grande envergadura por parte das tropas do governo de Atenas.

OS "MAQUIS" GREGOS, O EXÉRCITO DE ATENAS E AS TROPAS INGLESAS

Para uma clara compreensão dos conflitos que agitam a Grécia torna-se necessário recapitular os acontecimentos desde o ano de 1946. Após dois meses de luta entre as tropas governamentais e inglesas, de um lado, e as comunistas e da EAM de outro, houve um acordo, segundo o qual os elementos da extrema esquerda sob certas condições, se comprometiam a depor as armas. Dois chefes políticos da resistência, Santos e Pantisalidis, com o apoio de Zachariades, secretário do partido comunista e fugitivo de Dachau, começaram a oposição legal. Outro, Aris Velontiotis, o primeiro organizador da resistência aos alemães, recusou os termos do acordo e voltou às montanhas. Excluído do partido, as tropas do governo moveram-lhe uma perseguição tenaz, cercando-o e prendendo-o. Enforcado, sua cabeça, espetada numa lança foi exposta em todas as aldeias da Macedônia. A direita, entretanto, abusava de sua vitória. Todos os grandes chefes da resistência — Saraphis, Bakirtzis, Mametças e Mentakes, — foram presos e exilados, tornando-se insuportável a vida para os antigos combatentes da esquerda. Um antigo "capitão" da EAM, Laosanis, o único chefe do "maquis" de hoje, célebre desde os tempos da ocupação alemã, levantou o estandarte da revolta. Um antigo oficial, desconhecido até então, Ypsilantis, cujo nome é hoje legendário nas aldeias e vilas do país, passou para o seu lado. São estes os signatários do famoso manifesto de 21 de Novembro de 1946, publicado em dois jornais de Atenas. Por certas razões táticas e políticas, aliados com os comunistas e com a EAM, eles controlam realmente toda a cadeia do Pindo, os "maquis" do Olimpo, de Ossa, de Pelion e de Odrous. São os únicos cujas tropas ocupam e administram realmente as cidades e vilas da região de Cravena, perto da qual, segundo se anuncia, se encontra seu Estado-maior.

Entretanto, não há dúvidas que os "maquis" de Vermion, ao norte de Kossani, são dissidentes. Seu chefe Mavros, (o negro), cuja orelha furada lhe dá um aspecto particularmente terrível, não mantém boas relações nem com os "lavaphones", nem com os comunistas, apesar da unidade de ação a que conduziram os acontecimentos. Embora hajam, sob outro nome, anunciado a sua morte, penso que o verdadeiro continua bem vivo.

Chegamos agora à questão crucial — os "maquis" da "NOF" (separatistas e autonomistas macedônios), que dominam o ângulo albaniano-jugoslavo, acima de Florina, e a cadeia montanhosa que cerca Edessa. Não devemos nos pronunciar a respeito de suas tendências antes de qualquer prova definitiva, bastando assinalar, entretanto, que se trata aqui, na realidade, de um problema macedônio, causa de tantos conflitos, não sendo pois, uma questão apenas grega, mas balcânica.

O mesmo podemos dizer das lutas que ocorrem na Trácia. Verifica-se que os "maquis" do setor ao norte de Alexandrópolis, tentam separar a Grécia da Turquia, e lutam, quer queiram ou não por uma causa que está em relação direta com a questão dos Dardanelos.

Para a clara compreensão dos acontecimentos que se sucederam, não se deve esquecer que, por detrás da unidade de ação que atualmente se observa, imposta pela luta e pelos chefes respeitáveis, estão ocultas profundas divergências entre todos aqueles que as circunstâncias obrigaram a se refugiar nas montanhas: democratas moderados, comunistas bem nacionalistas, nofilistas, internacionalistas, etc.

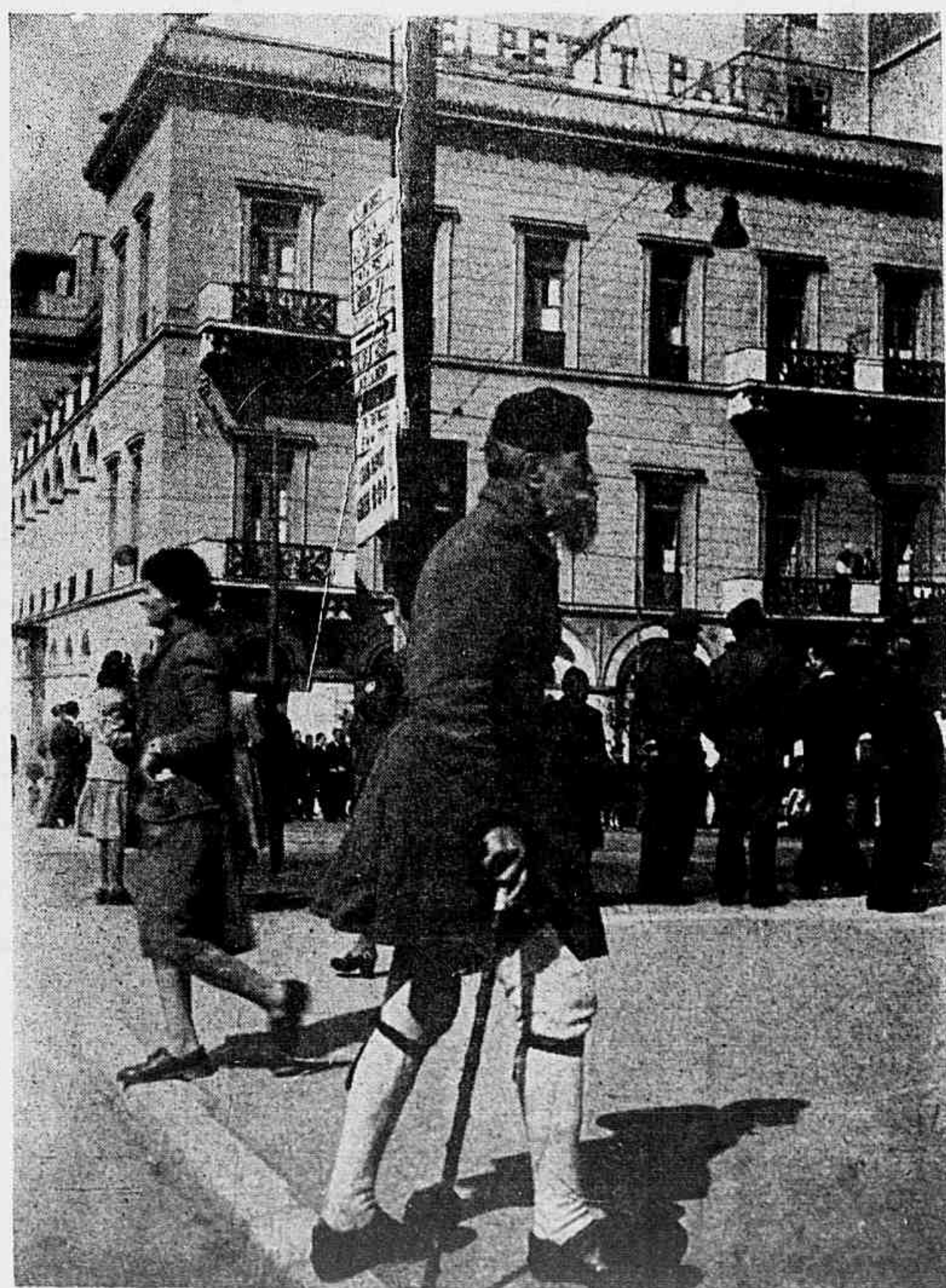
Os "maquis", fora dos pontos acima citados, são grupos "esporádicos", isto é, bandos que se formam e se dissolvem segundo os acontecimentos. É o que sucede ao norte de Kilikis em Komotini e em certas partes do Peloponeso. A ilha de Creta, onde a maioria é nitidamente da esquerda, permanece calma.

Para completar o quadro torna-se necessário falar dos "maquis" da direita, alojados especialmente ao sul de Laris-

Flagrante colhido em Atenas, tal como se apresenta, atualmente, vindo-se em primeiro plano um ancião em traje nacional.



Os soldados gregos não têm apenas que lutar com os guerrilheiros. Devem também, cuidar dos seus salotes brancos e da limpeza dos seus sapatos.



sa, e também das organizações terroristas da direita (Xitas), que são acolhidas abertamente de fascistas. Para melhor compreender a situação, basta assinalar que no departamento de Iamía, há três bandos da esquerda, os de Belis, de Dramondis, e de Locros, e três da direita, os de Vourlakia, de Bulukutas, e de Tsamadias.

Seria injusto pretender, baseado em certas notícias, que os "partisans", sejam compostos apenas de assassinos e de bandidos. Quaisquer que sejam as repercussões de seus atos, estes "partisans" representam uma resistência popular à política indefensável de um governo que apela os antigos colaboradores e persegue os velhos homens da resistência. Estes grupos se compõem de intelectuais, de trabalhadores, operários das cidades, e, especialmente, de camponeses.

Destes últimos, uns são combatentes, outros, após o dia de trabalho, abandonam a charrua e contribuem no que podem para a luta, e há os que abastecem as tropas. Todos eles desejam paz, mas também vida melhor e mais humana.

Os camponeses do Norte da Grécia são pobres. Não vivem dos produtos da terra. O carvão, o tabaco e o vinho que produzem, na sua maioria são exportados. As crises frequentes provocadas pela conjuntura do comércio internacional causaram a pobreza e a ruína do camponês grego, e sobre os ombros dos camponeses recai o maior fardo dos tributos e das despesas públicas. Tudo isso produziu no espírito da classe uma nitida tendência para a anarquia.

O camponês julga-se explorado pelo governo, pelos comerciantes e pelos banqueiros das cidades. A luta do povo heleno, além do seu caráter de libertação nacional, além do seu aspecto balcânico, representa um reflexo das divergências dos "grandes". Eis porque não devemos nos admirar de que, neste solo, tão bem preparado pela história, a geografia e os erros dos dirigentes gregos, as diferenças ideológicas e econômicas entre os "soviets" e os anglo-saxões se traduzem por sangue e crimes.

Nem os guardas reais do Palácio de Buckingham, com seus enormes penachos, ganham em pitoresco dos soldados gregos. Parecem bailarinas da Ópera Cômica militarizadas...

O EXÉRCITO GREGO E AS FORÇAS INGLESA

O exército grego se compõe de 50.000 homens, bem vestidos e bem nutridos, mas mediocrementemente armados. Não dispõe de armamentos adequados para a guerra que empreende. É um exército numericamente fraco para poder agir decisivamente contra os "partisans".

O moral do exército nem sempre apresenta boas condições. Os seus oficiais, que odeiam o comunismo, exercem grande influência sobre os soldados, aos quais repetem todos os dias que os "bandidos" querem entregar a Macedônia à Bulgária. Os homens da tropa, apesar de todos os esforços de seus chefes, não alimentam nenhum ódio aos "andartes", reconhecendo que entre eles há muitos laços que os unem.

O Exército Grego divide-se em três corpos, com bases em Salônica, Larissa e no Peloponeso e ilhas (Corpos A, B, e C), armados e instruídos pelos ingleses. Não se pode negar que esse exército, depois de participar da luta do deserto com Montgomery, apresenta-se incapaz e desorganizado, devido o individualismo dos chefes e à falta de material, não podendo, desta forma, combater seriamente 10.000 ou 20.000 "maquis".

OS INGLESES

As tropas inglesas na Grécia compreendem uma divisão de 20.000 homens, composta de três brigadas, com base em Salônica, Ardea (ao norte de Edessa) e Veria (ao nordeste de Kosnany), além de serviços anexos. Embora disciplinada e bem enquadrada, esta divisão não tem um bom moral. Os ingleses não intervêm na luta entre as tropas do governo e os "maquis". Os norte-americanos mantêm aqui, um "attaché" militar, o capitão Storm, e "observadores" em Salônica, Florina, Kilkis, Drama, etc.

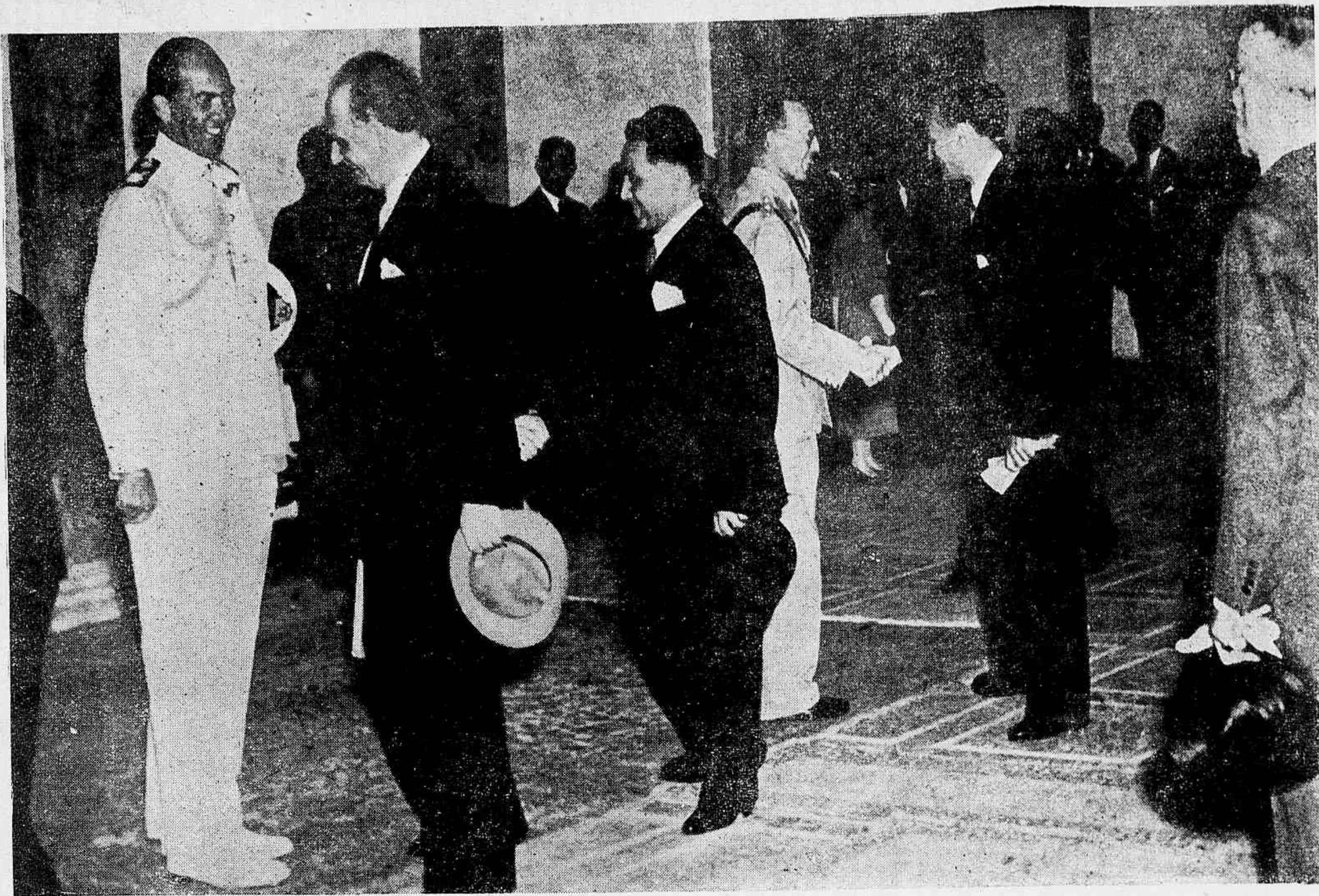
A POLÍCIA

A polícia se não é mais eficaz que o Exército, pelo menos é mais severa. Entre a polícia e os andartes observa-se



Em cima: Soldados ingleses, guardando um hotel onde se hospedaram emissários da ONU, que estiveram na Grécia. Em baixo: soldados gregos em parada, nas ruas de Atenas.





Em cima: flagrante de uma audiência em que compareceram juntos o rei desaparecido e o soberano atual da Grécia. A monarquia representa, na Grécia, não apenas o espírito conservador e tradicionalista dos aristocratas que nada querem ceder dos seus antigos privilégios.

um ódio irredutível. As violências de uma e de outra parte são cada vez mais atrozes.

E como em muitas partes do mundo, também na Grécia, muitos comunistas e andartes são frutos das violências policiais e da falta de tino político das pessoas responsáveis pela segurança do Estado.

A EXTREMA DIREITA

Os da direita, do espírito tipicamente fascistas, embora considerados fora da

lei, contam com o auxílio das autoridades e se aproveitam dessa situação para exercer um verdadeiro regime policial.

O POVO

O povo sempre é que sofre com a revolução intestina e as lutas políticas na Grécia. Sacrificado durante a ocupação alemã, procura defender o que lhe resta de tantos anos de tormento. Daí a suspeita que domina o povo tanto contra as tropas governamentais, como contra os andartes.

A tudo isso convém assinalar a verdadeira situação de anarquia das cidades e vilas do interior, onde as medidas administrativas e de proteção ao povo casam-se, e o peso dos tributos aumenta dia a dia.

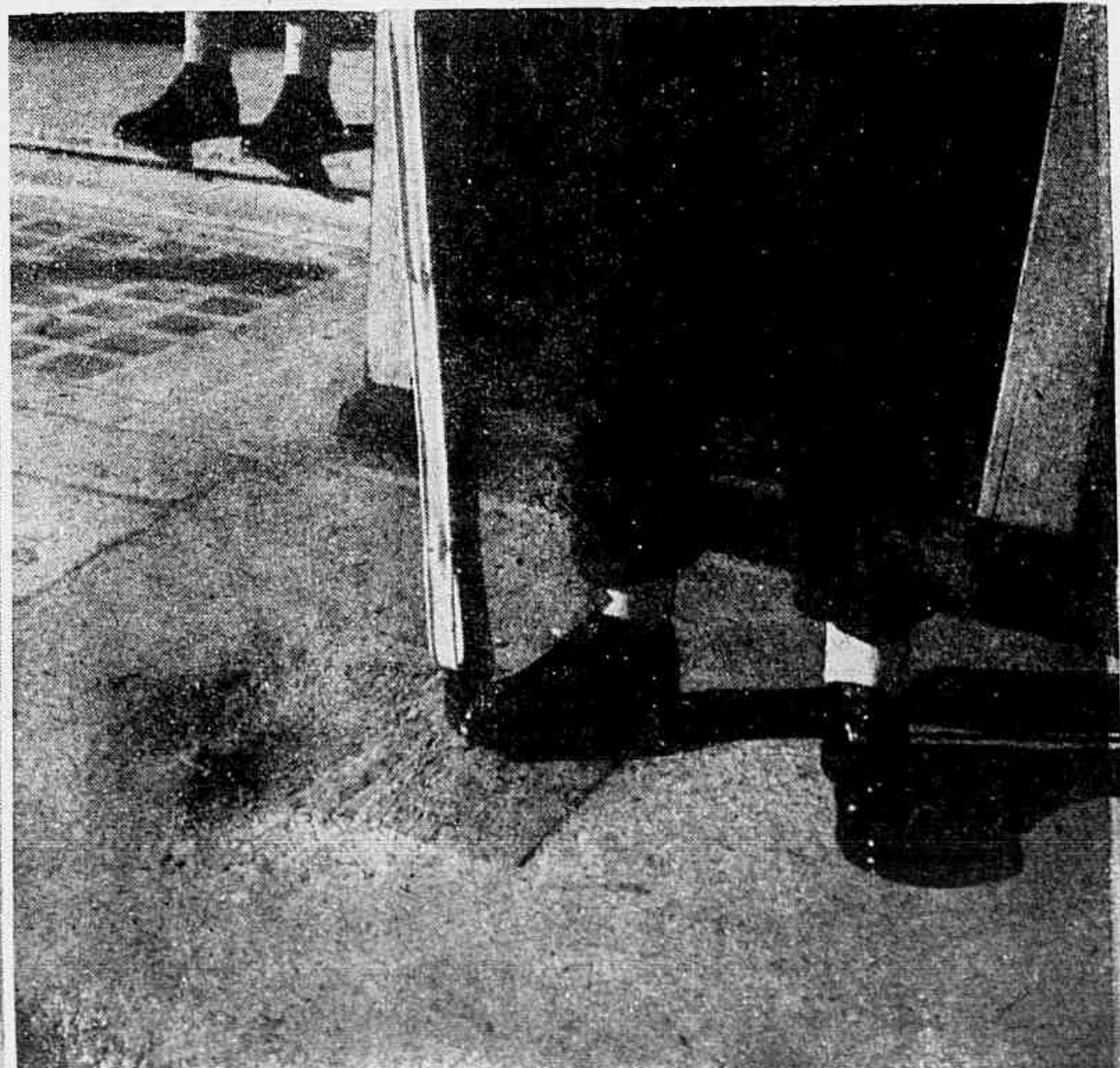
A TESSÁLIA

A Tessália é em toda a Grécia, a região em que a luta não apresenta nenhuma questão internacional para complicar a questão grega. Eis, pois, onde podemos, examinar o problema grego

com toda exatidão, em seu significado econômico, político e social. A Tessália foi um dos bastiões da resistência (EAM), durante a ocupação alemã. Ao lado da luta contra o invasor, os "andartes" procuravam levar o combate ao terreno revolucionário. A 2 de Dezembro, após a libertação, o seu cortejo de horrores e de misérias, deixou na classe média o sinal comparável àquele que caracterizou a burguesia francesa, após

(Cont. na pag. 54)

Pelas calças, — dizem os gregos, — conhecem-se os soldados ingleses que ainda se encontram na Grécia, como uma força de ocupação e em grande parte, mantenedora da monarquia, cuja casa real está agora identificada com a da Grã-Bretanha, com o projetado casamento do atual príncipe Philip com a princesa Elisabeth, herdeira do trono da Inglaterra.



A DURABILIDADE DAS MEIAS "NYLON"

AS meias "nylon" são de muita durabilidade, mas requerem cuidados especiais.

Dorothy Lamour, a popular "estrêla" da Paramount, dá às nossas leitoras alguns conselhos úteis sobre o assunto. 1 — Lave as meias antes de usá-las pela primeira vez, deixando-as secar durante 24 horas. 2 — Lave as meias logo que as tiver usado. Isto faz com que durem mais, porque lavando-as logo após cada uso, impedirá a penetração de acidez. 3 — Lave com um sabão suave e enxagoe até que a água saia inteiramente limpa. 4 — Não torça as meias. Aperte-as levemente numa toalha e pendure-as cuidadosamente longe de qualquer coisa que possa prendê-las. 5 — Conserve-as de preferência dentro de um recipiente de vidro. 6 — Tenha a certeza, ao comprar meias, que elas são do tamanho exato dos seus pés. Isto é muito importante. Pequenas demais ou grandes demais, elas se estragarão facilmente. 7 — Procure ter três pares de meias perfeitas e alterne o seu uso. Assim elas durarão muitíssimo mais.



NOS BASTIDORES FEMININOS

VOCE não parece ser das tais que caem nos braços do primeiro homem que aparece. Foi a curiosa declaração de amor feita à uma amiga por um rapaz que vinha sendo assediado por um grupo de garotas bonitas que quase não lhe permitiam respirar. No entanto, no meio de todas aquelas pequenas "glamurosas" ele foi distinguir justamente a que se mantinha numa atitude digna e discreta, talvez não tão bonita e não tão "glamurosa" quanto as outras, mas dona de uma atração que lhe vinha de dentro — do espírito, do caráter, do coração. O que o encantou, sobretudo, foi a naturalidade com que a minha amiga o tratava, nunca demonstrando o menor desejo de conquistá-lo. Enquanto as outras planejavam e executavam a "ofensiva", ela se mantinha serena, no seu canto, sem participar do "ataque". De tudo isso colhemos uma excelente lição; lição que se aplica perfeitamente à maioria das nossas jovens às quais, desde os quinze anos de idade (e às vezes muito antes), não tem outra preocupação senão a de atrair a atenção do sexo oposto, tornar-se admirada por uma legião de "fans" e "conhecer a vida". Muitas se desesperam quando chegam aos vinte anos sem conseguir marido. Acha que depois dessa idade a oportunidade de casar é menor e, têm verdadeiro pavor de chegar aos trinta anos solteiras. É este pavor que as leva a procurar avidamente romances amorosos, na expectativa de um casamento vantajoso. Acontece, porém, que o número de "vítimas" diminui; o homem pode se divertir com uma criatura que investe para ele sem a reserva que seria de esperar da mulher; mas, dificilmente cairá na "armadilha". Ele saberá encontrar, como no caso de minha amiga, moças mais moderadas e distintas que não constituam para ele um verdadeiro pesadelo. Sim, porque casando com uma pequena "atirada" ele sabe que viverá sempre numa atmosfera de desconfiança e preocupações. Logicamente, ele procurará para esposa alguém que lhe possa oferecer mais tranquilidade. Não quero dizer com isso que a moça deva cruzar os braços e esperar pacientemente pelo "príncipe encantado". Há ocasiões em que, reconheço, é preciso forçar um pouco a situação, mas nada disso precisa ser feito com a ansiedade de quem não tem tempo a perder; não existe, de maneira alguma, razão que justifique todo esse luncheon de casar e logo! Mesmo porque, aos quinze anos de idade, a jovem está vivendo a época da preparação para a vida, do desenvolvimento da inteligência e do talento. Construindo tudo isso, estará construindo também as "chances" para um casamento que virá mais tarde, pois o homem se interessará por tudo o que ela é e não apenas pela sua aparência artificial de boneca enfeitada. Tenho visto moças que se casam aos vinte e cinco, trinta e cinco e quarenta anos e que são felicíssimas com os esposos. É um erro pensar que é preciso ter quinze ou vinte anos para ser feliz. Esse pensamento é que transforma as nossas jovens em verdadeiras "caçadoras" de maridos, quando poderiam, perfeitamente, viver dias tranquilos e alegres, cuidando mais da formação da sua personalidade, estudando melhor os problemas da vida enquanto aguardam com naturalidade e decência a chegada do grande dia.

KITTY

O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

AS COBRAS

Uma senhora norte-americana, muito impressionada com as informações que obtivera sobre o Rio de Janeiro, perguntou certa vez a Carmen Miranda:

— É mesmo verdade que na sua terra existem muitas cobras?

— É verdade, — respondeu a célebre cantora de músicas populares.

— Ah! — exclamou a senhora muito excitada. — Bem me haviam dito! E que é que fazem lá quando encontram cobras pelas ruas?

Carmen pensou um instante, juntando palavras para desfazer o equívoco, mas em seguida se arrependeu.

— Deveria, — retrucou, — se for alguma cobra conhecida, a gente se limita a cumprimentá-la...

ALMA INVENCÍVEL

Uma atriz lindíssima, mas curta de inteligência queixava-se a Souphie Arnould de que os admiradores não lhe davam um momento de sossego.

— É um verdadeiro exército a me perseguir!

— Ora — respondeu a famosa atriz francesa, — é muito fácil você derrotar esse exército. Basta abrir a boca e falar.

Também é de Souphie Arnould esta definição: "O divórcio é o sacramento do adultério".

CARTA AO MARIDO INFIEL

Ana Bolena ao saber que Henrique VIII a havia condenado a morte, enviou-lhe a seguinte carta: "Senhor, Sempre foi de vosso desejo elevar-me cada vez mais. De simples dama da corte, me fizestes marquesa de Pimbroeck. De marquesa, me fizestes rainha. E agora scabo de saber que me elavastes ao grau de mártir e santa. Agradeço-vos profundamente".

PECADO MORTAL

A duquesa de Berry visitava uma igreja de aldeia na hora em que o capelão ministrava o catecismo. Chamou um menino e perguntou-lhe:

— Quantos são os pecados mortais?

— São... quatro — respondeu o menino atrapalhado.

— Qual quatro! São sete! E vamos ver se você sabe quais são.

O menino começou a enumerá-los e saiu-se razoavelmente bem até o sexto.

Mas não conseguiu se lembrar do sétimo.

— É a gula! — adiantou a duquesa. — Não se esqueça nunca desse pecado, que é terrível.

E dizendo isso, deu-lhe uma moeda:

— Aqui está para os seus biscoitos...

MA' COMPANHIA

A marquesa Du Defand tornou-se célebre pelo seu espírito agudo.

Certa ocasião, queixava-se a um amigo da indigência mental da maioria daqueles que a cercavam.

— Mas, — dizia o amigo, — não se pode dizer que Montignon seja um imbecil!

— Não, não se pode dizer. Mas também não se pode negar que é filho de um imbecil.

— E Necker?

— Necker é muito inteligente. Pior que os outros, porque perto dele nós é que nos sentimos imbecis...

PROFESSORA

Ann Sheridan foi professora de um jardim da infância. Nessa época, em certa ocasião, entrando num ônibus, voltou-se sorridente para um rosto que lhe pareceu conhecido. Quando começou a falar, notou que se havia enganado, e, muito embaraçada, explicou:

— Desculpe-me. Eu pensei que o senhor fosse um conhecido meu, que é pai de duas das minhas crianças...

O homem, dando mostras de certo pânico, saltou logo que pôde.

REZA

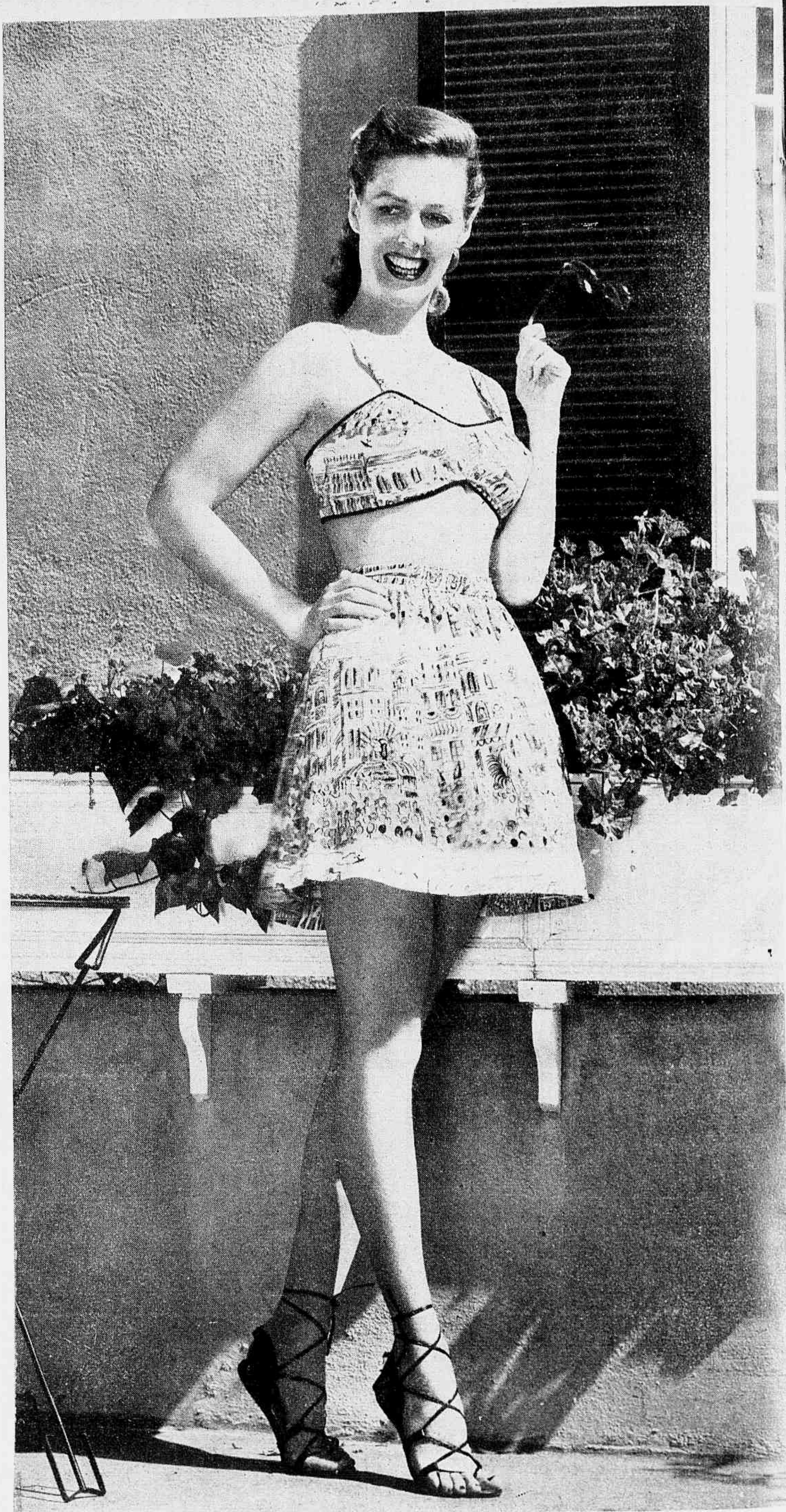
Eleanor Roosevelt tornou-se célebre não só pela agudeza de seu espírito, pela largueza de sua visão política, pela franqueza e honestidade com que encara todas as questões relativas aos Estados Unidos, como ainda pela sua tremenda energia.

Correm mundo inúmeras anedotas sobre sua faculdade de atender a tudo e a todos, de nunca faltar, nunca se atrasar, nunca se recusar a nenhuma tarefa. Dizem que certa ocasião, um bisbilhoteiro ouviu sua secretária rezando. Sem querer, colheu a seguinte mensagem que a mesma enviava urgentemente ao céu:

"Meu Deus, fazei com que ela fique cansada. Ao menos um dia, meu Deus, ao menos um dia, fazei com que ela fique cansada!"

E, pelo que se vê, parece que a prece não foi despachada até hoje.

Seleção de L. B.)



“DUAS PEÇAS” OU “UMA PEÇA”?



MURO DAS Lamentações

ENTERRO A LONGO PRAZO

NO caminho pedregoso que é a vida de quase todos nós, temos que enfrentar uma porção de dificuldades, de incompreensões e mesmo de impossibilidades totais. Mas os piores inimigos são ainda os que trazemos dentro de nós mesmos. Somos frequentemente dominados por sentimentos mesquinhos, como a inveja e o despeito, a ambição desmedida, o egoísmo doentio, a vontade de dominar, a vaidade exibicionista e tantos outros. Não são esses, no entanto, os que envenenam a maior parte de nossa existência. Há outra classe de sentimentos responsável pelo apodrecimento de um número infinito de momentos que poderiam ter sido felizes. Refiro-me ao pessimismo, ao tédio, ao indiferentismo sem imaginação.

Na infância e na adolescência criamos uma porção de sonhos de riqueza, de amor e de poderio, que a vida, em 95% dos casos, não é mesmo capaz de dar. Passamos depois, na idade adulta, a um sentimento de aborrecimento diante do dia-a-dia vazio de grandioso e de inesperado, e assumimos então uma atitude de aceitação condescendente de fatos quotidianos, como se estivessemos fazendo o favor de assistir ao seu desenrolar fastidioso; a eles não nos entregamos completamente, não queremos nos entregar, porque temos a íntima convicção de que "não somos bem daqui" — somos de um reino admirável que, só ele, seria digno de nossa participação integral.

Sentindo e agindo dessa maneira, perdemos a vida mais do que se a morte já nos tivesse levado, pois a morte pode ser também — quem o sabe? — o início de uma bela viagem cheia de prodígios, ao passo que a vida, para quem vê tudo cinzento, não passa de um enterro a longo prazo.

Não devemos assistir apáticos a esse lamentável espetáculo de paralisia e de apodrecimento, quando dentro de nós mesmos está a seiva capaz de reverdecer as alegrias perdidas ou irrealizadas. Antes de tudo, precisamos nos conformar com o papel que a vida nos reservou, sem que essa conformidade exclua a luta, é claro. O que devemos evitar é o desespero e o tédio por não podermos ser o que ambicionamos, afim de olharmos e enxergarmos a beleza da vida, em vez de olharmos e enxergarmos as sombras deixadas sobre a vida pela posição que nela não pudemos conquistar.

Veremos, então, quanta coisa simples, mas admirável, está ao nosso alcance. Um amigo sincero, uma praia cheia de sol, um domingo tranquilo, uma comida gostosa, a alegria ingênua de uma criança, os olhos claros da moça que passa — há tanta coisa, mas tanta coisa que vale a pena! E se esquecermos o nosso pequenino Eu com pretensões a grande, e mergulharmos de espírito translúcido dentro da multiplicidade e da grandeza da Vida.

CONTINENTE

COMO se já não bastasse a briga entre a saia curta e a saia comprida, Paris acaba de provocar uma outra. Desta vez a pergunta é: "duas-peças" ou "uma peça". Querem abolir, definitivamente o uso de "duas-peças" para a praia, alegando que a peça inteira realça muito mais as linhas da mulher. E, agora perguntamos nós: Vocês têm alguma coisa a dizer contra as "linhas" de Janis Carter? Elas estão ou não realçadas pelas "duas-peças"?



UMA ESCOLA PARA SEU FILHO

UMa senhora inteligente e de recursos, perguntou-me, há algum tempo, que escola deveria escolher para seu filho; como esta indagação me parece ser a de muitas mães, repito a resposta que lhe dei:

Em primeiro lugar que seja uma casa, onde haja luz, espaço e simplicidade, para que o espírito da criança conheça ao mesmo tempo, liberdade e harmonia.

Procure saber algo dos mestres; se tomamos informações de crianças para serviços domésticos, por que não dos indivíduos a quem vamos confiar nossos filhos? Que os professores sejam curiosos e humanos, preferindo o encanto das novas ideias ao poder das antigas; se souberem descer da cátedra e palear como criaturas comuns, então, nunca não foram corrompidos pelo dogma da infalibilidade de suas pessoas.

Busque um lugar, onde não forneçam mais do que 50% de ensino literário, que o resto do tempo seja consumido em artes, esporte e atividades sociais, não consinta que envenenem o cérebro da criança com mais comida do que ela poderá digerir.

Que seja uma verdadeira casa de ensino, no sentido primitivo das academias, onde o aluno brilhante e pobre encontrava lugar, sem distinção, ao lado do rico; máximo de solidariedade humana e mínimo de comércio, é ter o ideal.

Não se deixe impressionar pela promoção rápida e fácil, que o grau possa ser um índice real de valor e não um cortejamento aos pais, para que não retirem os filhos do estabelecimento.

Se o diretor não se contentar em ser apenas um erudito, mas um ser também sociável; se tiver um administrativo, mas não tão sagaz que seja um comerciante, pode crer, que dirigirá a escola tão bem, como um comandante a sua nau, os lucros são da companhia, mas o barco lhe pertence.

Não selecione o ambiente pela fina frequência de pessoas em boa situação social ou monetária, para que seu filho não passe a crer que o mundo é um salão, onde só importam as boas maneiras.

Se tiver apenas sete anos, procure de preferência a escola primária; não há lição cotidiana de democracia mais eloquente do que ela; congrega a todos e todos iguais na singeleza do seu modesto uniforme. As professoras são independentes; desconhecem o patrão e não estão sujeitas a cortezias particulares aos bem nascidos.

Se já atingiu o período ginasial, atenda mais aos elogios feitos a um colégio pela boca do povo, que pela propaganda dirigida dos jornais. A reputação tradicional é lenta, mas certa; e o anúncio convida, apenas, a ser um comprador.

Não se deixe fascinar pelos grandes nomes que cursaram a mesma escola, nem se alarme com os máis alunos que ali nada aprenderam; quer os grandes, como os máis, se revelariam em qualquer latitude.

Verifique que seja uma casa, onde haja ordem e assentamentos precisos, para que a criança se sinta zelada e tenha o exemplo da disciplina mais em atos que palavras.

Que os regulamentos sejam estáveis, amoldando-se apenas às circunstâncias e não variáveis nos câmbios de atitudes humanas; sendo a criança um ser móvel precisa de pontos de referência para seu juízo.

Se encontrar uma escola que lhe ofereça 80% destas condições, pode acreditar que encontrou um segundo lar para seu filho. Mas não julgue, por isso, que pode estar descansada; começou para você uma nova missão; a de velar, sem ser pressentida, pela boa harmonia entre a criança e a escola; estimulando a primeira e informando a segunda, numa colaboração íntima e efetiva, como se também estivesse presente nos contactos escolares. Só assim terá conquistado, então, tranquilidade, pela certeza do cumprimento dos seus deveres maternos.

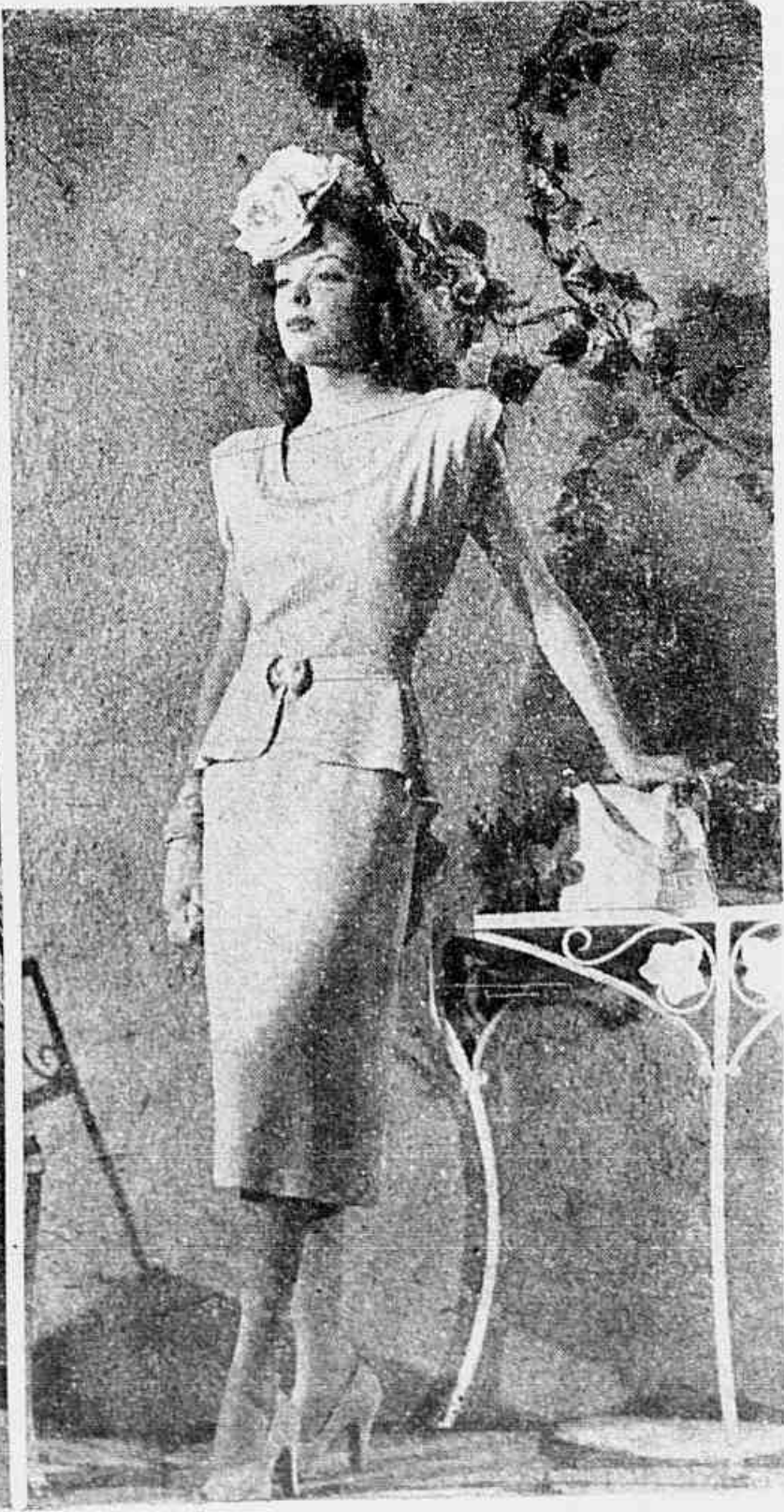
ZOIA DE LAET





CINCO MODELOS VARIADOS

Na página ao lado: Com uma saia de gabardine cinza, Alexis Smith, da Warner Bros., usa uma blusa de seda branca de mangas compridas e uma "sweater" de tricô de listras azuis e brancas. A bolsa em couro cru, e muito interessante com desenhos em relevo, de inspiração mexicana. Ao alto, à esquerda: Uma nota bastante original nos é dada por Joyce Reynolds, da Warner Bros. Do bolso do seu casaco, bolso já por si de corte bem original, é colocado um lenço do mesmo tecido e com o mesmo bordado da blusa. O "tailleur" é cinza e a blusa e lenço em azul marinho com bordados prateados. A direita: Nesta temporada veremos as mais extravagantes combinações de cores. Martha Hyer, por exemplo usa amarelo canário com azul Nápoles. A blusa e o chapéu são amarelos e a saia e o casaco na segunda cor. O casaco não tem mangas e não tem gola. Pode ser executado em lã ou "gros-grain". Em baixo: Outro modelo em duas cores. O casaco em verde pistache e a saia em marrom café, ambos em lã. Exibiu-o Dorothy Malone, Criação de Edward Stevenson para Jane Greer, da RKO. É executado em crepe Roma azul claro. Decote redondo guarnecido de uma tira de "tulle". Partindo da cintura, "basque" muito mais longa atrás. O cinto é do mesmo tecido, preso na frente com duas folhas de prata. Duas rosas cor de rosa e véu preto formam o chapéu.



A PERSONALIDADE da Semana

ALICE TIBIRIÇÁ

ALICE Tibiriçá é dessas mulheres tão ativas que ninguém compreende como consegue fazer caber todas as suas tarefas em um único dia. Não há campanha médico-social que não tenha encaminhado. Quando sente a necessidade de uma ação qualquer, cria um movimento de opinião que possibilite o seu trabalho, funda a obra, dedica-se inteiramente a ela e quando chega a hora de colher as frutas do seu esforço, está esboçando novo movimento, já que a obra precedente pode funcionar sem a sua ajuda!

Atualmente, está lançando numa nova campanha. Sem deixar de fiscalizar todas as obras que criou (não nos esqueçamos que está empenhada na luta contra a lepra há mais de vinte anos e procuremos compreender a força de vontade que significa esforço tão contínuo), forma, agora, uma sociedade de amparo aos psicopatas.

— Os doentes mentais estão abandonados, explica, longe do carinho da população. Quando conseguem ser curados, não recebem nenhuma ajuda do Governo, o que é natural, pois ele não está em condições de cuidar de todos os problemas. Mas a coletividade, também, tem as suas obrigações! Temos três objetivos principais:

1.º — A recuperação pelo trabalho, de diversões e o esporte. Não basta dar remédios a um doente mental e deixá-lo entregue aos seus pensamentos durante o dia todo. A terapêutica ocupacional é uma necessidade, faz parte do tratamento.

2.º — A assistência aos recuperados; procuraremos trabalho para eles, planejaremos uma ajuda que lhes permita readaptar-se à vida. É preciso modificar o conceito de que quem foi internado deve ser considerado como um indivíduo perigoso, para não dizer criminoso!

3.º — A assistência às famílias dos doentes sem recursos. Encontrei muita oposição quando comeci a me preocupar com as famílias dos leprosos. Estou disposta a empreender a mesma luta para as famílias dos doentes mentais.

Paralelamente com o desenvolvimento das campanhas médico-sociais, que são a finalidade do Instituto Chagas, Alice Tibiriçá dedica muito tempo ao Instituto Feminino de Serviço Construtivo, que une, reúne, organiza as mulheres para que progridam, se emancipem, trabalhem e efetivamente, pelo estabelecimento da paz e desenvolvimento do seu país. Enquanto falávamos do Instituto, uma jovem funcionária aproximava-se de nós. Apresentei-a a Dona Alice, que lhe perguntou imediatamente se não queria trabalhar com ela, pois nunca perde tempo e procura acordar o espírito social em cada mulher que encontra. A moça disse que estava muito ocupada porque ia casar em breve.

— Então nem quero que você pense em trabalhar comigo, disse Alice Tibiriçá. Você tem um único dever no momento; o de preparar seu futuro. Dedique-se ao seu noivo, arrume sua casinha, crie seu lar. E quando sua vida estiver bem encaminhada, daqui a três ou quatro anos, venha me procurar. Então poderá nos ajudar! Pense na sua felicidade, minha filha. Seja feliz.

Contei o incidente porque comprova que, contrariamente a muitas mulheres que só pensam na sua obra sem nunca levar em conta as necessidades individuais das suas colaboradoras, Alice Tibiriçá é profundamente humana. Esta compreensão permite-lhe fazer o verdadeiro trabalho social.

Não é possível aludir a todas as atividades aqui. Lembrarei que organizou o combate contra a lepra, esboçou a luta contra a tuberculose, continuada hoje pelo próprio governo, encaminhou inúmeras campanhas de higiene e saúde, trabalhou para que o voto fosse concedido à mulher, conseguiu bolsas para meninas do interior que receberam instrução agrícola, organizou as primeiras uniões femininas contra a carestia e transformou inúmeras mulheres apáticas em cidadãs conscientes. A tal ponto que estas conseguiram mandar uma representante no Congresso Democrático Internacional das Mulheres em Praga, sem nenhuma ajuda oficial. O Brasil foi o único país da América do Sul que chegou a este resultado. E a mulher escolhida pelas brasileiras para representá-las foi Alice Tibiriçá, uma verdadeira democrata, pois se não pertence a nenhum partido político, sempre lutou contra o fascismo e a opressão, em prol da liberdade, da paz e do progresso.

YVONNE JEAN

"WEEK-END" na Cozinha

SERIA ótimo si eu dispuzesse de uma boa cozinheira! Seria ótimo o que? Então pelo simples fato de não possuir uma boa cozinheira você vai desistir de festejar dignamente a data do seu aniversário de casamento? Incrível! Você já teve uma sorte imensa em ter a data caído num sábado. É dia de meio expediente e você, si quizer, poderá fazer muita coisa. Em primeiro lugar, deixe-me dizer que adoro essas reuniões íntimas onde se pode rever velhos amigos e conversar um pouco de tudo. As horas passam rápidas e agradáveis. Para o homem então, muitas vezes essas reuniões têm uma importância ainda maior. Bons negócios, boas oportunidades, surgem muitas vezes de uma simples reunião de amigos. Seria um crime você perder a "chance" que a data lhe oferece. Mostre a todos que é feliz e que o trabalho não o assusta. Seria um trabalho diferente daquele que você está habituada a fazer no escritório e na repartição, um trabalho que nada tem de intelectual mas que traria a você, como recompensa, os elogios do amigo e um olhar de gratidão do esposo. Para que tudo sala bem, você deverá traçar os seus planos com alguns dias de antecedência. Escolhido o menu, encomende tudo o que for necessário afim de que no dia esteja tudo em casa. No sábado pela manhã, antes de você sair para o escritório, verifique si não falta nada. As flores também já devem ter sido encomendadas. Quando você voltar, ao meio dia, o "campo" estará pronto para você entrar em "ação". Sugiro o "jantar americano" porque é moderno e prático em todos os sentidos. E, para você que trabalha e que deve estar habituada à ordem e disciplina, não será difícil organizar tudo de maneira a evitar confusões de última hora e ao mesmo tempo a impedir qualquer "fiasco".

FILE' DE GAROUPA A MILANESA

Ingredientes: 500 grs. de filé de garoupa; 200 grs. de banha; 100 grs. de farinha de trigo; 100 grs. de farinha de rosca; 1 chicara das de chá, de leite; 2 ovos, sal.

Preparação: Tomam-se os filés, lavam-se, temperam-se com sal e molham-se no leite. Em seguida passam-se na farinha de trigo, depois nos ovos batidos e por último, na farinha de rosca. Levam-se a fritar de ambos os lados na banha bem quente e depois colocam-se sobre uma peneira forrada com papel pardo, para desengordurá-los. No momento de servir, dispõem-se no centro de uma travessa guarnecida com folhas de alface. A receita deverá ser aumentada de acordo com o número dos convidados.

SILVEIRA DE CAMARÕES

Ingredientes: 1 quilo de camarões pequenos; 100 grs. de manteiga; 100 grs. de farinha de mandioca peneirada e torrada; 8 ovos; 1 lata de "petit-pois", 2 molhos de alface; sal, salsa.

Preparação: Tomam-se os camarões, cortam-se as barbas e a primeira parte da cabeça onde se acham os olhos, espreme-se esta, descasca-se pela parte inferior, puxa-se uma tripa capilar que vai da cabeça à cauda. Corta-se esta, em seguida lavam-se muito bem em água com limão. Tratados e temperados, os camarões são levados a cozinhar em água a ferver com sal e pimenta. Depois cozinham-se até ficarem macios. Juntam-se então a metade dos "petit-pois". Aparte, toma-se uma frigideira, põe-se a manteiga e a salsa picadinha e levam-se ao fogo. Acrescentam-se os ovos batidos e um pouco de sal. Quando estiverem fritos adiciona-se-lhes a farinha e mexe-se tudo, reduzindo-se a uma farofia fina. Trata-se a alface, lava-se e corta-se o mais fino possível. No momento de servir, toma-se uma travessa grande e dispõem-se uma camada de alface, uma de camarões com "petit-pois", uma farofia de ovos e assim se continua, devendo a última camada ser de alface. Enfeita-se a silveira com os "petit-pois" restantes.

CHARLOTTE RUSSE

Ingredientes: 400 grs. de açúcar; 250 grs. de palitos de pão de ló; 60 grs. de gelatina; 1 litro de leite; 1/2 garrafa de creme de leite; 1 lata pequena de qualquer geleia; 12 gemas; 1 colher das de chá de essência de baunilha.

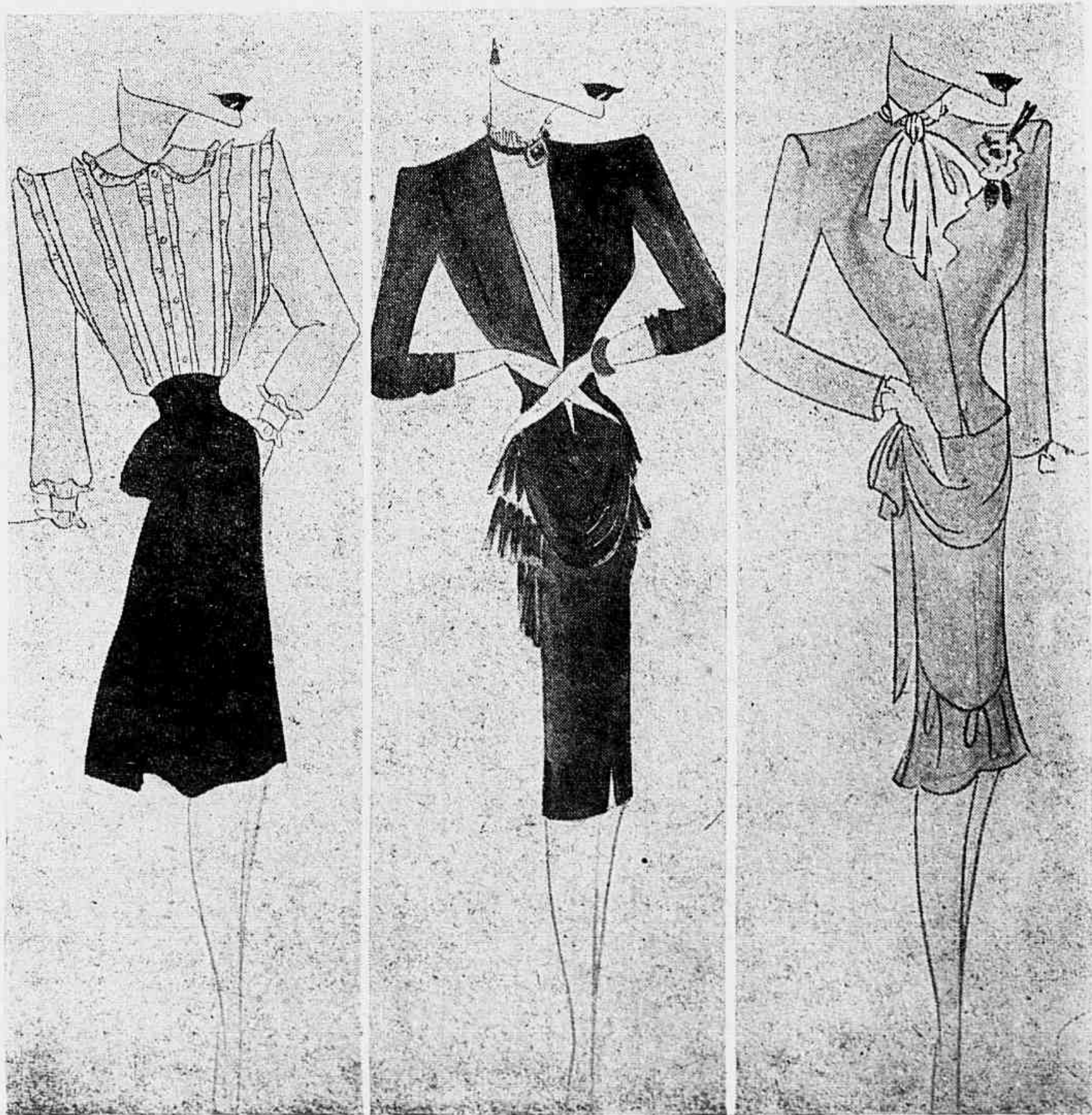
Preparação: Toma-se uma forma lisa de louça ou de alumínio, e unta-se toda com a geleia bem desfeita. Em seguida guarnecem-se os lados e o fundo com os palitos de p. de ló. A parte põe-se o açúcar, o leite, as gemas e a baunilha em uma caçarola, mistura-se tudo e leva-se ao fogo para fazer um creme, mexendo-os continuamente. Quando começar a ferver, retire-se e junta-se-lhe a gelatina dissolvida em meia garrafa de água fervendo; mistura-se muito bem e põe-se sobre o gelo para esfriar, mexendo-se de vez em quando.

Quando principiar a endurecer, acrescenta-se-lhe creme de leite anteriormente batido; mexe-se e despeja-se na forma que se preparou. Dispõe-se por cima uma camada de palitos de pão de ló bem unidos. Leva-se à geladeira durante duas ou três horas.



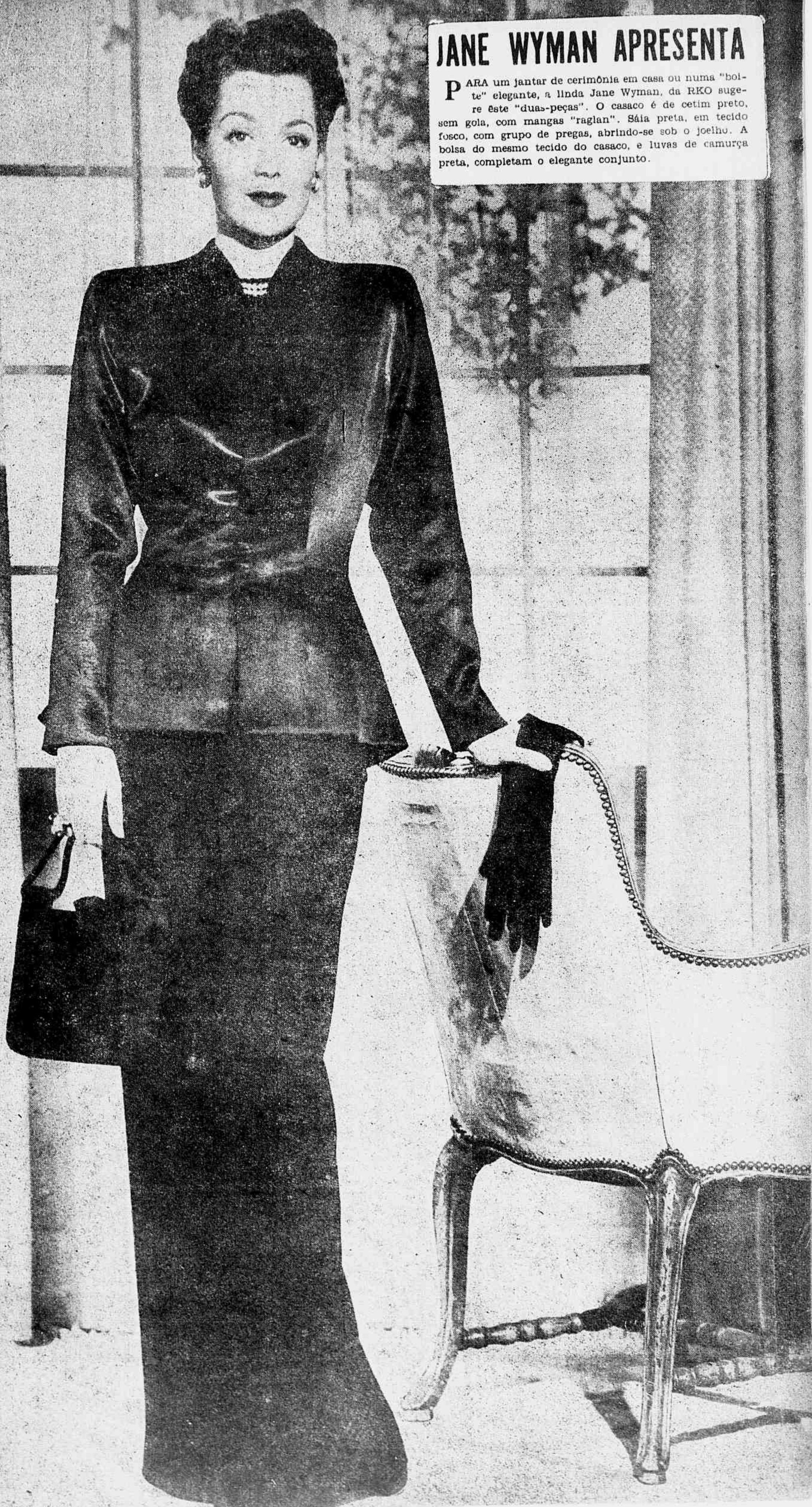
A MODA DE 1947 INSPIRA-SE EM 1850

MILO Anderson, o famoso figurinista de Hollywood, vem provar mais uma vez que não existe nada de novo sob o sol... A evidência aí está nos modelos por ele desenhados, cuja inspiração ele foi buscar no guarda-roupa de 1850 que a bela Irene Dunne usa em seu próximo filme "Life with Father". Em baixo: os modelos criados pelo nitável figurinista, em cima, os modelos originais de 1850, que serviram de inspiração.



JANE WYMAN APRESENTA

PARA um jantar de cerimônia em casa ou numa "bolte" elegante, a linda Jane Wyman, da RKO sugere este "duas-peças". O casaco é de cetim preto, sem gola, com mangas "raglan". Saia preta, em tecido fosco, com grupo de pregas, abrindo-se sob o joelho. A bolsa do mesmo tecido do casaco, e luvas de camurça preta, completam o elegante conjunto.



MODA

1 — Modelo para mocinha em tecido lavável, guarnecido de nervuras até o meio da saia. 2 — Gola e saia em tecido lustrado diagonal. Três botões dão uma nota alegre ao modelo. 3 — Modelo esportivo de seda branca. Pesponto em cor viva. 4 — Interessante a maneira de abotoar este vestido. Pregas laterais dão maior volume aos quadris. 5 — Modelo simples de estampado alegre. "Viz" branco na gola e nos quadris.

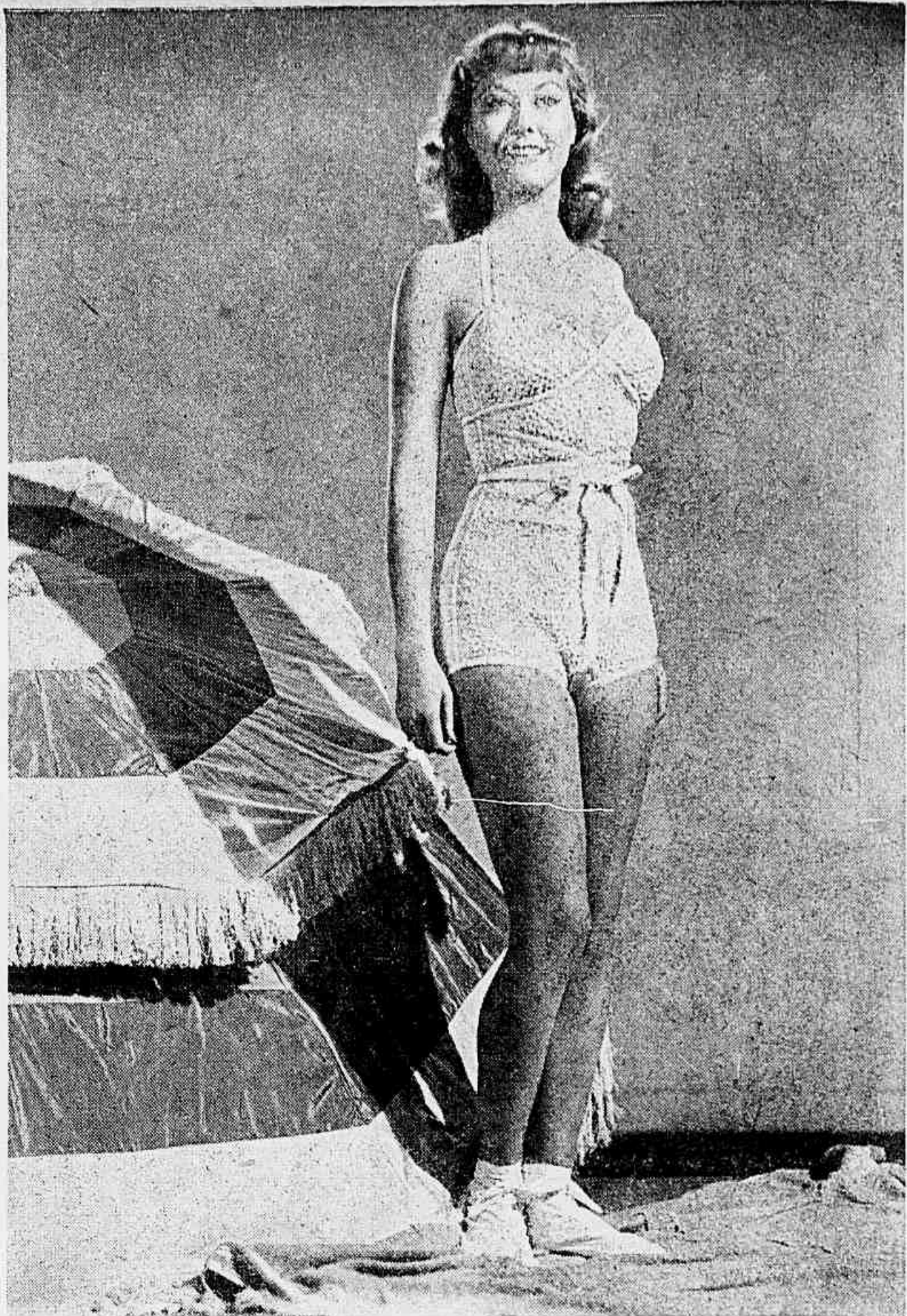




PARA O BAILE DAS "JEUNE FILLES"

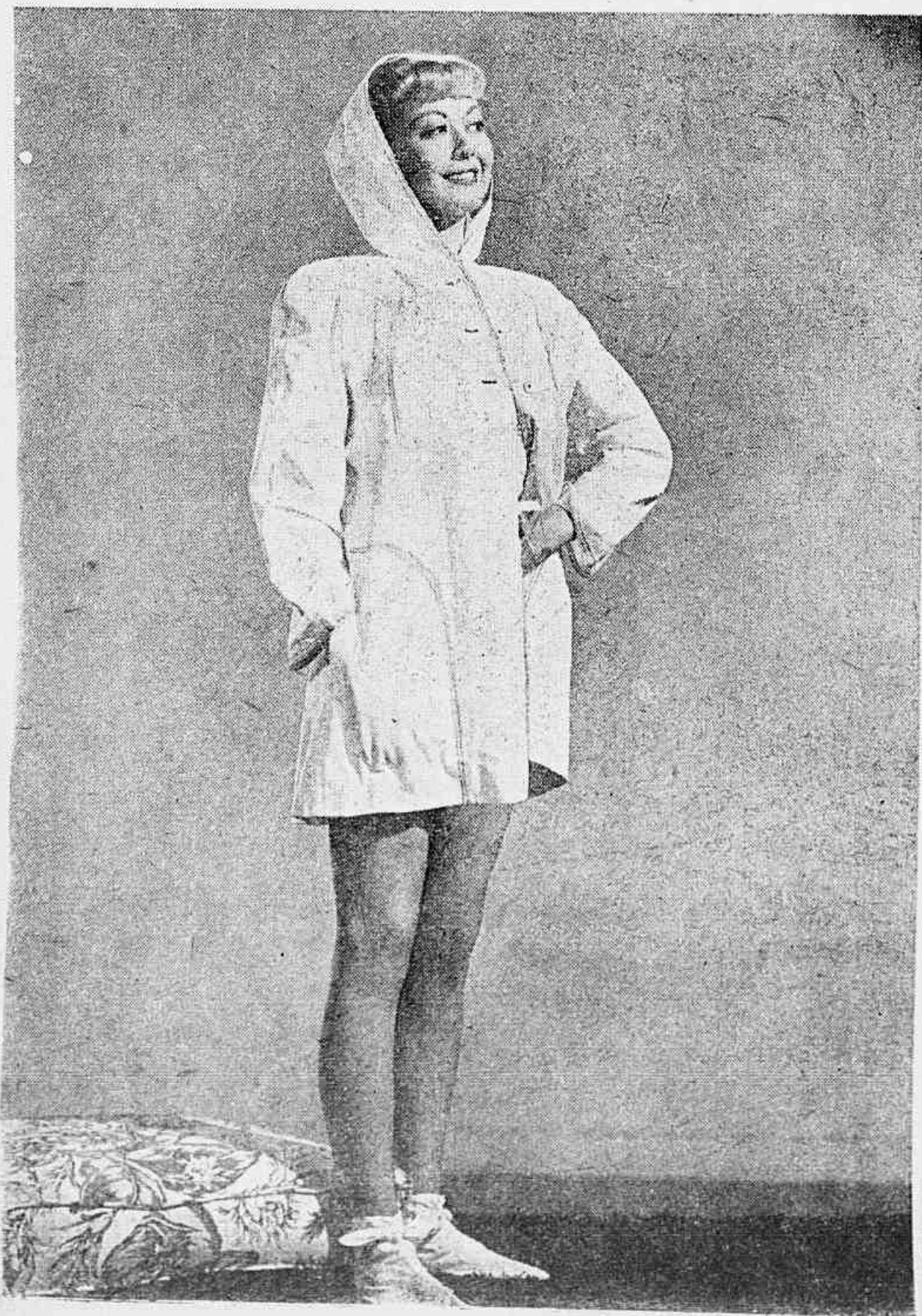
1 — Muito simples este feitiço. Toda a beleza está baseada no tecido (tafetá) e na composição das listras. 2 — Corpo ajustado, sãla franzida. "Ruches" nas mangas e nos quadris. 3 — Em tafetá com grandes quadrados. Mangas fôfas. Decote com franzidos. 4 — Modelo simples e gracioso. Grande babado termina a sãla. 5 — Leve e gracioso é este modelo em organdi rosa. Babados e "ruches" de renda. Fita de veludo preto à cintura. 6 — Grupo de nervuras no corpete e nas mangas. Grande decôte com "ruche" na frente. Aplicação de laços na sãla.





VERÃO!

Verão carioca está ficando o tipo acabado do "amigo da onça". Quando começamos a nos entusiasmar com os bonitos dias de sol, lá vem uma chuva impertinente que traz consigo verdadeiras ondas de frio... E nós que andávamos aflitos para estreitar aquele "maillot" tão engraçadinho, tão reduzido... Enfim, apesar de toda a incerteza, não poderíamos deixar de apresentar a vocês as sugestões de Adele Mara, da República. Ao alto, à esquerda: Pouco pano e alguns lacinhos. A direita: "Maillot" de uma peça é o que Paris recomenda... Em baixo, à esquerda: Um "robe" em fustão branco com capus ligados. Grandes bolsos pespontados. A direita: "short" em tecido listrado. Listras horizontais para a blusa e verticais para o "short". Na página ao lado: uma bonita pose de Adele Mara...





O TEMPLO DA HUMANIDADE

ESCRAGNOLE DORIA

QUANTO mais maltratam o Rio de Janeiro, afeiando-o tantos a pretexto de aformosá-lo, descurando a felicidade de sua população, até entre a fome e a sede, tanto mais se afevora no verdadeiro carioca o amor à cidade natal, às suas velhas ruas, a tudo quanto ainda apresenta imagem de outro Rio de Janeiro.

Assim, neste, dos lados do bairro da Glória, existe edifício original, na estrutura, na construção, e na significação. Tal na rua Benjamin Constant, ex-Santa Isabel, o Templo da Religião da Humanidade ou Capela Positivista. É assim vulgarmente conhecida a sede dos discípulos e continuadores do fundador e do pensador incluído na dinastia intelectual dos filósofos em busca do sentido da vida humana.

Está nomeado Augusto Comte que, de explicador de matemática, remontou a explicador de altas concepções filosóficas e sociais abrangendo humanidade.

Paris, disse Comte, é a França, o Ocidente, a Terra, a sede única dos impulsos eficazes. Comparadas a Paris, Roma e Londres são cidades provincianas, sem influência direta quanto à regeneração social.

Dito isto era justo que Paris tivesse Casa consagrada ao culto da Humanidade, situaram-na na rua Payenne.

Por vários anos de abrigo na travessa do Ouvidor, o Apostolado Positivista do Brasil conseguiu edificar. Alterou templo da Humanidade na rua Benjamin Constant, próxima do Catete. A 15 de agosto de 1892 era o edifício parcialmente inaugurado, numa festa, dando da mesma notícia especial um dedicado positivista, José Mariano de Oliveira, irmão de Alberto de Oliveira e como ele poeta.

A descrição minuciosa da festa de 15 de agosto de 1892, feita por José Mariano de Oliveira merece ser lida. Trata de solenidade de marca especial, a de ter concorrido para ela muito esforço de positivistas de ambos os sexos, cada qual na medida de suas forças, todos na força de uma só convicção.

O êxito de subscrição para compra do terreno destinado à Capela Positivista, a construção parcial do edifício sobremaneira foram devidos ao engenheiro e industrial Rufino Augusto de Almeida, positivista como seu colega de profissão, Trajano Sabola Viriato de Medeiros, dirigente dos trabalhos levantadores do Templo da Humanidade.

Não foram esquecidos na inauguração de 1892 os serviços prestados ao desenvolvimento da doutrina positivista por parte de Teixeira Mendes e Miguel Lemos, diretores do Apostolado Positivista, homens de um só parecer.

Na festa inaugural de 15 de Agosto foi a música representada de modo particular. Peças musicais escolhidas sistematicamente representavam sucessivas de fases da evolução humana, seleccionados para tanto trechos de grandes composições musicais.

Trechos da Africana de Meyerbeer, do Moisés de Rossini, do Orfeu de Gluck, da Clemência de Tito, de Mozart, do

Stabat Mater de Rossini, dos Puritanos de Bellini, do D. João, de Mozart. Por seus títulos e por seus temas musicais, as peças escolhidas lembravam respectivamente o fetichismo, a teocracia, a evolução grega, a fase romana, o catolicismo, a metafísica protestante, a dúvida universal e por fim a Revolução Francesa expressa pela Marselhesa inflamadora de turbas revolucionárias.

Os executantes de todas estas músicas na festa positivista chegaram tarde, acidentalmente, de modo que nem todo o programa pôde ser executado.

Mas a deficiência ocasional foi sofrida por cantos ao som de harmônio e pela então afamada banda dos Menores do Arsenal de Guerra sob a regência de seu reputado mestre.

A banda era muito requisitada para tocar em grandes festas da época, fazendo-se ouvir no baile da Ilha Fiscal de tanta memória. Executou a banda a Marselhesa e a ouverture da Semiramis por ocasião da festa na Capela Positivista. O nome da ópera russiniana lembrava o nome da lendária rainha de tempos assírios-babilônios.

Via-se Semiramis consagrada pelo calendário positivista no seu primeiro mês, o de Moisés, ainda o nome da intrépida rainha, recordando, embora imperfeitamente, uma das fases do período teocrático humano.

A poesia contribuiu também para realce da inauguração da Capela Positivista. Dois discípulos de Comte, José Mariano de Oliveira e Generino dos Santos, cultores do verso, no momento da inauguração distribuindo poesias impressas de sua lavra.

Mais tarde completada a construção da Capela Positivista, o edifício foi entregue ao culto regular da religião da

Humanidade e tal se conserva pela dedicação dos defensores da causa positivista, por ela batalhando.

É sabida a influência da causa ao ser proclamada a República ao ser ideada bandeira nacional, então tomadas medidas transformadoras de regime, uma separando Igreja e Estado.

Quem passa pela Capela Positivista, detendo-se a examinar-lhe o exterior, tem logo a atenção voltada para o friso do frontão do edifício. Ali, em grandes letras bronzeadas, ostenta-se fórmula sagrada do Positivismo: O Amor por princípio, e a Ordem por base, o Progresso por fim.

Sobre cada uma das três portas da Capela mostram-se três divisas positivistas, de ordem política, moral e prática: Ordem e Progresso, divisa transportada para a bandeira nacional, Viver para Outrem, Viver às Claras.

A fachada do edifício reproduz, por dois terços de grandeza, o frontispício do Panteão, em Paris. Neste local onde Comte inaugurou solenemente as comemorações históricas da religião por ele fundada, a da Humanidade.

De caráter evocativo, a Capela Positivista exhibe no centro do seu pórtico uma rosa dos ventos indicando a Capela em relação a Paris. Ficou assim suprida a condição prescrita para futuros templos positivistas, a de terem eixo principal em direção a Paris, condição que a Apostolado do Brasil se achou impossibilitado de preencher.

Continuando a evocar, na Capela Positivista, deixou para acesso ao templo uma escada de sete degraus representativos das ciências humanas, ao redor do edifício aproveitando terreno para jardimete.

O lado interior de seus muros, foi des-

tinado à colocação de mármoreos funerários, nos quais inscritos os nomes de positivistas falecidos. Quanto possível era isto feito para satisfazer condição de futuros templos positivistas, a de serem construídos nos meios de um bosque sagrado de reserva aos túmulos dos positivistas cujos restos mortais fossem pelo sacerdocio positivista, julgados dignos de transladação de necrópoles comuns para lugar de honra.

A inauguração da Capela Positivista permitiu desde logo a assistentes, reunidos em sala nobre, a contemplação da grande tela de dois metros de altura, representativa da Humanidade, tela devida a Decio Villaree.

Dos lados do quadro foram colocados quatorze quadros pequenos, do lapso de Francisco e Eduardo de Sá. Desenharam as figuras de Heloisa, que amores desditosos levaram a claustro, e dos principais chefes que dão nome aos meses do calendário positivista.

Em direção ao quadro da Humanidade ficaram à direita os retratos de Moisés, Homero, Aristóteles, Arquimedes, César, São Paulo e Carlos Magno. À esquerda, na mesma ordem do primeiro grupo, Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico o Grande, Bichad e Heloisa.

Em futuros templos positivistas quatorze capelas, erigidas lateralmente, seriam consagradas aos mencionados tipos da evolução humana. Representava-a o seguimento dos treze meses do calendário positivista memorando respectivamente a teocracia inicial, a poesia antiga, a ciência antiga, a civilização militar, o catolicismo, a civilização feudal, a epopéia moderna, a indústria moderna, o drama moderno, a filosofia moderna, a política moderna, a ciência moderna nas figuras já lembradas e desenhadas pelos irmãos Sá.

Tudo isto a observar em vindouros templos positivistas e suas capelas dispostas lateralmente na direção da nave central, no fundo da qual posto artar supremo com a estátua do Grande Fer.

Descrita, em largos traços, na segurança de dados fornecidos pela notícia devida a José Mariano de Oliveira, seja lembrado que toda a inauguração do edifício notável fica lembrada em geral por medalha comemorativa.

Para a festa positivista de abertura o templo da religião da Humanidade no Rio de Janeiro, foi mandada cunhar, na Casa da Moeda, medalha relembadora da cerimônia inaugurativa.

A peça numismática em uma face apresenta o frontispício da Capela Positivista carioca, acimada ao monumento a palavra Paris por meio de flecha, aquela palavra recordando a capital religiosa do Positivismo.

Há mais de meio século a Capela Positivista orna a rua Benjamin Constant, vindo depois o palácio episcopal de São Joaquim dar-lhe vizinhança. E no calendário positivista mês inteiro, o de São Paulo, representa o Catolicismo, esmaltando-se ele com o nome de santos e santas, notadamente com o de Santa Genoveva, esta padroeira de Paris.

O Templo da Humanidade, edificado no Rio de Janeiro pelo Apostolado Positivista, na rua Benjamin Constant, bairro da Glória.



A capital portuguesa está neste momento comemorando o oitavo centenário do feito de Dom Henriques, que a conquistou às tribus muçulmanas da África do Norte, após uma luta de 117 dias — de 26 de junho a 21 de Outubro de 1147, — fazendo hastear na torre mais alta do Castelo, depois da vitória, a Cruz de Cristo.

Sem dúvida que tão importante acontecimento histórico merece ser lembrado com as pompas e o brilhantismo que lhe estão sendo tributadas.

E, a propósito, ainda que a conquista de Lisboa seja um fato relatado e conhecido de muita gente, vamos aproveitar a evocação do extraordinário episódio para falar da linda capital, cujas sedução naturais e vida própria conquistam, mais do que admiração, um enlevo espiritual que predispõe nos visitantes o desejo de ali permanecer.

Nada se sabe de positivo quanto à época de fundação de Lisboa, pois os estudos perdem-se em citações tão distantes que conduzem à probabilidade de que esta cidade tenha sido fundada antes de Roma. Gregos e latinos escreveram a seu respeito, exaltando os encantos do majestoso Tejo e dos seus formosos arrabaldes.

Os romanos a conquistaram no ano 205 A. C., elevando-a, depois, a categoria de município. Em diversas inscrições encontradas por arqueólogos verificou-se que Lisboa era designada por "Felicitas Julia".

De todas as versões existentes sobre as origens do atual nome, consideramos como mais aceitáveis as conclusões de Samuel Bochart, muito bem fundamentadas. Assim, a denominação Olisipo, dada antigamente a Lisboa, era corrupção das palavras fenícias "allis ubbo", que significam enseada amena.

Mais tarde, os muçulmanos corromperam a palavra em Olissibona ou Lissibona, onde resultaria a atual designação — Lisboa.

Muitas foram as invasões e devastações sofridas por esta cidade até ao domínio dos mouros, que ali permaneceram alguns séculos, pois dominavam todo o sul de Portugal e grande parte do sul da Espanha.

Dom Afonso Henriques, que vinha construindo o reino de Portugal, pedra

Atualmente, quem vê Lisboa com sua ampla Praça do Comércio e a parte baixa simetricamente construída, segundo os planos traçados sob a orientação do Marquês de Pombal, está longe de supor que todo o longo trecho que vai até à Praça dos Restauradores era sinuosamente recortado pelo Tejo, cujas águas batiam os muros das velhas casas da Mouraria e se estendiam caprichosamente por onde hoje se erguem lindas artérias.

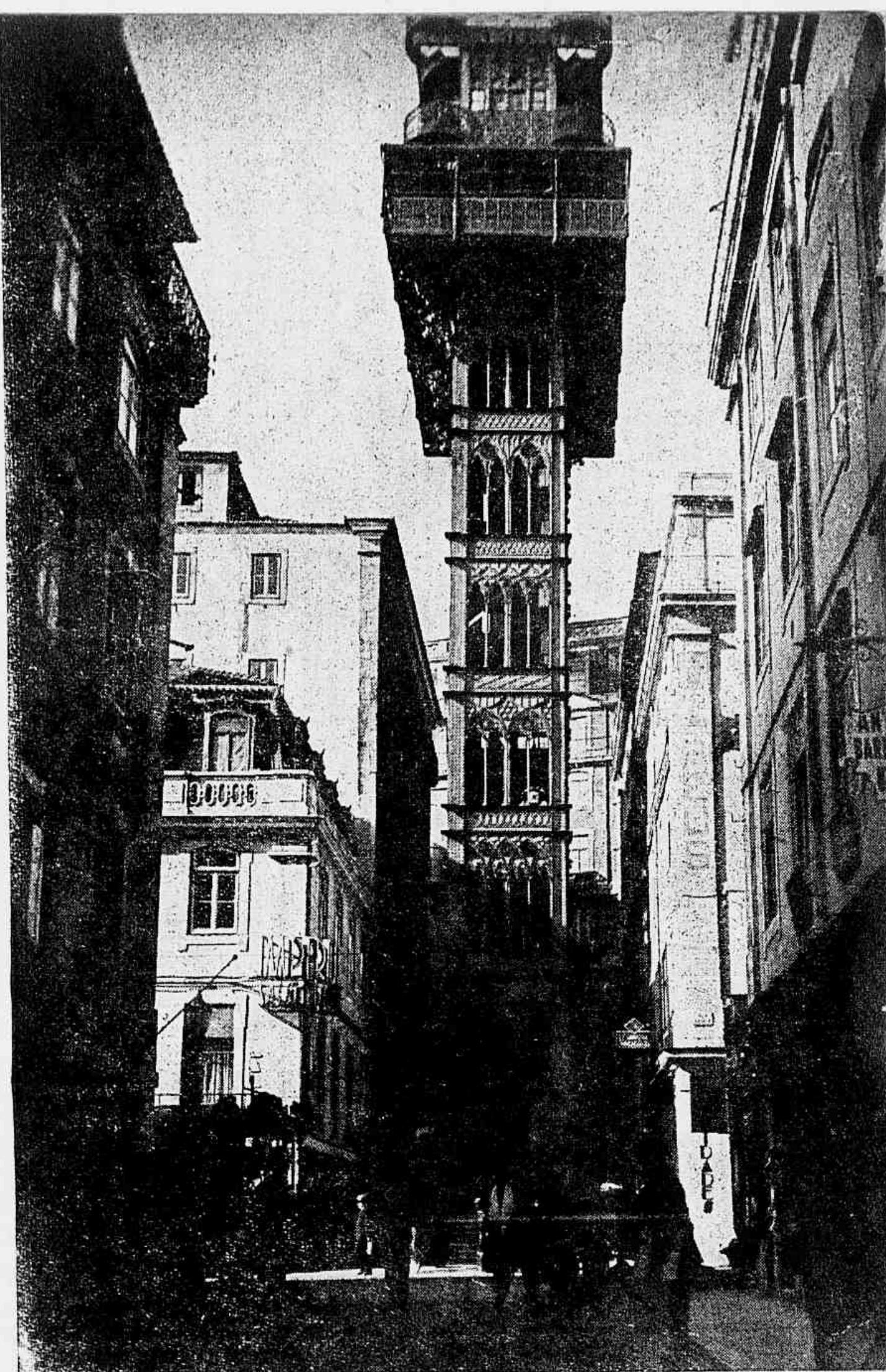
Quando da tomada de Lisboa, os soldados de Dom Afonso Henriques ocupavam o Alto de Santa Clara, próximo ao local onde hoje se ergue a Igreja de São Vicente de Fora, e os cruzados, compostos de anglo-normandos, flamengos e alemães, colocaram-se do outro lado, na elevação em que se encontra a atual Igreja dos Mártires, em pleno Chiado, cuja topografia mantém todos os indícios do primitivo aspecto, embora embelezada pelo progresso.

Assim, com duas frentes de combate e com a saída para o mar completamente fechada, toda a resistência dos mouros se tornou inútil, apesar de heroica.

Todas as armas e táticas de guerra daquela época foram empregadas para a obtenção dos fins e do plano traçado. Flechas, catapultas, adagas, machados, ballistas, trabucos e espádões semearam a morte e a destruição.

O último ato revestiu-se de incrível crueldade. Os célebres cruzados, que se dirigiam à Palestina e que Dom Afonso Henriques convidara para a grande empresa, movidos por criminosa cobiça, excederam em fúria e rapinagem tudo quanto podia imaginar-se. Aliás, o grande rei, que além de guerreiro era hábil político, tivera, talvez, a intuição desses excessos e procurara entender-se com os sarracenos para uma capitulação direta. Dêse modo livrar-se-ia dos inimigos e dos aliados.

Junto aos muros ou adarves da fortaleza, os bispos de Braga e do Porto, acompanhados de diversos capitães, apresentaram as condições exigidas por Dom Afonso para a rendição da praça, mas tão pesadas eram que os sitiados limitaram-se a responder: "Fazei o que puderdes; nós faremos o que for da divina vontade".



Aspecto singular da Lisboa de hoje, vendo-se o elevador que comunica a parte baixa com a parte alta da capital portuguesa. (Foto da Associated Press).

As portas estouram aos golpes dos machados; os aposentos interiores são devastados e revolvidos; espantam-se os homens e violam-se as mulheres; as alfaias amontoam-se nas ruas para logo se cristão: uma Cruz que se via de toda a parte.

★

O que então se passou deve ser calculado pela descrição de Alexandre Herkulano: — "Pretender coibir a cobiça, a crueldade, a luxúria, as paixões ardentes e ruins daquela multidão de homens desalmados e ferozes era tentar o impossível. Juramentos, acordos, promessas de obediência, tudo foi esquecido num momento. Diz-se que os autores e actores dessas cenas de horror foram os alemães e flamengos; as antecedenças, porém, dos anglo-normandos legitimam a persuasão de que não ficaram simples espectadores de tais cenas, convertidos de súbito em modelos de moderação e de desinteresse, assim como é de crer que não faltariam soldados portugueses que se associassem nesta conjuntura aos estrangeiros. O que, porém, é certo é que uma grande parte das tropas vitoriosas se derramaram pela cidade praticando toda a espécie de desatinos. Espalhados por aquele dedalo de ruas e bicos, de cujos meandros, escuridão e estreiteza apenas a moderna Alfama nos poderia dar uma remota idéia, no meio da plebe esfaumada, por entre os cadáveres das vítimas do ferro, da doença e da fome, caminha desenfreada a ansia da rapina.

(Cont. na pág. 55)

A TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS

CELEBRA-SE, EM PORTUGAL, O OITAVO CENTENÁRIO DO FEITO DE D. AFONSO HENRIQUES

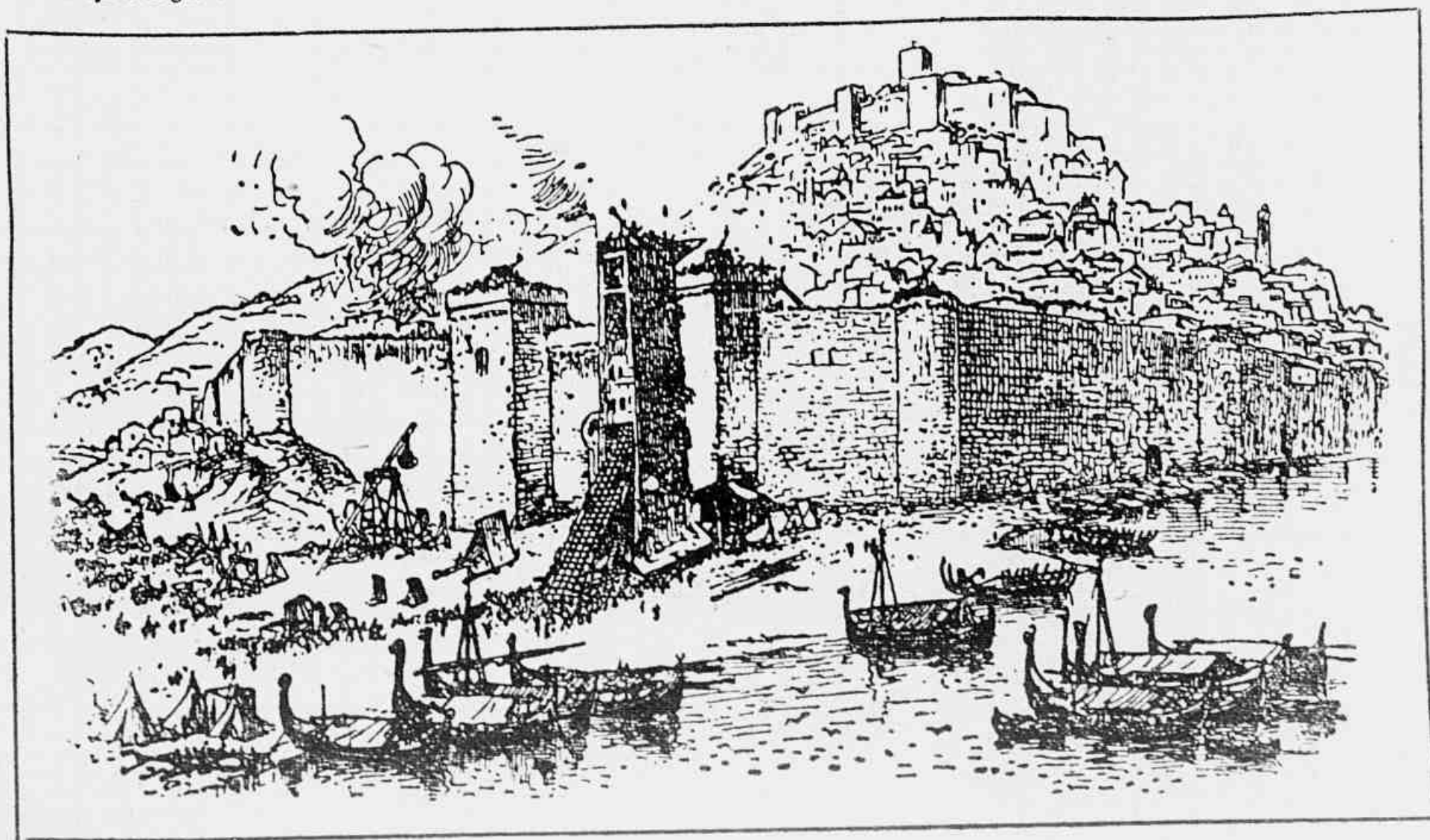
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Por BORGES DA CRUZ

por pedra, cidade por cidade, atingiu seu máximo e definitivo prestígio com a conquista desta cidade, com a qual ficava assegurada a futura marcha para o Alentejo e Algarve.

E a luta continuou. Finalmente, a miséria, a fome, a doença e as baixas sofridas obrigaram à capitulação; e a 23 de Outubro, celebrado um acordo entre vencidos e vencedores, a cidade en-

tregava-se, fazendo-se hastear na mais alta torre do castelo, ao som de cantares religiosos, o símbolo do domínio



A tomada de Lisboa aos mouros, segundo um desenho de Roque Gameiro.



03509

Conto de José Carlos Ávila Machado

Ilustração de Armando Moura

★

MORRIA a última nota de "Pavane pour une Infante Defunte". O prato da vitrola continuou a rodar, enquanto a agulha passava entre os estreitos corredores do disco num preguiçoso círculo vicioso. Fugia. Voltava novamente, nova fuga, novo retorno ao mesmo lugar. Tudo em vão, era inútil querer fugir ao seu destino. Um homem levantou-se, caminhou alguns passos; levou a mão aos olhos, clamou por Deus; abriu apressadamente a porta, linha divisória entre o seu e o mundo de seus vizinhos, e lançou-se pela escada, a gravata pendente do colarinho aberto, os pés apenas protegidos por meias, as calças amarradas, e os cabelos revoltos, o pensamento traçando hipóteses sobre a finalidade da vida. Já na rua fez sinal ao ônibus. O monstro passou enfurecido e o nosso personagem resolveu esperar o próximo; este só viria dali a dez minutos. Consultou novamente seu relógio, os ponteiros formavam um ângulo reto; o sol estava quase a pino. Curiosos reuniram-se ao seu redor. Um guarda interpelou-o; a resposta não veio. A segunda pergunta abortiu em dois segundos; um sóco cortou ao meio a frase do policial. As pernas foram feitas para correr, diria o doutor Pangloss. Mas a reação do nosso homem foi outra: atirou-se ao chão; do bolso traseiro de sua calça caíram vários retratos de Ravel. A confusão estava estabelecida. Meu Deus, clamavam uns, oh diabo, blasfemavam outros. Apitos, correrias, atropelos. O presidente foi assassinado, revolta popular, está acabando o mundo...

★

Uma derradeira martelada e o prego sumiu na madeira mole de uma velha cadeira. Algumas batidas mais e depois tudo foi silêncio. Ao canto, na parede, a tabuleta "Deus Guarde Este Lar". Uma mesa no centro, o relógio na sua telmosia insípida marcava sete horas. Ao lado uma folhinha. Um risco azul fazia confundir todos os dias passados. Em números vermelhos o 25 ainda não fora atingido. Duas mãos nervosas trancaram por fora a porta. A chave foi para o bolso; tilintou de encontro a alguns níqueis. Eram os últimos, mas ainda existiam. Talvez quando o traço houvesse atingido o 30 a chave não mais fizesse barulho.

O bonde vinha lotado. Olhe o bicho de fogo, e as gargalhadas dos moleques mal vestidos se perdiam no espaço. Chegaria com tempo? A resposta ao seu pensamento foi duvidosa. No estribo cabia mais um. Subiu. O cobrador passou e na confusão esqueceu-se do novo passageiro. "Afinal a Light é rica; não pago" e deixou o homem de uniforme azul continuar sua tarefa. Um samba choroso, nítido a princípio, lá depois se confundindo com o barulho dos automóveis; finalmente sumiu. Na calçada mulheres passavam carregando cestas e embrulhos. Filas queriam nascer.

Oitocentos cruzeiros por mês era pouco. A corporação prometera aumento, fazia já um ano. Não se impacientou; afinal algum dia ele viria; enquanto isso o senhorio esperava o aluguel da casa, o alfaiate a conta do terno. O melhor método era não pensar na coisa. O bilhete do dia seguinte poderia sair premiado. Duzentos contos: mulheres, Rio, viagens de avião e aquele frango assado visto todos os dias na vitrine da rua Xavier de Toledo. Golfadas de saliva subiram-lhe até a boca. O

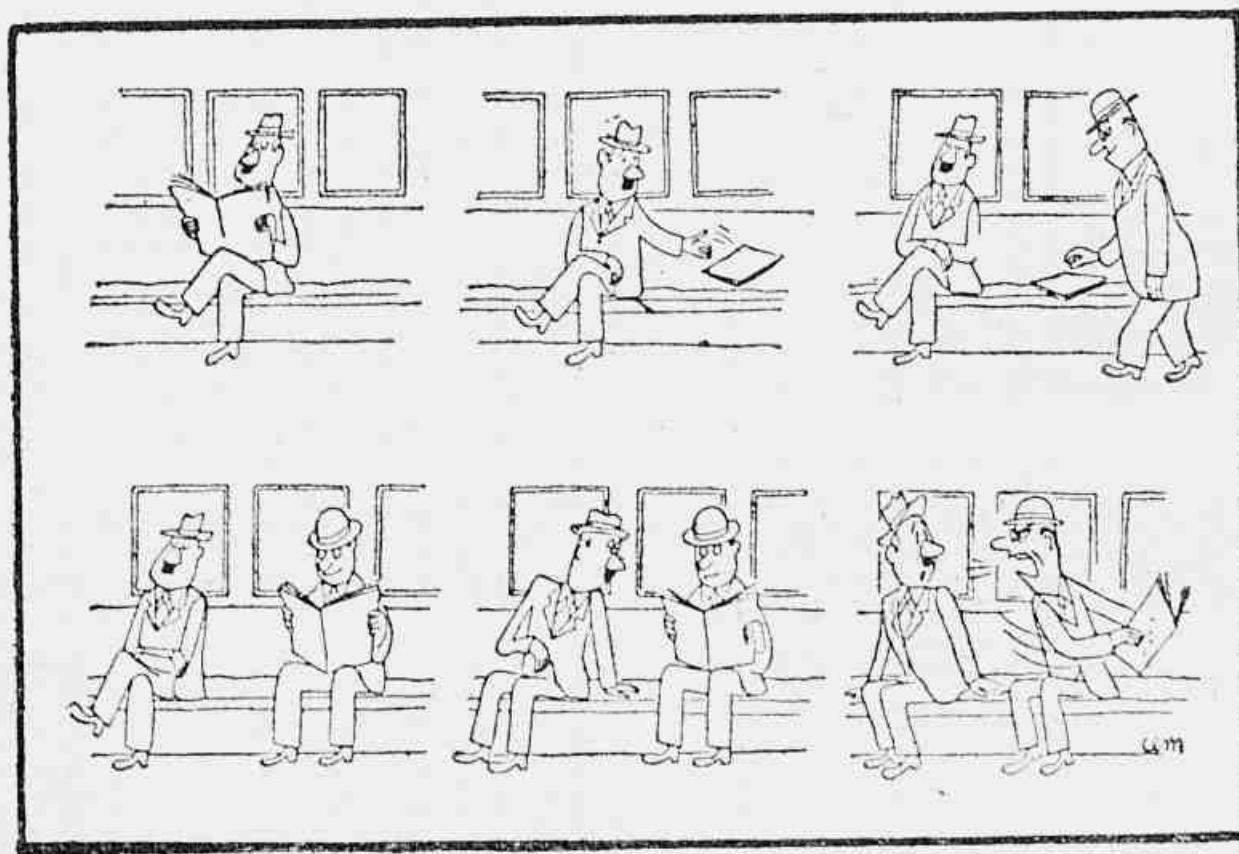
(Cont. na pág. 56)

★

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"



BOM HUMOR



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1948.

Um anuário de literatura, ciência, arte, conhecimentos práticos, diversões. Os mistérios da profundidade do oceano; lendas, costumes, episódios emocionantes da vida dos povos. Contos e romances. Calendários e resumos do ano esportivo, artístico, científico. A sua leitura equivale a uma viagem pelo tempo e no espaço. Será posto à venda na primeira quinzena de Dezembro, ao preço de Cr\$ 12,00 em todo o Brasil.

Pedidos á

COMPANHIA
EDITORIA AMERICANA
R. VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

ATENDE-SE PELO SERVIÇO
DE REEMBOLSO POSTAL.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TURAGEM DUODENAL. CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Goes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cid. Iândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

A vida de Schubert

(Cont. da pág. 20)

compôs perto de cento e cinquenta canções. Tolia-o, no entanto, a timidez para que pudesse expressar com palavras o seu amor. "E' estranho", escreveu ele em seu diário, "que certas pessoas procurem retratar os seus sentimentos em linguagem simples e comovente, apenas para se converterem em objeto do riso alheio. O falar com facilidade é um dom da natureza". Falecia-lhe esse dom; Schubert possuía apenas o da melodia. E foi por meio dessa linguagem da melodia que buscou comunicar a Theresa Grob os seus sentimentos. Os deuses, porém, são irônicos. Theresa desprezou os braços do mestre-musicista e casou-se com um mestre-padeiro, preferindo o realismo dos biscoitos frescos ao romanticismo das canções inspiradas.

Infeliz no amor, era Schubert, no entanto, feliz na amizade. Os seus amigos, como ele, gostavam de música e de artes. E sempre que uma pessoa nova era trazida para o grupo, Franz voltava-se para um dos companheiros e perguntava, diminuindo a voz: "Ele sabe fazer alguma coisa?".

Formavam esses amigos pequena mas acolhedora audiência para as suas canções. Discutiam-lhe as composições com fanático entusiasmo. Franz era o único que não participava dessas disputas, deixando que a música lhe exprimisse todos os estados de espírito. A música e o cachimbo, pois, era um fumador incessante.

Como músico, foi incrível o seu desenvolvimento. No espaço de dois anos compôs duzentas e cinquenta canções. Por fim, decidiu finalmente desistir do emprego de professor para passar privações como músico. Obteve uma apresentação para o maior cantor da Alemanha, Johann Michael Vogel, gigante de gigantesca reputação — enorme deus grego com um monóculo no rosto. Esse al-jesús da sociedade examinou algumas canções de Schubert. Uma delas, no-

meadamente, chamou-lhe a atenção. Cantorolou-a em voz baixa para si mesmo e experimentou-a, em seguida, ao piano. "Não é má", murmurou. Era um arranjo musical de um dos mais comoventes poemas de Goethe, o Erl-King. Um pai, no dorso de um cavalo, leva o filhinho consigo, através da noite e do vento. A criança está aterrorizada. "Olhe, Papai, olhe, o Erl-King. Veja onde ele está!". O pai não enxerga coisa alguma. "E' a neblina e a chuva, meu bem". Mas a voz do Erl-King sussurra sedutoramente aos ouvidos da criança. "Venha comigo para minha casa, meu lindo menino... Lá poderá apanhar flores e vestir as roupas mais bonitas... e terá uma porção de brinquedos lindos para brincar". "Papai, Papai, você não ouve o que ele está cantando?" "Ora, ora meu benzinho. Não tenha medo. São apenas as folhas tocadas pelo vento". "Venha, menininho lindo, venha para o mais profundo... Minhas donzelas o embalarão e cantarão para você dormir". A pouco e pouco torna-se mais ameaçadora a voz. "Venha, venha, agora, eu o farei sentar em cima do meu cavalo.. Se não quiser vir por bem, eu o levarei à força!" "Papai, Papaizinho, ele não me quer largar. O Erl-King está me machucando, está me machucando — tanto!" O pai estremece e dirige-se, desesperadamente para casa. Mas quando chega, possuído de angústia e de pavor, jaz a criança tranqüila entre os seus braços... morta.

A nobreza simples da música de Schubert para esse poema causou profunda impressão sobre muita gente. Johann Vogel, consideravelmente mais velho do que Schubert, tornou-se seu amigo íntimo. E', contudo, muito para notar que, quando Schubert remeteu a Goethe a canção, o poeta nem sequer se dignou de acusar o recebimento do presente que lhe enviara o jovem músico sem fama. Não foi senão vários anos depois, assistindo a um concerto onde foi cantada essa canção, que Goethe sentiu, pela vez primeira, a extraordinária beleza da melodia. Ao aplaudi-la, as

(Cont. na pág. 52)

COM 1947 CHEGOU O NOVO

CONJUNTO
TIPO AMERICANO
PARA COPA E COZINHA



INDÚSTRIAS
NEVE LTDA.

Rua Rosa e Silva, 74 — Fones: 5-1311 e 5-1322 — São Paulo

"Vendas e Exposição no Rio de Janeiro"

LOJAS MURRAY S/A — Rua Rodrigo Silva, 18
CIA. AUTO-LUX IMPORTADORA — Av. Copacabana 218-A

"ÚNICO REPRESENTANTE — A. BLUM SOBRINHO, Tel. 43-6824"

★ Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo KITNEVE apresenta melhoramentos valiosos e moderníssimos. Consulte-nos sem compromisso, para detalhes.

MÚSICA

CLÁUDIO ARRAU — TRINTA ANOS DE "TOURNÉES", SEM DESCANSO — AS GORGETAS NO MUNDO INTEIRO — VÁRIAS MANEIRAS DE SER INFELIZ — MÚSICA MODERNA, SÓ ATÉ DEBUSSY

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

COMO a pobre menina rica, que se queixava da vida que seu saldo nos bancos a obrigava a levar, Cláudio Arrau lamenta a sua sorte de pianista internacionalmente famoso. Comodamente instalado numa poltrona, no saguão do hotel onde se hospedou, no Rio, por ocasião de sua última visita, bebia com os olhos o panorama deslumbrante da baía de Guanabara e dizia-nos com ar desconsolado:

"Ah, se eu pudesse parar...". Mas parar é, justamente, o que ele não pode. Desde menino, Cláudio Arrau, recitadista, empilha "tournées" que o consagram nos quatro cantos do mundo, deixando o artista perpétuamente exausto com a corrida de cidade em cidade, de continente em continente.

— Vivo em hotéis, não tenho o que se possa chamar um lar, estou constantemente separado de minha família... O senhor acha que, nessas condições, eu posso ser feliz?

Naquela ocasião, encarando a fisionomia melancólica de Cláudio Arrau, ouvindo suas mágoas e lembrando sua glória, seus sucessos, sua notoriedade, refletimos bem, pesamos prós e contras, e chegamos à conclusão de que há formas mais duras e mais sérias de infelicidade...

"DEBUSSY É O LIMITE MÁXIMO"

Cláudio Arrau é um entusiasmado admirador da música moderna. Juiz em mais de um concurso internacional, demonstrou, pelo seu critério de julgamento, sua predileção pelas obras vasadas na técnica mais ousadamente "moderna". Corre, até, por sua conta um dos prêmios que Cláudio Santoro conseguiu ganhar, em concurso de quartetos, nos Estados Unidos. Aliás, não deixou nunca de incluir, em seus programas, obras de compositores contemporâneos, e tem trabalhado muito pela divulgação e aceitação, em vários países, dessa música.

Por isso mesmo, quando ele esteve no Brasil, não deixou de tocar obras de Villa-Lobos, Mignone e outros artistas nossos.

Sabendo dessa tendência de Cláudio Arrau, perguntamos ao pianista, quando estivemos com ele, qual sua opinião sobre a maneira pela qual as plateias do mundo ouvem e julgam os contemporâneos:

— Dos compositores, Debussy é o limite máximo em matéria de modernismo... Para além, é bastante difícil, de uma maneira geral, encontrar públicos que sinceramente compreendam a música moderna.

— Entretanto, o sr. tem incluído, frequentemente, em seus programas, obras para além de Debussy...

— É verdade. Mas isso não quer dizer que o público espontaneamente os admire e aceite. O que acontece é o seguinte: Quando um concertista consegue adquirir certo prestígio, ele fica habilitado a sacar sobre esse prestígio... até certo ponto... É o que eu faço. Vou abusando da boa vontade e da tolerância que o público tem para comigo...

— Acha que, com maior divulgação, a música moderna encontrará, finalmente, uma outra acolhida da parte do público?

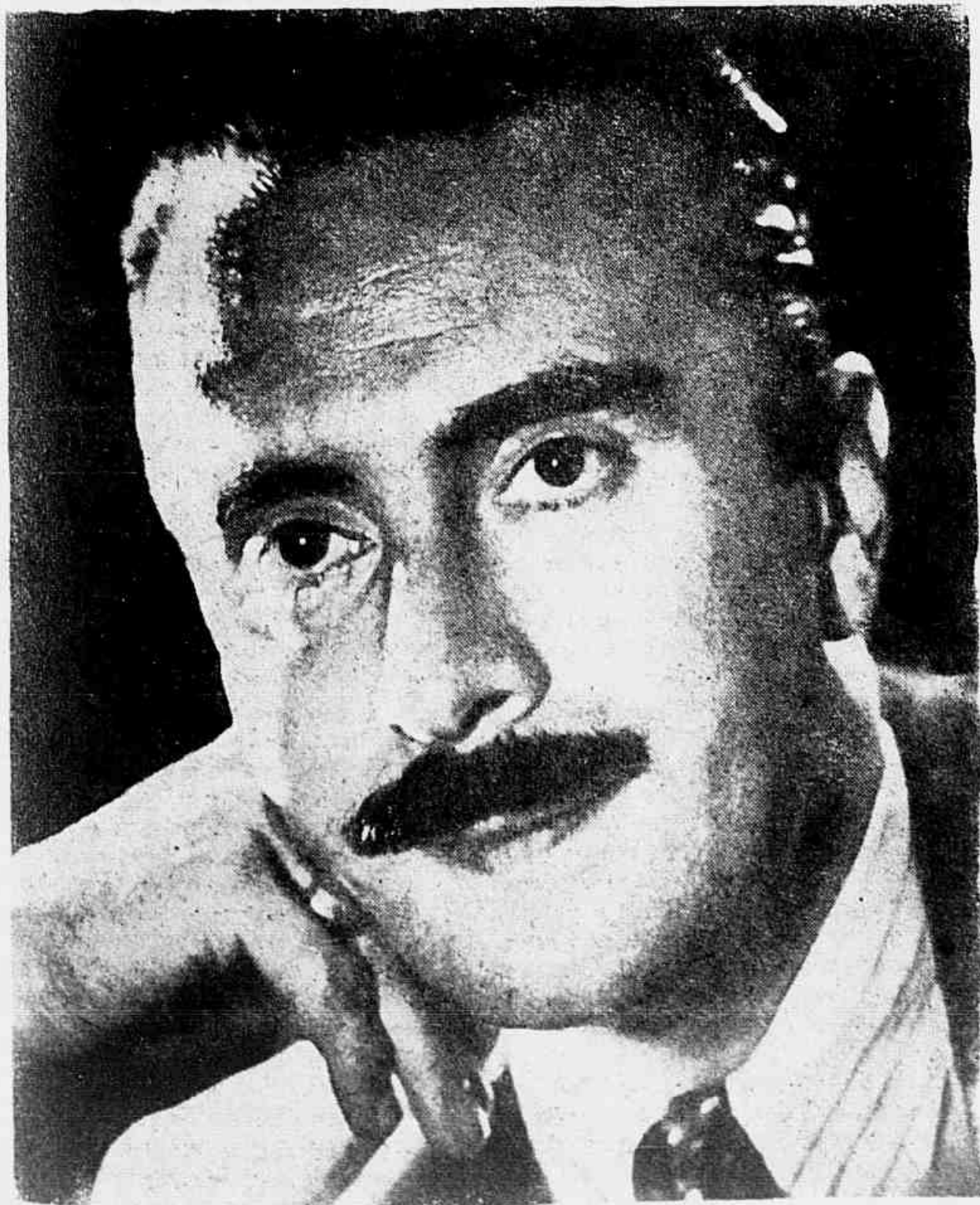
— Certamente. Não é outro o motivo da minha insistência.

"VIAGEM PELA AUSTRÁLIA"

A mais recente "tournée" de Cláudio Arrau compreendeu uma visita à Austrália, onde ele teve ocasião de prolongar sua estadia, a pedido do público.

Cláudio viaja sempre sozinho. Isso, desde os dez anos de idade, quando, como menino prodígio, começou a sua vida de concertista ambulante. Hoje, trinta anos depois,

Cláudio Arrau — Ele é pianista mas a esposa o chama de marinhoiro...



ENLACE DUARTE - SAMPAIO

SENHORITA ARINDA LIMA DUARTE, cujo enlace matrimonial com o sr. Celso Pedral Sampaio se realizou nesta capital, no dia 30 de Setembro próximo passado. Foram padrinhos, no casamento civil, por parte da noiva: o sr. Oscar da Costa Neiva e senhora; por parte do noivo: o sr. Arnaldo Lima Duarte e senhora. No ato religioso, que se realizou às 17.30 horas, na Igreja do Mosteiro de São Bento, serviram de padrinhos, por parte da noiva: o sr. Alvaro Tourinho Junqueira Aires e senhora; por parte do noivo: o sr. Alberto de Luca e senhora. Os nubentes, que são figuras da alta sociedade carioca, foram muito cumprimentados e seguiram em viagem de núpcias para a República Argentina.



Cetrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

ele mantém o velho hábito. A diferença é que, agora, tem, para esperá-lo, em casa, a esposa.

— Quando aceitei o pedido de casamento de um pianista, — diz ela, — não sabia que ia ter a vida de esposa de marinheiro...

Cláudio confessa que, no seu orçamento, a verba destinada a comunicações telefônicas e a telefonemas internacionais é a mais importante...

— A família está sempre pedindo que mande notícias...

A BAGAGEM EXTRAORDINÁRIA

Motivo de surpresa, para os que o conhecem, seria o exame da bagagem de Cláudio. Apesar de não fumar, ele carrega pacotes e mais pacotes de cigarros e, abominando chocolate, nunca deixa de colocar nas malas uma meia dúzia de caixas de bombons finíssimos.

Cláudio explica, com bom humor, o motivo desse "contrabando":

— A experiência me ensinou que, nos recantos mais afastados que visito, e às vezes até nas grandes capitais, é difícil encontrar tempo para fazer compras e não raro, quando não falta tempo, faltam os produtos... Assim, previno-me, levando cigarros e bombons para obsequiar amigos e amigas que vou deixando em cada cidade que visito.

E prossegue o pianista:

— Já tenho uma verdadeira técnica da viagem, ditada pela experiência. Sei a percentagem das gorjetas em cada lugar — não pode imaginar como variam... — aprendi a diplomacia internacional no trato com os empregados e hotéis...

E acrescenta:

— Quem vai uma vez ou outra ao estrangeiro pode cometer erros. Mas quem está voltando, periodicamente, aos mesmos hotéis, tem que deixar boa impressão. No caso contrário, terá que sofrer as consequências...

O pianista-viajante promete que, dentro em breve, tocará a vez do Brasil, na sua ronda pelos quatro cantos do mundo. E trará bombons...

A vida de Schubert

(Cont. da pág. 50)

lágrimas rebentavam-lhe dos olhos. Era tarde, porém, para dar satisfações a Schubert. Havia dois anos que morrera o compositor.

Voltemos, entretanto, ao nosso Schubert vivo. Embora, àquele tempo, orando pelos vinte anos, tivesse completado seis sinfonias, além de numerosas canções, não possuía quaisquer recursos financeiros. Nenhuma de suas obras — e a essa altura já eram várias — fora publicada ou apresentada em público. A música, obviamente, não se mostrava para o rapaz profissão proveitosa.

Ele tinha, no entanto, bons amigos, que o adoravam. A maior parte do tempo vivia em casa de uma ou de outra dessas pessoas, sem pagar aluguel. Schwanmerl (Gordinho), era como lhe chamavam, afetuosos, os companheiros. Por intermédio de um deles recebeu uma apresentação para o conde Esterhazy e o cargo de instrutor de música dos filhos do conde. O compositor, todavia, desprezava a carência de imaginação da família ducal, cujos membros estavam longe de consagrar à arte, sincera devoção. Era-lhe portanto, grande alívio poder recolher-se ao santuário do seu quarto, onde se quedava a sós com o seu adorado piano forte e as suas folhas mal escritas de música, desordenadamente amontoadas do pavimento até ao fôro. Lá, longe das mesas dos ricos e da palrce dos fidalgos, podia proclamar livremente: "Dou ao mundo o que trago no coração".

IV

Uma das grandes ironias da vida de Schubert foi não haver ele jamais compreendido totalmente onde jazia a força do seu verdadeiro gênio. O ser o autor das canções mais puras do mundo deixava-o indiferente. A melodia era nele, por tanta maneira, uma questão de segunda natureza e tamanha era a rápida facilidade com que compunha as suas canções, que atirava a maioria das folhas em gavetas abandonadas e em cantos empoeirados e nunca mais se preocupava com a música, depois de a haver escrito. A ambição de toda a sua vida consistiu em escrever óperas que obtivessem sucesso. Olhava com inveja para Rossini, cujo gênio para a melodia lhe trouxera riqueza e fama. Decidiu tentar ópera. Nesse terreno, entretanto, estava destinado a jamais granjear êxito, fosse financeiro, fosse artístico. Escreveu uma ópera cômica, intitulada, Os Gêmeos, que obteve apenas seis representações. Nem o público, nem a imprensa a receberam com calor. Observaram os críticos que algumas dentre as passagens puramente líricas da ópera possuíam momentos de grande beleza, mas que a música, em conjunto, falecia a qualidade dramática necessária ao palco. Isto devera ter sido para Schubert um aviso. Em vez de atentar nele, entretanto, experimentou compor uma ópera séria, A Harpa Mágica. A crítica

fez-lhe as mesmas ponderações. "Herr Schubert carece de um conhecimento mais íntimo do palco. Enquanto não o conseguir, as suas tentativas estão destinadas a fracassar". Schubert, desalentado, verteu as suas desilusões em vintenas de canções que somente os amigos ouviam na calma do seu quarto — ouviam e adoravam.

Certa vez escreveu ele em seu diário: "O mundo assemelha-se a um palco no qual cada homem desempenha a sua parte... A culpa é do empresário que distribui aos seus comparsas papéis que estes são incapazes de representar". Sentado na taberna do Gato Preto, enquanto tomava cerveja da Baviera, sentia-se estranhamente deslocado no papel que havia de desempenhar na vida — ele e os amigos que o rodeavam. A dieta deles constava de cerveja, canções e tristezas.

Eram moços, porém, e as aflições pouco lhes passavam sobre os ombros. Faziam as refeições na sala de cima da taberna — Pintores, poetas, músicos, atores, todos boêmios. A cidade de Viena era uma Bagdad de intriga, aventuras e noturna ostentação. Para o espírito sobrecarregado de trabalho e o cansado coração de Schubert a sociedade desses jovens pagãos radicais era uma como grande relaxação.

Não obstante, os estados de espírito do compositor eram decididamente religiosos. Comovia-o profundamente a música de Bach e de Handel. Ao ouvir as obras desses grandes compositores, cruzava, emocionado, as mãos e comprimia-as contra a boca. Nesses instantes não se envergonhava dos fracassos nem o amargurava a pobreza. As nádegas e a religião — tais eram os dois estêis do seu espírito vacilante. Schubert era um pagão que trazia uma oração cristã dentro de si.

Quando submeteu o Erl-King aos editores, estes recusaram-no. Procurou vender-lhes então as suas outras canções, mas com os mesmos resultados negativos. Em face disso, conseguiram os amigos fazer com que certo número de pessoas mandasse imprimir, por meio de assinaturas particulares, cem exemplares de um volume das canções. Essa edição particular vendeu-se rapidamente — tão rapidamente, de feito, que vários editores musicais de Viena se ofereceram para reimprimir o volume. Persuadiram o compositor, destituído de todo e qualquer espírito comercial, a vender-lhe todos os direitos sobre essas canções, incluindo os prêmios, por trezentos e cinquenta dólares. Schubert assinava tanto por ter no bolso algum dinheiro que se esqueceu da perspectiva dos direitos artísticos. E' provável, também, que não estivesse preparado para a grande onda de popularidade que haviam de despertar as suas canções. No espaço de dois anos ganharam os editores três mil libras com uma só — Der Wanderer. E Schubert continuou pobre como sempre o fora. Os editores caloteavam-no sistematicamente.

Certa vez, teve ele um sonho estranho. Sonhou que o pai o esbofeteara e lhe ordenava que saísse de casa. Pôs-se en-



ATENÇÃO, SENHORES CAPITALISTAS!

HA muita gente por aí que não sabe o que fazer do dinheiro. Não faz muito tempo, viajamos pendurados no estribo de um bonde, ao lado de uma senhora que, em conversa com uma conhecida, queixava-se amargamente de ter empregado os seus haveres em aquisição de imóveis. Os hipostos, os alugueres baixos, as despesas de conservação e uma série interminável de ônus reduziam-lhe a expressão mais simples os juros do capital empregado. Vendê-los para depositar em bancos, principalmente nos menores porque oferecem maiores vantagens, estaria sujeita a dois desastres: torrá-los, a qualquer preço e sujeitar-se a uma possível quebra bancária. Está aí uma observação felicíssima que bem define a época que ora atravessamos. Os bons negócios são raros. É verdade que o petróleo está na ordem do dia mas, por enquanto, o que apenas existe são as ações das companhias que pretendem explorá-lo. Há, porém, uma indústria que, no momento, oferece resultados positivos àqueles que a desejarem explorar. Referimo-nos à fabricação de discos. Não os voadores, mas disco para vitrola. Sim, senhores. As lojas especializadas nesse negócio se multiplicam aqui, em São Paulo e por todo o Brasil. Os estoques se esgotam rapidamente e as fábricas atuais não têm mãos a medir. Há um público ávido mesmo para as boas gravações da música popular brasileira. Quem quiser comprovar a veracidade do que estamos propondo, bastará consultar o "Diário Oficial", de 7 de Abril do corrente ano. Lá está a fls. 4717, o Balanço de uma de nossas grandes fábricas de discos: a Odeon, referente ao ano de 1946. O seu capital é, apenas, de 500 mil cruzeiros. Pois bem, o lucro bruto sobre suas vendas ascendeu a mais de 8 milhões de cruzeiros e fechou o exercício com um lucro líquido de mais de seis milhões de cruzeiros. Querem exemplo mais frisante?

F. CORREA DA SILVA

PERDÓNOME

Bolero de Fernando Maldonado

MY YOUNG AND FOOLISH HEART
Fox de Charles Tobias, Al Lewis e
Ted Murray

My young and foolish heart
Makes me do the things I shouldn't.
That nine times out of ten I
wouldn't do.

My young and foolish heart
Never lets me use discretion
In my manner of expression
Every time I'm with you.
So, if my arms enfold you
While I speak of love,
Remember what I told you
Upon my soul, I can't control the
recklessness of
My young and foolish heart
Can be choosy and selective,
But you're the one objective of
My young and foolish heart.

DON'T TELL ME

Fox de Buddy Pepper — do filme da
M. G. M. "The Hucksters"

Why do we talk with our eyes
As we sit across the table
Why do we walk arm in arm
Whenever we are able
Freet on the ground
Ground spinning 'round
Please tell me why my happy heart
Keeps repeating that it's so, no

Don't tell me
Don't say you're mine
Don't tell me
It's just a line
Why whisper words
I have never known
Or speak your heart
Whenever we're alone
No, don't tell me
It isn't fair for I'm foolish
I'll start to care
Why are angels singing high above
Oh, don't tell me I'm in love.

JE VOUS AIME

Fox de Sam Coslow — Do filme de Car-
mem Miranda "Copacabana"

Violins were playing in Montmartre
It was so long ago.
I still hear them playing in my heart,
You seem so near once more I hear

Je vous aime, ma chérie,
Je vous adore.
Will I hear those lovely words no more?
Je vous aime, ma chérie,
Je vous adore.
Can't we sing as we sang before?
In her eyes was a promise so tender
While her lips sang a song of surrender,
That will live in my heart forever more.
Je vous aime, ma chérie,
Je vous adore!

Perdónome si nunca te he querido...
Perdónome si siempre te engañé...
Si tu amor yo jamás he comprendido
No te quise y no lo confesé
No quiero que tu guardes mas rencores
Ni quiero que te acuerdes mas de mí
Ya no quiero que vuelvan tus amores
Perdónome y aléjate de mí.

TABO TABO

Guaracha de Eddie Gomez

Tabo! Tabo! Tabo! Tabo!
Me hace bailar, me hace gozar...
Juntito así, pegadito más...
Tabo! Tabo! Tabo! Tabo!
El nuevo baile señores
Que todos están bailando
Es el Tabo-Tabo Tabo...
Sus pasos todos gozando
Un pasito así bien suaveito
Y luego otro con un valencito
Todos juntitos bailemos ya
Al ritmo, deste nuevo compás.

EXTRANA

Tango argentino de Miguel Caló e P.
Valdez

Pasajera extraña sin destino
Iba en aquel barco hacia el olvido.
Sola, en la cubierta se paseaba,
con su lánguida mirada,
contemplando siempre el mar.
Era toda ella tan extraña
como extraña ha sido su final.

II

Extraña que yo tanto amé
y nunca más he vuelto a ver...
Jamás podré olvidar con qué dolor
lloré en mis brazos...
Después...! que triste es recordar!
... por siempre se perdió en el mar.
Extraña y gris mujer,
No sé por qué
estoy llorándote!

I bis

Nada supe yo de su pasado,
de su corazón atormentado...
ni siquiera el nombre, ni su rumbo,
sólo sé que era profundo
el recuerdo que la hirió.
Pasajera extraña sin destino
yá encontré la paz tu corazón.

tão a percorrer regiões distantes, desalentado, solitário e silencioso. A única coisa que lhe interrompia o silêncio eram as suas canções, que ele cantou durante todos aqueles longos anos. "Quando, porém, eu desejava cantar o amor, este transformava-se em pesar". Tais haviam sido as canções que ele dedicara a Theresa Grob e ao mundo. Oferecera-lhes amor e recebera, em paga, aflições. Entregou-se com veemência maior aos copos de vinho e entrou a visitar os antros defesos dos orateiros meretrícios. Em 1823, no vigésimo sexto ano de sua existência, contraiu horrível enfermidade. Foi enviado para o Hospital Geral de Viena, onde longo e penoso tratamento lhe atalhou a febre e debelou a forma aguda da moléstia. Os médicos, todavia, não lograram curá-lo definitivamente. Durante o resto da vida sofreu acessos amiludados que lhe minaram gradualmente a resistência e o levaram aos limites do desespero.

Destarte, pago com angústias, o seu amor, converteu mais uma vez em amor as suas angústias. No solo dos seus padecimentos floresceu o seu poema épico de amor, a Sinfonia Inacabada.

V

Foi no seguinte estado de espírito que Schubert escreveu a Sinfonia Inacabada! "Imaginal", disse ele, "um homem que nunca mais recobrar a saúde... cujas esperanças brilhantes deram em nada". Esta sinfonia, poema lírico em forma épica, consiste de dois movimentos. Se bem que Schubert tivesse debuxado um terceiro movimento, o Scherzo, e chegasse, em realidade, a escrever uma ou duas páginas, não encontrou, evidentemente, um final que lhe agradasse de verdade; deixou, assim, a música inacabada — ou seja, um fragmento totalmente terminado, como a vida de um belo carácter — a sua vida — decepada em plena mocidade.

Não parece que Schubert lhe tivesse compreendido a significação, pois, como de hábito, concentrava todos os seus esforços numa outra peça para o palco. Negligenciou de todo a sinfonia, destinada a proporcionar-lhe fama imortadoura, em prol da partitura de uma ópera que nada lhe trouxe senão escuridade e derrota. Nunca ouviu a Sinfonia Inacabada executada por orquestra. Colhera-a como uma flor no jardim exuberante do seu gênio e atirara-a, negligente, a um mundo desatento. Foi encontrada, muitos anos após a sua morte na escrivaninha de um amigo.

Durante toda a sua vida não ganhou Schubert sequer, ao todo, seiscentas libras pelas suas composições. Constantemente, à beira da indigência, principiava a perder a fé na sua habilidade em compor. Quanto mais velho ficava, tanto menos recebia pelo seu trabalho, pois os editores, bem cientes da sua pobreza, do seu desespero e das suas dívidas, ofereciam-lhe somas cada vez menores pelas novas composições. Schubert foi um dos maiores gênios e um dos piores homens de negócios do século XIX.

Adicionada à sua escassíssima habilidade comercial, ou melhor, incluída como parte constituinte dessa inhabilidade, havia uma teimosia que o impossibilitava de entender-se com pessoas práticas. Não sabia curvar-se para vencer. Surgiu, em certa ocasião, uma vaga na Casa da Ópera Imperial de Viena. Esplêndida oportunidade para Schubert conseguir a sua nomeação. Além de possuir todas as qualidades necessárias para o emprego, tinha amigos poderosos e admiradores que intercederam por ele e persuadiram os membros do conselho administrativo do teatro a conceder-lhe o ensino de uma experiência. Iniciaram-se os ensaios com um libreto para o qual Schubert escrevera alguns comentários musicais. Quando, porém, o soprano da companhia se queixou de que algumas das notas nas árias que lhe cumpria cantar eram demasiado altas, Schubert recusou modificá-las. Por ocasião do primeiro ensaio, ao qual haviam comparecido os diretores da ópera, lutou bravamente a prima-dona com as incômodas

**RICARDO brilhava
EM 1927...**



...e continua

brilhando EM 1947!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.

Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

TRATAR COM

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA CONSELHEIRO TOBIAS, 613

FONE — 6-6718

passagens; quebrantou-se-lhe, contudo, a voz e ela se sentiu demasiado fatigada para continuar. Conversaram os diretores em voz baixa com a cantora e logo se acercaram do posto do regente. "Adiaremos os ensaios por alguns dias, Herr Schubert", disse um deles. "E pedimos ao senhor que faça, nesse meio tempo, as alterações desejadas por Fraulein Schechner". O sangue afluiu ao rosto de Schubert. "Não modificarei uma nota sequer!" bradou. E, fechando com estrondo a partitura, abandonou coléricamente o auditório e o emprego.

(Cont. na pág. 56)

MATILDE, A B.M-LEMBRADA

(Cont. da pág. 23)

Matilde recebeu o seguro que eu lhe deixara e Joel prosperou. Mas o feliz casal teve apenas um filho. Eu aproveitei como tan-

tíssimos outros a lei da peste (vulgarmente denominada Jerônimo Monteiro), requeri 12 preparatórios e matriculei-me na Faculdade de Medicina de São Paulo. Formado, especializei-me em psiquiatria. Mas, du-

rante 13 anos, na mesma data, Joel Pôrto recebeu aquele telegrama de parabens, apenas com pequenas variantes, de ano para ano. O filho de Matilde morreu infante, na gripe de 1918. Ela também já é morta. Morreu em



1929. Que Deus a tenha na sua santa glória!

Soube logo de sua morte e no dia em que se completava um mês, passei ao desolado esposo esse último telegrama, que foi o 14.º:

"Joel Porto.

Natalópolis.

Recebe pêsames que meu espírito te envia, envolto mesmo pesado crepe. Mas lembra-te a ninguém é dado construir felicidade própria sobre desgraça alheia. Cordialmente,

Léo."

Joel acaba de ser internado. Dir-se-ia 20 anos mais velho do que eu, que estou com cinquenta e sete, mas somos da mesma idade. Aparentemente não tem cura.

Como eu te lastimo, ó meu insano e desditoso amigo!

A tomada de Lisboa

(Cont. da pág. 47)

dispersarem, arrebatadas furtivamente para uma e outra parte. No meio da confusão, à menor resistência, o sangue corria...

★

Horível, sem dúvida. Mas tão terrível quadro vem sendo repetido até aos nossos dias, e, por isto, não devemos supor que os homens de hoje são menos cruéis. Oitocentos anos depois, apesar da insistência nos ensinamentos cristãos, o homem guarda em si os mesmos impulsos primitivos, terrivelmente aprimorados pela ciência. A diferença existente eleva os homens de antanho. Nem sequer existe idealismo para justificar as guerras atuais e muito menos os crimes praticados a sangue frio nos campos de concentração e nos gabinetes policiais. A China continua a ser teatro de uma dolorosa tragédia, a que o mundo civilizado assiste sorridente... O egoísmo e a ambição permanecem...

Lisboa festeja oito séculos de vida cristã. Os povos necessitam de evocar suas glórias para revigorar sua fé.

FONTA DE AGULHA

(Cont. da pág. 15)

Não foi preciso muito tempo para que o médico encontrasse a debatida ponta de agulha. Colocando-a na palma da mão, mostrou-a ao Borba, ao mesmo tempo que dizia:

— Estava alojada num ponto onde era difícil a chapa acusar.

O mestre da tesoura exultou. Quis agradecer ao médico o grande benefício prestado, mas não encontrou palavras com que fazê-lo. Cumulou-o de elogios triviais, irrisórios. O Dr. Sombra ria-se gostosamente da atrapalhada com que ele exprimia a sua gratidão.

Dentro de poucos dias, o corte cicatrizou. E dentro de poucos dias, o Borba recuperou aquela sua antiga vitalidade. Agora, felizmente, podia comer, dormir, viver... Não mais sentia dores

(Cont. na pág. 56)

AS LAMPADAS

EDISON  MAZDA

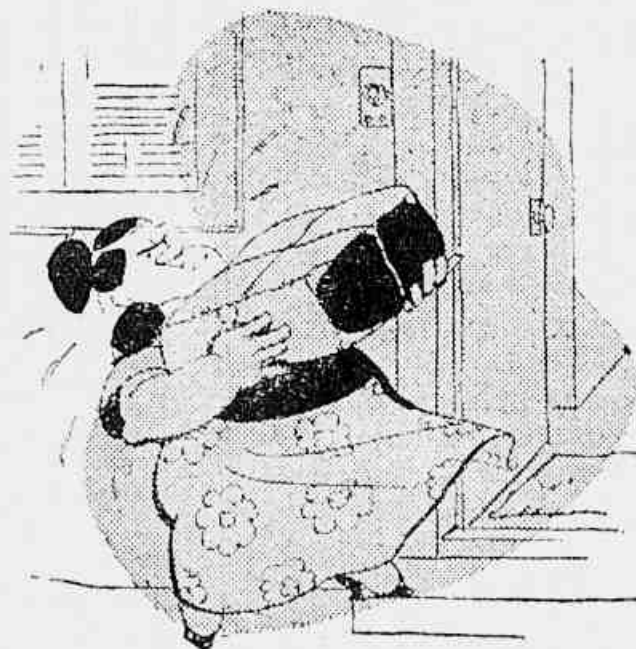
SEMPRE BRILHAM MAIS!



Se deseja ler...



não faça isto...

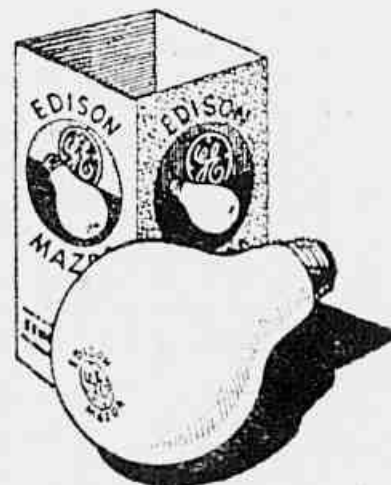


pois quase sempre acontece...



...o inevitável!

Não adote o sistema de tirar lâmpadas de um lugar para outro! É um hábito que pode ser a causa de sérios acidentes e, além disso, se a lâmpada é de pequena capacidade V. prejudica os olhos. Compre hoje mesmo um bom sortimento de lâmpadas Edison Mazda... as que sempre brilham mais!



GENERAL  ELECTRIC

Não substitua lâmpadas a não ser no caso de extrema necessidade!

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

RESTAURADA A SOBERANIA DO JURI POPULAR

(Cont. da pág. 13)

mos por base desta reportagem, o promotor Cordelro Guerra terminou a acusação pedindo o grau mínimo da pena, visto tratar-se de uma mulher com bons antecedentes e que agiu movida pelo ódio em que se transformara seu antigo amor. Com a sua técnica peculiar, lembrou aos jurados que uma condenação de três anos e alguns dias, seria favorável à acusada, pois cumprida a metade da pena, em caso de bom comportamento no presídio, teria o resto da sentença comutada. Uma condenação de três anos justos ou menos, não goza, por lei, do favor da comutação da pena. Após o seu libelo, antes que o doutor Faustino Nascimento desse a palavra ao doutor Celso Nascimento, advogado de defesa, houve uma interrupção de quinze minutos.

A INCOMUNICABILIDADE DOS JURADOS

Os jurados, logo após o seu sortelo, no início da sessão, são avisados pelo juiz. Este é outro ponto em que o nosso incomunicabilidade absoluta. Isto é, não podem, a partir deste momento, até a hora do julgamento, falar com terceiros e mesmo entre si. E' até mesmo motivo de anulação da sessão se algum deles conversar com um colega ou com estranhos. Podem dirigir-se, apenas, ao juiz. Este é outro ponto em que o nosso juri se diferencia enormemente dos ingleses e norte-americanos. Na Inglaterra os jurados não podem falar com terceiros mas podem discutir o caso entre si. Na América do Norte há ainda maior liberdade. Podem eles mesmos dirigir-se às testemunhas e aos peritos. Segundo o ponto de vista dos nossos juristas a incomunicabilidade é um fator de grande importância para que o julgamento possa ser feito de acordo com a consciência de cada julgador. E' fácil compreender-se que nos debates que fazem os jurados norte-americanos entre si, aquele que tiver maiores conhecimentos e responsabilidades a lider, facilmente poderá convencer os outros do seu ponto de vista pessoal. Quer dizer, na sala secreta da votação um deles pode arvorar-se em advogado de acusação ou de defesa e o réu fica dependendo, em última análise, da vontade ou da opinião desse líder. No Conselho de Sentença do juri brasileiro o lema é, mais ou menos, este: cada um converse apenas com sua consciência. Certo ou errado, o julgamento será o que seu raciocínio ou suas razões sentimentais lhe ditarem. Cada um por si e Deus por todos.

A FAMOSA SALA SECRETA

Enquanto que na Inglaterra e nos Estados Unidos o Conselho de Sentença se compõe de doze jurados, no Brasil, por dispositivo constitucional, o número deles terá que ser sempre ímpar e o Código do Processo Penal fixou-o em sete. Para evitar empate no resultado da votação, Nos Estados Unidos e Inglaterra, o resultado final do conselho tem que ser unânime, tanto para o "guilty" (culpado), como para o "not guilty" (não culpado). Essa unanimidade traz sérios transtornos, o que não acontece aqui. Enquanto houver um jurado, em um ju-

ri inglês ou norte-americano, que esteja contra os onze restantes, a sentença não pode ser dada. E a sessão na sala secreta pode durar horas e até dias. No fim, como se vê, em certos filmes, os onze que estão de acordo têm vontade até de matar aquele "empata". Na nossa sala secreta a coisa é diferente. Depois da oração do advogado encarregado da defesa os sete jurados se retiram para a sala, acompanhados do juiz, dos advogados da acusação e da defesa e de um funcionário encarregado de vigiar a perfeita incomunicabilidade aos membros do Conselho. Lá dentro não pode entrar mais ninguém. O juiz distribui aos jurados vários quesitos, os quais, à medida que eles respondem, agravam ou aliviam a situação do réu. Por exemplo: 1.º) "O réu matou Fulano?" 2.º) "Usou para isso de legítima defesa?" 3.º) "O acusado teria excedido os limites do direito de legítima defesa?" Os jurados respondem apenas "sim" ou "não". As respostas são somadas parceladamente, de acordo com as respostas. Se houve crime, os jurados respondem por maioria que o acusado agiu em legítima defesa ("sim" ao segundo quesito) haverá a absolvição do acusado. Mas se, embora reconhecida a legítima defesa, julgar a maioria que o réu abusou desse direito ("sim" ao terceiro quesito), o juiz imporá ao réu pena diminuta, segundo a lei penal.

OS "SCORES" NO JULGAMENTO

O resultado dos "scores", sejam eles de sete a zero ou o apertadíssimo quatro a três, não influi no agravo da sentença dada pelo juiz. Valem apenas as várias respostas aos diversos quesitos que podem, como dissemos, agravar ou diminuir a culpabilidade do acusado. O resultado do que irá resolver o Conselho de Sentença é sempre imprevisível. Quando se espera uma absolvição de sete a zero, aparece uma condenação. Conta-se até um caso característico que bem mostra a liberdade dos jurados. Quando era promotor público o dr. Baldessarini, houve um julgamento em que esse promotor achou de justiça pedir aos jurados a absolvição do réu. Quando isso acontece, o advogado de defesa não tem mais nada que falar, pois a própria acusação não achou culpa nem dolo no ato do acusado. Acontece — dizem no Fórum — que o advogado de defesa, querendo fazer jus a melhores honorários de seu constituinte, entrou com uma peroração quilométrica, trouxe à luz, novamente, o crime, seus antecedentes e consequências. Resultado: impressionou tanto aos jurados, de forma negativa, que estes condenaram o réu por quatro a três. Parece anedota, este caso, mas os veteranos do Fôro asseguram que foi verdadeiro!

AS TENDÊNCIAS DOS JULGADORES

Muitos dos jurados trazem no espírito uma predisposição para condenar ou absolver alguém. Aftançaram-nos também que os espiritistas não condenam nunca, porque não se julgam com o direito de amargar o destino de um semelhante. Nós conseguimos, pela primeira vez no Brasil, penetrar na sala secreta do Juri, em pleno julgamento, e pudemos ouvir os jurados logo após a entrega dos quesitos da sentença. Perguntamos a um deles qual a sua propensão espiritual nos julgamentos e ele nos respondeu, sem pestanejar: — "Nos crimes de homicídio sou noventa e nove por cento pela condenação. Somente quando a legítima defesa é flagrante, é que absolvo." Outro jurado, emocionado porque era a primeira vez que julgava um cidadão, respondeu-nos: — "Vou mais pelo lado humano. Quem sabe se nas mesmas circunstâncias em que se viu o acusado, qualquer um de nós não teria cometido o mesmo crime?" — "Este, não resta dúvida, tinha dado o seu voto inocentando o réu. Alguns advogados temem aquela inclinação para o julgamento frio e impessoal do nosso primeiro entrevistado. Talvez por isso é que o doutor Carlos de Araújo Lima perguntava ao doutor Romeiro Neto: — "Que tal os jurados deste mês?" Isto queria di-

zer: — Que acha do temperamento emotivo dos que atuam este mês no juri?

FINAL DA SESSÃO

Com a volta dos jurados e do juiz ao plenário, foi lida a sentença de Elisa Cardoso Pena pelo doutor Faustino Nascimento: condenada a três anos, um mês e quinze dias de prisão. Isso quer dizer que a acusada poderá sair do presídio de Bangü após um ano e meio de pena. Como já está detida há um ano, resta-lhe cumprir apenas seis meses de presídio. Felicidade, Elisa Cardoso Pena!

ESTATISTICA IMPRESSIONANTE

Quando terminou, às quatro horas da tarde, o julgamento de Elisa Cardoso Pena, fomos à sala da promotoria. Estavam batendo um "papo" amigável o promotor, doutor Marcelo Heitor de Sousa, e o advogado e desportista Alfredo Tranjan. Soubemos de dados impressionantes. Os homicídios têm se tornado cada vez mais frequentes no Rio. Têm duplicado de ano para ano, de algum tempo para cá. No Tribunal do Juri são julgados apenas os crimes contra a vida — homicídio, infanticídio e de 1946 para cá os abortos, tentados ou cometidos. Os outros crimes: roubo, estupro, lenocínio, atropelamentos (mesmo que a vítima venha a falecer) são julgados por juízes singulares. O próprio ladrão que ao roubar mata a vítima (latrocínio), não comparece ao Tribunal do Juri. Ali vão somente aqueles que tentam especificamente contra a vida dos seus semelhantes. Há dois anos atrás os crimes praticados na cidade obrigavam a reunião de dois juries por semana. Hoje, realizam-se quatro juries semanais e o movimento de processos nos dois cartórios especializados faz prever para dentro em breve uma sessão diária. O aumento de criminalidade, sob todos os aspectos, inclusive o mais grave, o homicídio, após a terminação da guerra, é um fato. As mulheres homicidas já estão aparecendo em maior número. O ano passado quatro homicídios foram cometidos por mãos femininas. Também as mulheres têm comparecido ao tribunal como jurados, em uma proporção de dez por cento. Segundo a opinião do doutor Alfredo Tranjan, elas quando julgam uma outra mulher são muito solidárias, o que significa um voto de absolvição no julgamento.

UM JURI EXCEPCIONAL

No dia 31 do mês de julho deste ano, houve no Rio de Janeiro um juri excepcional. Juries como esse ocorrem de cem em cem anos. Realizou-se no Supremo Tribunal Federal, onde onze ministros julgaram o crime de morte cometido pelo desembargador Edgar Joaquim de Sousa Carneiro, presidente do Tribunal de Justiça da Bahia e que, em 29 de outubro de 1946, em defesa própria, atirou no advogado Otávio Barreto, dentro do edifício do Fôro da capital baiana. Como os juizes têm que ser julgados por um tribunal de instância superior, no caso do desembargador Sousa Carneiro, que ocupava o mais alto cargo da magistratura baiana, foi o seu processo encaminhado ao Supremo Tribunal Federal que, após decorrido quase um ano do delito, julgou em sessão plena o ato do magistrado. Onze ministros, presididos pelo ex-Presidente da República, dr. José Linhares, atual presidente do Supremo Tribunal Federal, iniciaram o juri excepcional à uma hora da tarde, e às vinte horas do mesmo dia foi conhecida a sentença, depois da votação secreta: absolvido o réu por unanimidade. Este foi um dos juries mais impressionantes dos havidos nesta capital, não só pela sua singularidade, pela posição social do réu, que há trinta e um anos exercia a magistratura na Bahia, como também pelo ardor dos advogados da acusação e da defesa. Funcionou como promotor público o Procurador Geral da República de então, dr. Themistocles Cavalcanti, tendo como auxiliar de acusação o advogado baiano Tancredo Teixeira. A equipe dos advogados de defesa estava comandada pelo brilhante criminalista Emanoel Lins e Silva, auxiliado pelos advogados Nelson Carneiro e Carilo Onofre. Os que espe-

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

RONRICO

SEM EXCEÇÃO
O MELHOR

PARA
Coolers - Highballs
Cocktails - Collins
Punches - Grogg

À venda nos
melhores bares
e armazens

Para o Conhecido
RONRICO
Sem exceção o MELHOR



Marca
Registrada

(Rums Ronrico de 86, 90 e 151 graus)
RONRICO CORPORATION, SAN JUAN, PORTO RICO
Distribuidor no Brasil - USABRA - Rio de Janeiro

A Beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

IMPRESSONANDO OS MEIOS
CIENTIFICOS DO PAIS!
EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquira nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso,
CAIXA POSTAL N.º 2335
Rio de Janeiro



MENAGOL
REGULA!

Dona Lucia vai ao campo

(Cont. da pág. 28)

sapos e à cantoria dos grilos, um silêncio que enerva, que mortifica, que amedronta a gente e que por não haver outro termo, a gente chama de "silêncio" mesmo.

O céu começou a limpar, abriram-se as nuvens grossas para os lados e de longe em longe começou a surgir uma estrela medrosa. O céu limpou, a saparia cantou todas as suas canções em "duetto" com os grilos, as estrelas brilharam e desapareceram, as vacas cansaram de gritar em busca de seus terneiros e o rapaz de olhos de gato e adaga de meio metro atravessada na barriga ainda não havia voltado. Bem ele dissera... "é logo ali"...

O barulho dos cascos veio se chegando e os quero-queros largaram gritos fortes como punhaladas cheias de raiva. Sim, punhaladas, que eu já estava tão impressionada com aquela adaga que tudo já me cheirava a crime, ao banditismo, a adagas ensanguentadas, e foi tão grande o medo que senti vendo aqueles olhos verdes luzindo e se aproximando do auto, que passei a mão pela última garrafa vazia de água mineral e me aprontei para a defesa.

— Bamo indo, patrão?

A voz tornou a me sobressaltar como da primeira vez. Se esqueço falasse quando aparece à meia noite...

O auto roncou e nós recomeçamos a nossa viagem. "Recomeçar a viagem" não é bem o termo; "recomeçar a volta" é que serviria para o nosso caso.

Nem bem eu pensei no delicioso banho morno que ia tomar quando chegasse na estância, o auto deu um pulo e montou num barranco e lá ficou a brincar de gangorra, prá lá e prá cá! Uma beleza!

As três gurias abriram a boca em côro e eu e o João, ao mesmo tempo, explodimos:

— Calem a boca!

O silêncio se fez, mas por poucos minutos, que logo ao descermos do auto, Marianinha "sentiu" um bicho roçar-lhe as pernas e gritou:

— Mãe! Cobra! Mãe, me tira daqui que a cobra tá me



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

REGULADOR XAVIER

* O remédio de confiança da mulher *

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

Tal era o pavor que havia nos seus gritos que eu cheguei a pensar que houvesse por ali uma cruzeira tão grande e tão comprida como esse caminho que estava nos levando da cidade para a estância que ficava "logo ali, dona".

Mas não era nada. Nem bem suspirei de alívio, meus olhos se encheram de pavor, que o rapaz de olhos fosforescentes havia puxado a adaga da bainha com um gesto brusco.

A luz dos holofotes caía em chelo sobre ele e mais do que nunca eu jurei firme para mim mesma que aquela "coisa" não era gente! Era tudo, menos gente, que gente não tem aquela cara branca e parada como a luz, aqueles olhos verdes como os olhos da minha gata e aquela adaga quase do tamanho de Norma. Assombração, bruxaria, calpura, boi-tatá, alma de qualquer outro mundo, mas não gente como eu, como o João, como gente mesmo!

E o rapaz puchou a adaga e... meta a adaga... e meta a mão... Começou a cavocar o barranco para tirar o auto daquela trempe.

Mesmo vendo que ele estava trabalhando, não larguei a garrafa, estive com ela apertada em minhas mãos e com os olhos fitos no rapaz, que ao menor gesto suspeito de sua parte, eu lhe desceria a garrafa pela cabeça arrepiada, com toda a minha força e a minha vontade que era grande; estive de olho até que ele passou a adaga duas vezes sobre a perna para limpá-la e depois enfiou-a na bainha. Mesmo assim não fiquei totalmente desprevenida. Larguei a garrafa, mas agarrei um martelo.

As três gurias, depois de muito choro abafado, baixinho para que ninguém ouvisse, adormeceram numa mistura, que eu não sabia se essa perna era de Mariana e se aquele braço tinha dona.

João limpou as mãos num trapo e chamou-me para continuar a viagem. Continuar a viagem? Que viagem? Para mim, eu não andava fazendo viagem nenhuma! Há muitos e muitos anos eu andava perdida pelo campo, vagueando e sem rumo; caminhando sempre, dentro de uma noite tão escura que se assemelhava mais a um saco de carvão que a outra coisa. Quem viaja tem um rumo, uma direção e um ponto de chegada e eu não tenho nada disso e sabia que nunca iam chegar! Eu não estava fazendo viagem nenhuma! Andava caminhando apenas!

O auto continuou a correr e por entre a buzina estridente que fazia as rezas se espalharem pelo campo, ouvi distintamente a mesma cantiga monótona dos sapos, e dos grilos. "O silêncio da campanha! Não há nada como a campanha!"

Cabeceando de sono eu apenas pude ouvir a voz de minha amiga, perguntando:

— A Lucia também veio? Que bom! Ela vai gostar muito de campanha!

Voltamos para a cidade cada um ostentando uma linda "condecoração". Marianinha caiu dentro de uma sanga e lá deixou um sapato e, no rosto, trouxe as mais "rosadas" manchas que uma aroeira já presenteou a alguém. Joana veio toda arranhada de um passeio que fez por entre um caragatal e Norma, a coitadinha, até hoje lembra com horror a corrida que uma galinha choca lhe deu.

E eu e João ainda estamos coçando as mordidas dos mucucas.

“ 0 3 5 0 9 ”

(Cont. da pág. 48)

cartaz do ônibus afixava: — Passagem direta — 1,00.

E se o cobrador não o visse? Como seria bom. Em troca do cruzeiro recebeu um bilhete azul. Os bilhetes se tocaram, ambos azuis, ambos sem valor naquele dia. 52. Amanhã porém, a reles passagem estaria repousando entre outras milhares, enquanto o número 03509 passaria de mão em mão. Exclamariam: era guarda, hoje está rico. Não queria comprar, mas o destino... O seu sonho cortou-se rapidamente, a empresa não oferecia comodidade aos passageiros; crianças passavam fome. Se viesse o comunismo. Não, ele não viria, os seus duzentos contos formariam a barreira. Fora comunista, concebera a privação e agora esquecia-se do seu passado quando tocava o 03509.

Nada sucedera de extraordinário naquela manhã de domingo. Os seus sapatos já estavam empoeirados, quando um homem alto, a fisionomia transtornada, despertou a sua atenção. Correria. O senhor está louco? Eu perguntel se...

Uma sala espaçosa. Várias pessoas aguardavam a sua vez de serem chamadas. Um guarda conduzindo um homem descalço, aproximando-se do delegado diz:

— Doutor, eu estava fazendo o policiamento da rua Caraguatutuba quando vi este sujeito com jeito de louco. Corri prá ele e perguntel se ele estava louco. Invez de responder ele me deu um soco na cara. Aqui está a marca. Ele deve ser mudo, doutor, não fala.

— Bem, vejamos, respondeu o delegado, qual é o seu nome?

O homem assobla a "Pavane", seus olhos procuraram os demais prisioneiros numa busca inútil.

— Porque o senhor agrediu o guarda? — falou novamente o delegado.

— Vou falar, retorquiu num tom de voz autoritário o inquirido. Eu ia ao enterro de uma criança. Maurice Ravel disse-me: "Hoje é o dia do enterro, você deve ir." Preciso ir, ele está me esperando lá. Larguem-me, socorro.

Seus músculos retesaram-se, seu rosto tornou-se rubro. Um salto ágil, uma corrida rápida, um choque brutal e duas grandes rodas de um ônibus sobre seu corpo. O motorista num último golpe tenta ainda desviar o carro. E' infeliz; lança-o de encontro a uma árvore. O incêndio foi rápido.

Próximo a uma casa de loterias um homem procura em seus bolsos um bilhete. Não o encontra. Lembra-se agora, talvez o tivesse deixado na caixa do ônibus juntamente com a passagem. A associação de idéias em seu cérebro é rápida. O ônibus queimado. "Deposite aqui o seu bilhete". Era o mesmo? Completamente alucinado corre e seus olhos percorrem uma lista com os resultados da loteria. Ali estava, primeiro prêmio, número 03509. Talvez houvesse esquecido o bilhete em sua casa. A passos rápidos, esbarrando nas pessoas chega até lá. Sobre a mesa, debaixo de uma estatueta, ele encontra o bilhete. Sai em busca da riqueza. Agora até ela a distância é de apenas alguns metros.

— Vim receber o dinheiro deste bilhete.

— Mas cavalheiro, este bilhete saiu branco.

— Branco, não é possível. Ele está premiado, eu vi ali naquela lista da esquerda.

— Mas aquela lista é do mês passado.

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório de GUARAMIDINA

ravam o veredicto do incomum Conselho de Sentença lembravam-se por certo de outro crime também cometido por um desembargador há vários decênios atrás, — o até hoje célebre crime do dr. Pontes Visgueiro, crime passionai e que julgado, também, por um supremo tribunal, levou o magistrado maranhense à prisão. Por singular coincidência, o advogado auxiliar da acusação do desembargador Sousa Carneiro, dr. Tancredo Teixeira, é parente de um outro advogado que auxiliou a acusação de Pontes Visgueiro. Essa coincidência de dois criminalistas parentes, atuarem como advogados de acusação dos dois únicos crimes cometidos por desembargadores no Brasil, surgiu, como mais um detalhe que fez do julgamento de 31 de Julho de 1947 um juri realmente excepcional.

PONTA DE AGULHA

(Cont. da pág. 54)

no braço, nem mais pensava na ponta de agulha. Enfim, achava-se completamente curado.

No entanto, o campeão da tessoura nunca veio a saber que aquela ponta de agulha tinha saído da valise do Dr. Sombra e não do seu braço, como ele supunha. Isto é a pura verdade. Tudo aquilo fôra uma farsa: o exame, a operação, a ponta de agulha...

E hoje (O Borba já não existe) é notório na cidadezinha um adágio que a gente do lugar emprega quando quer se referir a

uma pessoa de pouco juízo; reza assim esse adágio:

"Quem tem ponta de agulha no braço, procure o doutor Sombra".

O DRAMA DA GRECIA

(Cont. da pág. 24)

a Comuna. Em toda parte, a vida tornou-se insuportável para os que se denominavam "comunistas". Diariamente sucediam-se os assassinatos políticos. Os favorecidos pela anistia do dr. Sopholis não se aventuravam a voltar à Tessália porque temiam as perseguições políticas dos bandos monarquistas. E todos os

antigos homens da resistência de ontem, de posse de um fuzil ou de uma metralhadora, subiram às montanhas tal como o fizeram no tempo da invasão alemã e italiana. E dessa forma as fileiras dos "partisans", dia a dia, se tornam maiores, com o número sempre crescente de jovens, homens e até mulheres que se unem aos "andartes". Grupos populares compõem as forças que dominam o massiço de Agrafa e os montes que bordejam o Penée a oeste de Tricala e de Kalambaca. Forças essas mal armadas, mal vestidas e errantes. Na cadeia do Pindo, coração da resistência organizada, e sobre o Pelion, onde os "andartes" são em menor número, os "maquis" superaram essas tendências anarquistas.

(Cont. no próximo num.)

"A RUA DO DELFIM VERDE"

Um folhetim-sintético-ilustrado de
"REVISTA DA SEMANA"

Por ELIZABETH GOUDGE
Desenhos de LAWRENCE BUTCHER



Ele segurou o colar carinhosamente.

QUANDO aquela mão crispada cruzou a mesa em direção à sua garganta, William recuou, mais de surpresa do que de medo. Não havia má intenção aparente. A camisa de William estava aberta no pescoço e o estranho tinha visto o colar lavrado que ele usava em torno dele. Ele o tirou pela cabeça de William, segurando-o depois nas duas mãos, carinhosamente.

— Conhece-se um bom trabalho apenas de vista, rapaz. — disse ele numa voz cava, áspera. — Novo na região?

— Acabo de desembarcar, senhor. — disse William. O homem sorriu. — Já arranhou trabalho? — perguntou.

— Não, senhor. — respondeu William.

— Ótimo. — disse o estranho. — Sou madeireiro. Se quiser, pode trabalhar comigo.

— Mas o senhor nada sabe a meu respeito. — falou William.

— Sei o suficiente. Aqui na Nova Zelândia não se



Haviam cavalgado vários dias pela floresta.

pergunta muita coisa. Você tem um excelente físico. Você sabe respeitar um homem mais velho e é capaz de fazer o que lhe for ordenado; se não fizer, eu o esfolo sem piedade. Minha cabana fica a alguma distância daqui, num aglomerado de umas quarenta almas... sem mulheres, graças a Deus, salvo algumas maoris... todas trabalhando em madeira ou na salga de carne. Você vai trabalhar como o diabo, isso fica por minha conta, e deve estar sempre pronto para o barulho, pois mais cedo ou mais tarde há-de haver guerra entre brancos e nativos. Mas, se você quiser ser meu amigo, nunca levante a mão para um maori. Eles são meus amigos. Meu nome é Timothy Haslam. Os maoris chamam-me Tai Haruru... Mar Bravio.

— Aceito. — disse William.

Cavalgaram os dois durante vários dias, falando pouco, através de florestas belas e densas, mas assustadoras. Uma tarde, Tai Haruru puxou as rédeas na crista de



— E' lá que você vai viver, rapaz.

um morro e desmontou. Apontou para um ajuntamento de cabanas, próximo a uma correnteza prateada, lá em baixo no vale que escurecia.

— E' lá que você vai viver, rapaz. — disse ele. — Só derrubamos árvores dentro daquele trecho. O interior da floresta é reduto maori... uma nação dentro de outra... com fronteiras que nenhum branco ousa atravessar, embora eu lá tenha vivido dez dos vinte anos que estou aqui. Sou de Cumberland, Inglaterra, e a razão de minha vinda para cá não lhe dá respeito.

Puxou longamente o cachimbo e tornou a apontar para o conjunto de cabanas. — Você próprio avaliará os homens que vivem lá. Comer, beber, e gozar, é o moto deles, e só Tai Haruru se lembra de que um dia se há-de morrer.

Os dois montaram e William avançou trepidante para o seu futuro.



Marguerite sempre rezava por ele.

DE volta à ilha, em Le Paradis, o tempo fizera suas transformações. Marguerite Le Patourel, agora com 27 anos, nada perdia de sua dourada beleza. Desde que William partira da ilha que ela se encaminhara mais e mais para a Fé. Rezava por ele constantemente, pois era a única entre as pessoas da ilha que o estimavam que ainda acreditava em que ele estivesse vivo. A última notícia recebida contara o seu desaparecimento na China.

A irmã dela, Marianne, uma vez convencida de que William estava morto, esperava, agora, nos 32 anos, encontrar o "seguido" que ela antes repudiara.

Sophie Le Patourel recebera a idade com algum encanto, embora andasse agora assustada com a próxima chegada de Octavius. Este esbravejava contra o destino.

Uma noite, como ultimamente era costume, estavam os



A voz de Marguerite sumiu quando ela leu: "... sua filha Marianne".

quatro sentados na sala de estar de Le Paradis, jogando cartas. Isso divertia muito Octavius, que ainda conseguia distingui-las. A certa altura do jogo entrou a criada com algumas cartas, que depositou na mesa, em frente a Octavius. Marguerite, o coração na garganta, agarrou febrilmente a que estava em cima. Examinou-a atentamente.

— Uma carta para papai com a letra de William. — sussurrou ela. Houve um grito e Marianne, a forte de espírito, a vigorosa Marianne, caiu de lado, desmaiada, nos braços da mãe. Então, por alguns minutos, tudo foi confusão. Marianne rapidamente voltou a si, rprimou-se e comandou: — Dê-me a carta!

— Está endereçada a mim. — contrariou-a Octavius.

— E Marguerite pode lê-la.



Marianne ergueu-se, o rosto afogueado...

Era uma longa carta. Marguerite leu-a em voz alta, com o coração sentindo por Marianne. "Ela verá agora que é a mim que William ama", pensava ela. William falava em seus anos, na Nova Zelândia, na sua sociedade com Tai Haruru, na sua vida de madeireiro. Dizia como prosperara e como estava construindo agora a sua própria casa. "De fato", escrevia ele, "eu tenho agora tudo o que um homem pode desejar, menos uma esposa".

A voz de Marguerite tremeu na leitura: — "E agora, senhor, chego à finalidade desta carta. Ouvi falar, por um homem que há pouco chegou daí, que a sua filha MARIANNE ainda não está casada... Espero que o senhor permita que ela, e caso ela queira, venha para a Nova Zelândia, para ser minha esposa". Marguerite interrompeu a leitura. Marianne estava de pé, o rosto afogueado, os olhos faiscantes.

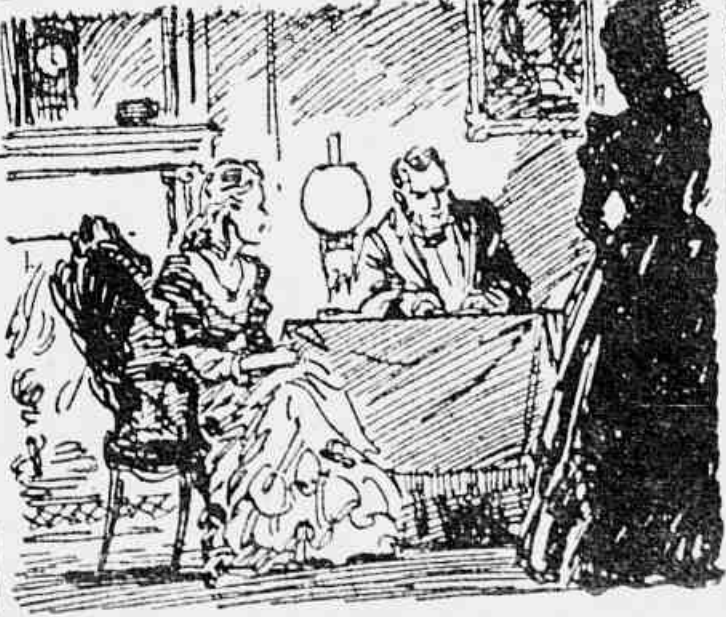


A voz de Marianne foi rispida: — Escreva a William, já!

A carta de William ainda continuava, mas Marguerite deixou que as folhas escapassem dos seus trêmulos dedos... "sua filha MARIANNE... para ser minha esposa..." As palavras ardiam em seu coração. De modo que William nunca a amara, e naquelas dez anos desde que ele partira da ilha ela estivera enganada na sua convicção de que o amor dele lhe pertencia... só a ela.

A voz do pai interrompeu seus pensamentos. — Não! Não! Nenhuma filha minha se há-de casar com um desertor... nunca!

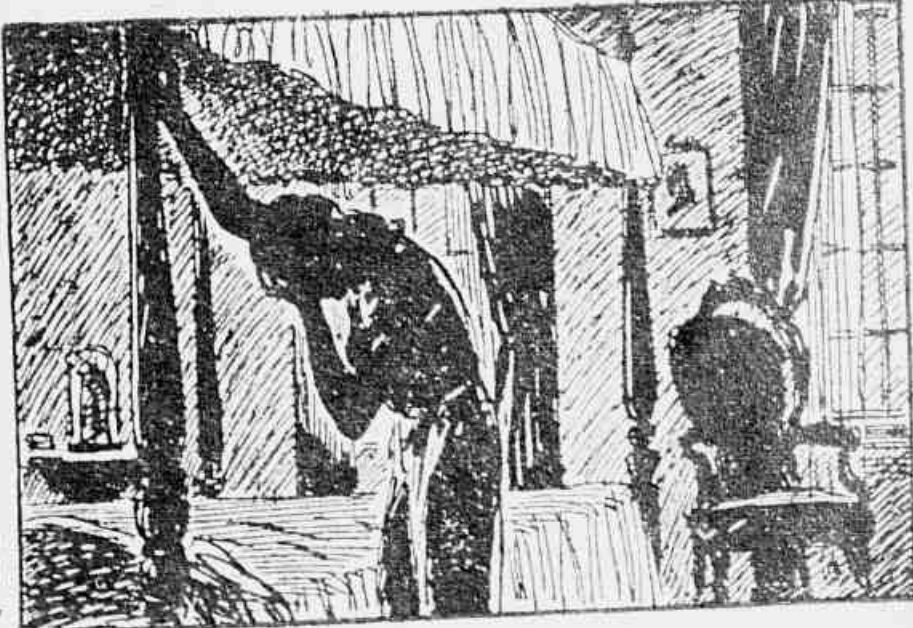
— Sinto muito, papai, mas é exatamente isso o que sua filha pretende fazer. E a carta de William precisa ser respondida, papai, e já! — A voz de Marianne, a despeito da sua evidente felicidade, foi rispida e autoritária. E os protestos de Octavius cederam, como sempre.



Marguerite teve de ditar a carta.

O baralho foi tirado da mesa, substituído por tinta, pena e papel. E acabou Marguerite ditando a carta, pois Octavius mostrou-se incapaz de escrevê-la por si. Foi uma carta bondosa e cortês, capaz de alegrar o coração de qualquer genro em perspectiva. A única coisa estranha que teve foi que de começo a fim não foi mencionado uma só vez o nome de batismo da noiva. Ela foi sempre designada como "Minha filha". Abalada e confusa, Marguerite não conseguia dizer "Marianne" como a noiva de William.

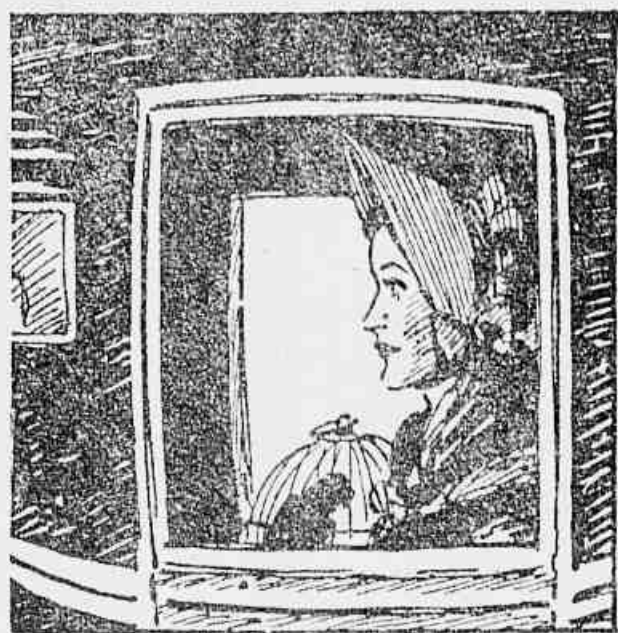
— Você não vai lhe escrever nem um bilhetezinho? — perguntou ela afinal a Marianne. Mas esta, na sua exaltação, estava de todo incapacitada de redigir qualquer coisa. Conseguiu, no entanto, escrever "Amo-o", numa letra disforme, irreconhecível.



"Nunca chore de espantinho..." ela se lembrava.

Assim, William teria uma esposa. A certa ou a errada? Sophie e Marguerite não tinham certeza.

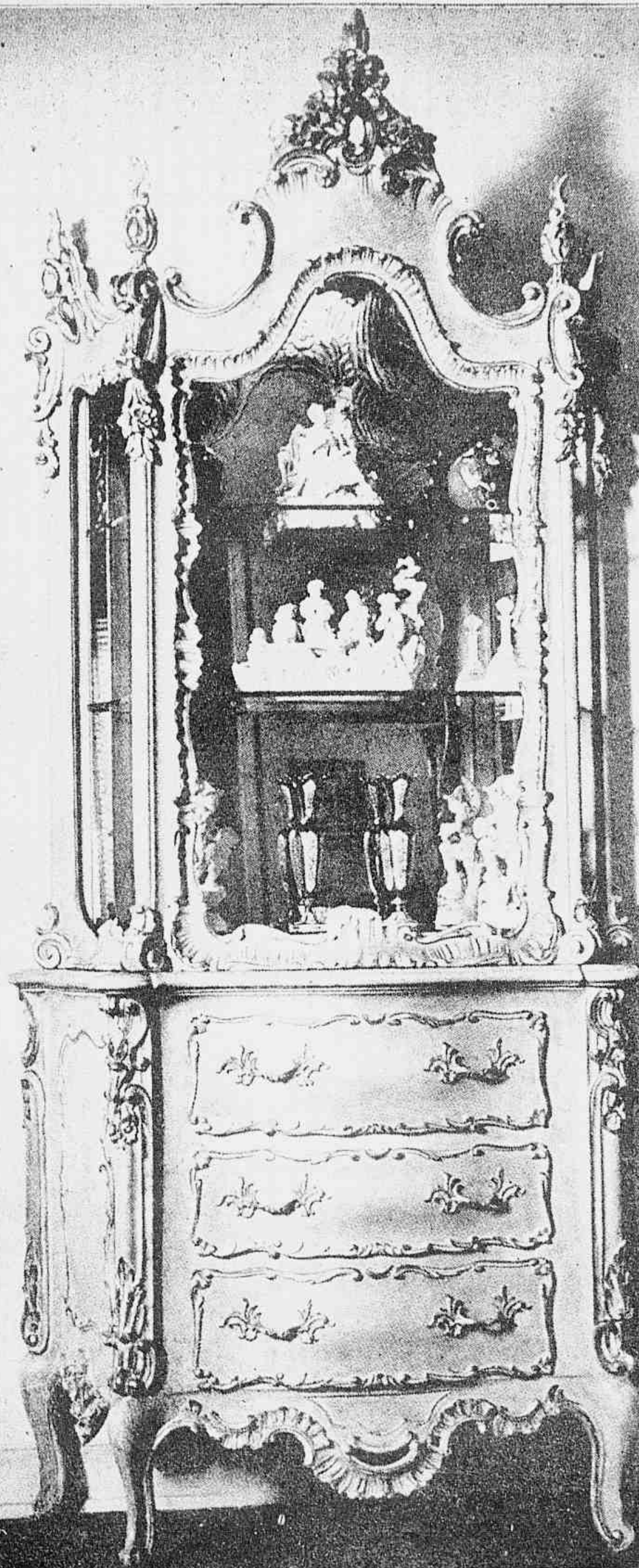
Afinal Marguerite se viu só no quarto, e ainda dominada pelo bom senso, despiendo o seu espantinho. Nunca chore de espantinho. Os corações partem-se menos dolorosamente se estão livres de coisas que os apertem. As horas da humilhação passaram-se lentas e pesadas na escuridão. Uma vez ela ouviu Sophie chegar à sua porta e bater levemente, afastando-se pouco depois. Marguerite ficou profundamente agradecida à mãe pela sua compreensão. Por muito tempo foi a noite a sua única posse, até que, de repente, ela ouviu um gorgolejo alegre. Era um passarinho recebendo a aurora. Marguerite foi para a janela, escancarou-a e se debruçou, sentindo o aroma da terra fresca que subia ao seu encontro. Devia prosseguir na vida, outras auroras viriam... e outras noites.



A black and white illustration of a man in a suit and bow tie, smiling, standing next to a large, dark, textured object, possibly a statue or a large animal head. The man is on the right, wearing a dark suit jacket, a light-colored shirt, and a dark bow tie. He has a mustache and is looking towards the left. The large, dark, textured object is on the left, with a prominent nose and ear visible. The background is simple, with some architectural lines suggesting an indoor setting.

A black and white woodcut-style illustration. In the foreground, a man with a mustache, wearing a long, dark, patterned coat and a top hat, stands facing slightly to the right. He holds a light-colored hat in his left hand. Behind him to the left is a building with a sign that reads 'HANDLER' in large, bold letters. To the right, another man in a top hat and coat stands near a horse-drawn carriage. The scene is set on a street with a cobblestone or similar textured ground. The style is characteristic of 19th-century book illustrations.

— William! William! — gritara Marianne, ao primeiro relance da casa que elle construiu para Marguerite. — Você fez isso para mim? — Elle sorria a Marianne virára-se, passando-lhe os braços amavelmente em torno do pescoço.



Mobiliarios — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA. 67 - RIO



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz